

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO  
MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS - MAST/MCT

Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS  
Mestrado em Museologia e Patrimônio

# **EM DIREÇÃO À MUSEOLOGIA LATINO-AMERICANA:**

***O papel do ICOFOM LAM  
no fortalecimento da Museologia  
como campo disciplinar***

***Luciana Menezes de Carvalho***

***UNIRIO / MAST - RJ, Abril de 2008***

# **Em direção à Museologia latino-americana:**

*O papel do ICOFOM LAM no  
fortalecimento da Museologia como  
campo disciplinar*

*por*

**Luciana Menezes de Carvalho,**  
*Aluna do Curso de Mestrado em Museologia e Patrimônio  
Linha 01 – Museu e Museologia*

Dissertação de Mestrado apresentada à  
Coordenação do Programa de Pós-  
Graduação em Museologia e Patrimônio.

Orientador: Professora Doutora Teresa  
Cristina Moletta Scheiner

Co-orientador: Professor Doutor Marcos Luiz  
Cavalcanti de Miranda

C331 Carvalho, Luciana Menezes de.

Em direção à Museologia latino-americana: o papel do ICOFOM LAM no fortalecimento da Museologia como campo disciplinar / Luciana Menezes de Carvalho. - 2008.

108 f. ; 30 cm.

Orientadores: Profª Drª Tereza Cristina Moletta Scheiner e Prof. Dr. Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio)– Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/Museu de Astronomia e Ciências Afins/Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, 2008.

Bibliografia: f. 100-107.

1. Museu e Museologia - América Latina. 2. ICOFOM LAM. I. Scheiner, Tereza Cristina Moletta. II. Miranda, Marcos Luiz Cavalcanti de. III. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. *Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio*. IV. Museu de Astronomia e Ciências Afins (*Brasil*). V. Título.

CDU – 069.01(8)

## FOLHA DE APROVAÇÃO

# EM DIREÇÃO À MUSEOLOGIA LATINO-AMERICANA:

## O papel do ICOFOM LAM no fortalecimento da Museologia como campo disciplinar

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia e Patrimônio.

**Aprovada por**

**Prof.** \_\_\_\_\_  
Dr. Tereza Cristina Scheiner  
(PPG-PMUS UNIRIO/MAST - Orientadora)

**Prof.** \_\_\_\_\_  
Dr. Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda  
(PPG-PMUS UNIRIO/MAST – Co-orientador)

**Prof.** \_\_\_\_\_  
Dr. Moema de Rezende Vergara  
(PPG-PMUS - UNIRIO/MAST)

**Prof.** \_\_\_\_\_  
Dr. Suely Moraes Ceravolo  
(Departamento de Museologia - UFBA)

*Rio de Janeiro, abril de 2008*

*A minhas avós Anita e Nair, que estiveram presentes em todos os momentos da minha vida,  
inclusive orgulhosas com minha entrada no Mestrado.  
Hoje, a saudade só é suprida pela eterna celebração da memória  
– “Musas” do meu Museu Interior, cujas vozes e falas estarão eternizadas em mim.*

*Ao meu avô Oracy de Carvalho: jornalista, “companheiro de luta” de Fidel Castro,  
Che Guevara e Salvador Allende – que não conheci mas de quem,  
pela “força” da Herança Cultural, herdei o amor e a “luta” por uma América Latina melhor.*

## AGRADECIMENTOS

*A Deus – a “face intangível” do meu “Patrimônio”  
– quem me define, quem me sustenta,  
quem me direciona e me orienta por uma relação impregnada de afetos;*

*A Jorge, meu pai – meu “Gabinete de Curiosidades”: meu grande mestre que,  
ao segurar minhas mãos, com um brilho nos olhos,  
torna minha vida um constante aprendizado;*

*À Rosália, minha mãe – meu “Museu Tradicional exploratório”:  
quem me ensina no dia-a-dia, na vivência, na experiência,  
com todo amor, carinho, seriedade (com doçura)  
e singeleza que só uma mãe pode ter;*

*A Rafael, meu irmão e meu “Ecomuseu”: pela diferença mínima de idade,  
foi o primeiro a me ensinar a base de uma relação democrática:  
dividir, em igualdade, amor, aprendizado, afeto.  
Com quem compartilho as maiores – e melhores, experiências de vida;*

*Aos meus amigos de ontem, de hoje e de sempre,  
em especial ao Ministério de Louvor Sala do Trono:  
a “face dionisíaca” do meu “Museu Interior”  
- relações impregnadas de alegria, amor e emoção;*

*E, não podia faltar, um agradecimento mais que especial  
- aos meus orientadores:*

*Tereza (que pela “emoção” me ensinou a “razão”) – que foi para mim -  
e por isso me ensinou na vivência, sem exageros,  
a síntese de todas as manifestações do Museu;*

*E Marcos, que pela “razão” me ensinou a “emoção” –  
me ensinou que o “rigor acadêmico” pode ser “invadido” pelo contentamento,  
a partir de sua alegre, simples e doce presença.*

*“Teoria é parte da prática, conhecimento é parte da ação.”*

*Klaus Schreiner<sup>1</sup>*

*“[...] Buscando uma identidade  
O sonho da igualdade  
Sonhando pluralidades  
Toda utopia da autenticidade  
O sonho de uma verdade.*

*Meu sonho é sociedade [...]”<sup>2</sup>*

---

<sup>1</sup>SCHREINER, Klaus. [untitled]. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND DEVELOPING COUNTRIES – HELP OR MANIPULATION? **ISS:** ICOFOM STUDY SERIES, Hyderabad, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 15, p. 62, nov. 1988.

<sup>2</sup> Frases da música “O Sonho” de autoria de Kim, César e Júlio - Banda Catedral.

CARVALHO, Luciana Menezes de. **Em direção à Museologia latino-americana: o papel do ICOFOM LAM no fortalecimento da Museologia como campo disciplinar.** 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2008. 107 p. Orientador: Tereza Cristina Moletta Scheiner. Co-orientador: Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda.

## RESUMO

Análise das relações entre a Museologia e seu objeto de estudo, o fenômeno Museu, na América Latina, a partir da produção do Subcomitê Regional do ICOFOM para a América Latina e Caribe - ICOFOM LAM. Para entender esta relação, faz-se uma breve apresentação das questões que envolvem a construção de uma ciência, na interface entre os paradigmas modernos e pós-modernos (interface onde a Museologia inicia seus “primeiros passos”). Em seguida apresenta-se os conceitos e as definições de *campo* de Bourdieu e de Foucault e de *conhecimento* de Miranda, para explicar o processo de construção e consolidação da Museologia como campo do conhecimento, culminando com a criação do Comitê Internacional de Museologia – ICOFOM, do Conselho Internacional de Museus – ICOM. A dissertação propõe uma ‘revolução’ em vários aspectos: primeiramente, ao refletir sobre o processo de configuração do que se denomina América Latina, a autora apropria-se do conceito de “suleação” (orientação usando como ponto de referência o Sul geográfico) – apresentado por Campos – para justificar a importância de uma Museologia voltada para as necessidades da Região; a seguir, identifica os “movimentos” em prol da “desnorтеação” e de uma possível “suleação” da América Latina - mudanças no modo de pensar as questões pertinentes à realidade de nossa Região; finalmente, observa o Museu neste espaço. Considerando o processo reflexivo sobre a consolidação da Museologia, analisa o desenvolvimento da Museologia latino-americana, a partir da criação do Subcomitê Regional do ICOFOM para a América Latina e Caribe - ICOFOM LAM. O trabalho inclui uma análise dos documentos finais de cada encontro deste grupo e de artigos publicados pelos autores e teóricos do ICOFOM LAM.

Palavras-chave: Museu. Museologia. América Latina. ICOM. ICOFOM LAM.



CARVALHO, Luciana Menezes de. **Towards a Latin-American Museology**: the role of ICOFOM LAM in the strengthening of Museology as a disciplinary field. 2008. Dissertation (Master) - Graduate Program in Museology and Heritage, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2008. 107 p. Supervisors: Tereza Cristina Moletta Scheiner, Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda.

## ABSTRACT

Analysis of the relationships between Museology and its main object of study, the Museum as phenomenon, through the theoretical production of Latin American specialists, related to ICOFOM LAM – the Regional Subcommittee of ICOFOM for Latin America and the Caribbean. To understand such relationships, a brief approach is made on discussions about the rise and development of a science, in the crossroads between modern and post-modern paradigms. This is followed by a short discussion on the concepts and definitions of *field*, in Bourdieu and Foucault, and of *knowledge*, in Miranda, which help understanding the process of development and consolidation of Museology as a field of knowledge. In such process, the importance of the International Committee on Museology – ICOFOM is emphasized. A multifaceted 'revolution' is then proposed: first, through the adoption of the concept of 'Southerization' (orientation using as reference point the geographic South) – presented by Campos – in what refers to Latin America, to justify the importance of a Museology dedicated to the needs of the Region; and then, by identifying the tendencies of a possible 'Southerization' of thought. This includes a shift in the ways through which Latin American realities are perceived and studied. Observing the Museum under such light, and considering the theoretical movements that lead to the consolidation of Museology, the dissertation approaches the development of Latin American Museology and the importance of the Regional Subcommittee of ICOFOM for Latin America and the Caribbean – ICOFOM LAM. The work presents an analysis of the final documents of each annual meeting of this group, as well as of articles published by the theorists of ICOFOM LAM.

Keywords: Museum. Museology. Latin America. ICOM. ICOFOM LAM.

## SIGLAS E ABREVIATURAS

**CECA** – ICOM *International Committee for Education and Cultural Action* (Comitê Internacional para a Educação e Ação Cultural - ICOM)

**ICOM** - *International Council of Museums* (Conselho Internacional de Museus) - órgão filiado à UNESCO

**ICOFOM** - *International Committee for Museology, ICOM* (Comitê Internacional de Museologia do Conselho Internacional de Museus)

**ICOFOM LAM** - Subcomitê Regional do Comitê Internacional de Museologia (ICOFOM) para a América Latina e o Caribe

**ICTOP** – *International Committee for the Training of Personnel* (Comitê Internacional de Formação de Pessoal para Museus - ICOM)

**IPHAN** – Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional

**ISS** – *ICOFOM Study Series* (Série Estudos do ICOFOM)

**MINOM** – *International Movement for a New Museology* (Movimento Internacional para uma Nova Museologia)

**MuWoP/DoTraM** – *Museological Working Papers / Documents de Travail sur la Museologie* (Documentos de Trabalho em Museologia)

**OEA** – Organização dos Estados Americanos

**UNESCO** – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura)

# SUMÁRIO

	Pág.
<b>1. INTRODUÇÃO – DIVERSIDADE NA UNIDADE</b>	01
<b>2. A ORGANIZAÇÃO DA MUSEOLOGIA COMO CAMPO DO CONHECIMENTO: INTERFACES MODERNAS E PÓS-MODERNAS</b>	08
2.1 Ciência, conhecimento e formação discursiva	09
2.2 Campo e conhecimento: conceitos e definições	13
2.3 Construção e Consolidação da Museologia como campo disciplinar	16
2.3.1 A criação do Conselho Internacional de Museus - ICOM	20
2.4 O Surgimento e o papel do Comitê INTERNACIONAL de Teoria Museológica – ICOFOM no desenvolvimento da Museologia	23
2.4.1 O ICOFOM como instância de produção e divulgação da Museologia: as publicações	26
2.5 Do pensar a Museologia a uma boa prática museológica	32
<b>3. “VAMOS DECRETAR A REVOLUÇÃO”: “SULEANDO” A MUSEOLOGIA EM DIREÇÃO À AMÉRICA LATINA</b>	33
3.1 O ato de “Sulear” a América Latina	35
3.2 O Museu no espaço Latino-americano	39
3.3 Pensando a realidade latino-americana: primeiras contribuições museológicas	43
3.4 Pensando a Museologia a partir do ICOFOM LAM	48
3.4.1 <i>“Maior é a recompensa do trabalho de duas pessoas”</i> : Os Primeiros Encontros Regionais do ICOFOM LAM (1992-1997)	52
3.4.2 Fortalecimento do ICOFOM LAM e contribuições para o campo museológico (1998-2006)	56
3.4.3 Repensando o ICOFOM LAM: 15 anos de produção museológica	62
<b>4. “VIVA LA REVOLUCIÓN LATINOAMERICANA”: OS TEÓRICOS LATINO-AMERICANOS DO ICOFOM LAM E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DA MUSEOLOGIA</b>	66
4.1 Observando, percebendo e “suleando” o Museu	68
4.2 Museologia como campo disciplinar: o enfoque teórico-filosófico	76
4.3 Museologia transformando as sociedades latino-americanas: o enfoque teórico-social	83
<b>5. CONCLUSÕES - UNIDADE NA DIVERSIDADE</b>	94
<b>REFERÊNCIAS</b>	100

# 1 INTRODUÇÃO

## DIVERSIDADE NA UNIDADE

*“Onde eu me penso, lá eu não estou. Estou onde não penso.*

*Em busca de horizontes perdidos dentro de mim [...]”.*

*Catedral<sup>1</sup>*

Multiétnica. Foi assim que me defini num grupo da *internet*. Porque, definitivamente, não me vejo “enquadrada” em nenhuma etnia. Não me sinto “branca”, nem “negra” e nem “índia” – me sinto um pouco de tudo, e completamente feliz assim. Sou da terceira geração em minha família nascida no estado fluminense, mas isso não significa uma “homogeneidade”, muito pelo contrário: descendente de negros, portugueses, espanhóis e índios, sou fruto de um relacionamento muito comum no Brasil: um homem considerado “branco” com uma mulher considerada “negra” (que, conforme afirmei anteriormente, são descendentes de várias etnias).

Minha pluralidade não pára por aí: apesar do predomínio católico em minha família, meus pais são evangélicos e fui criada desde cedo nesta religião. Apesar do que também possa parecer, não há uma “unidade” (apenas na fé em Jesus) nas práticas evangélicas: no meu caso, criada e membro ativa de uma igreja evangélica tradicional <sup>2</sup>, que valoriza o “culto racional” <sup>3</sup>, freqüente e sou “simpatizante” das práticas pentecostais, que valorizam a liberdade no culto e na adoração a Deus.

E mais: nascida, criada e moradora de Duque de Caxias <sup>4</sup> tive que, todos os dias durante a faculdade e o Mestrado <sup>5</sup>, deslocar-me para a Urca <sup>6</sup> - lugar de referência na cidade, onde fica um dos seus maiores cartões-postais: o Pão de Açúcar. Fazia o mesmo trajeto que milhares de pessoas fazem todos os dias: ir da “periferia” em direção ao “centro”.

Independente das múltiplas falas e experiências que me compõem, sou **um ser** vivo e pensante, ardente por novas experiências identitárias, em redes de relações complexas. Posso dizer, com ousadia, que sou uma **síntese da América Latina**: espaço configurado pela existência de diversas etnias, pelo sincretismo religioso e pelas diferenças sociais configuradas nos diferentes locais, além dos constantes “êxodos” – das “periferias” para os “centros” - nas grandes cidades.

<sup>1</sup> Frase da música “Aos ouvidos dos sensíveis de coração” de autoria de Kim, César e Júlio - Banda Catedral.

<sup>2</sup> Sou membro de uma igreja pertencente à denominação Batista, denominação cuja origem remete ao século XVII e presente no Brasil desde o final do século XIX.

<sup>3</sup> Expressão usada pelo apóstolo Paulo em Romanos 12:1. Na denominação Batista, os cultos seguem uma ordem pré-estabelecida.

<sup>4</sup> Município da Baixada Fluminense, faz divisa com a capital do estado – Rio de Janeiro – e é pertencente ao denominado “Grande Rio”. O município possui a segunda maior renda do estado, porém é também um dos maiores em desigualdade social.

<sup>5</sup> Formada pela Escola de Museologia, no mesmo prédio onde está localizado o Mestrado em Museologia.

<sup>6</sup> Bairro da cidade do Rio de Janeiro, localizado na Zona Sul – área nobre da cidade.

Pode parecer contraditório me referenciar como síntese de algo tão complexo e múltiplo como a América Latina, mas é justamente **a diversidade que configura a unidade**. No meu caso, são todas as experiências citadas e outras que configuram e definem a Luciana que escreveu esta dissertação. No caso da América Latina, são todas estas multiplicidades que a configuram e a definem como tal e, no momento, objeto de estudo da Luciana.

Nas palavras de Paulo Freire:

Ninguém chega a parte alguma só, [...] Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida [...] Experimentamos, é certo, na travessia que fazemos, um alvoroço na alma, síntese de sentimentos contraditórios [...] Do alvoroço da alma faz parte também a dor da ruptura do sonho, da utopia. A ameaça da perda da esperança.<sup>7</sup>

Durante muito tempo a identidade foi vista como uma “essência acabada”. Por isso, segundo Canen, quando uma abordagem multicultural é construída sobre essa suposição, mesmo que valorize a pluralidade de identidades, irá visualizá-las como entidades estanques: ‘o negro’, ‘o índio’, ‘a mulher’, ‘o deficiente’ e assim por diante.<sup>8</sup> Temos como exemplo as perspectivas multiculturais folclóricas que ainda não incorporaram o caráter de construção das identidades, não se voltaram ao papel dos discursos nessa construção e “[...] sem considerar o dinamismo, o hibridismo, as sínteses culturais e o movimento constante que resulta em novas identidades.”<sup>9</sup>

Por isso, “[...] uma tomada de posição impõe-se a nossos museus, que estão numa posição privilegiada para gerar uma vontade coletiva de preservação das identidades culturais”<sup>10</sup>. Este foi o clamor de tantos que pensaram sobre o papel dos museus frente às necessidades dos povos. No entanto, é fato que sobre Museu e Museologia, “fala-se muito e conhece-se pouco”<sup>11</sup> - principalmente no que tange à “razão de ser” da instância **Museu**.

Até porque há controvérsias, sobretudo quanto à **origem do Museu, entendido aqui nesta dissertação, desde o princípio, como um fenômeno**<sup>12</sup>. Durante muito tempo acreditou-se que a origem do Museu seria o “Templo das Musas” ou “*Mouseion*”. Entretanto, ao considerar apenas esta origem – que remete à idéia de templo, espaço físico – estaríamos apenas considerando uma manifestação específica deste fenômeno e o

<sup>7</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança** – Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 32-33.

<sup>8</sup> CANEN, Ana. O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação. **Comunicação & Política** – Pela integração latino-americana, Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, v. 25, n. 2, maio-agosto 2007, p. 94.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 94-95.

<sup>10</sup> GORGAS, Mónica. Os museus e a crise dos povos de identidade concorrente. In: MUSEOLOGIA E DIVERSIDADE CULTURAL NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. **ICOFOM LAM**, Cidade do México, México, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 117-129, Jun. 1998.

<sup>11</sup> SCHEINER, Tereza. Museologia, Globalismo e diversidade cultural. In: op. cit., p. 143-174.

<sup>12</sup> Esta percepção será melhor explicitada no decorrer da dissertação.

limitando a esta somente. A ênfase no entendimento da origem do Museu permite que este “mito” seja desvelado – desde que se instaurou na sociedade europeia do século XVIII<sup>13</sup>, e onde percebido durante muito tempo como a única forma de *ser Museu* existente. Poderia dizer-se que este modelo sofreu transformações ao ser implantado em outros territórios, como foi no caso da América Latina, porém mesmo assim este modelo sempre terá a “voz e a face de seu criador”<sup>14</sup>.

Se a Luciana - múltipla, contraditória, é uma síntese da América Latina, como pensar que um modelo importado de Museu pode representar este espaço? Constatando este fato, Scheiner nos revela que a origem do Museu não está no Templo em si, mas nas Musas, “[...] responsáveis, no panteão grego, pela manutenção da identidade do seu próprio universo.”<sup>15</sup> Afirma também que

Esta é a origem que acreditamos para o Museu: não o Mouseion, o templo das musas – mas o Mousaon, instância de presentificação das musas, de recriação do mundo por meio da memória. Ele pode existir em todos os lugares, em todos os tempos: espaço simultaneamente intelectual e criativo, existirá onde o Homem estiver, e na medida quem que assim for nominado. Potência inesgotável, recria-se continuamente, seduzindo o ouvinte com o fascínio de sua voz. E como as palavras falam do que é real e do que não é real, o Museu pode ser, simultaneamente, a verdade (real) e a ilusão da verdade (fantasia); a permanência (registro) e a irrupção do novo (espontaneidade, criação). A origem do Museu é portanto puramente intangível: sopro, espontaneidade, multiplicidade, comunicação.<sup>16</sup>

(Re)pensar o Museu deste modo é um passo muito importante para entendermos as multiplicidades latino-americanas, movimento que se seguirá ao longo desta dissertação. Ensinando “o caminho da pedras”, García Canclini afirma que o estudo da identidade deve partir da heterogeneidade e da hibridação<sup>17</sup> – definidas como:

[...] processos socioculturais nos quais as estruturas ou práticas discretas, que existam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas, [...], considerando o fato de que tais “práticas discretas” são resultados de outras práticas, não sendo “fontes puras”.<sup>18</sup>

Estudar tais processos servirá para conhecermos e nos situarmos em meio à heterogeneidade, além de podermos trabalhar de forma democrática com as divergências.<sup>19</sup>

Assim, **a Museologia, como campo de conhecimento do Museu**, conforme

<sup>13</sup> SCHEINER, Tereza. Museologia, Globalismo e diversidade cultural. In: MUSEOLOGIA E DIVERSIDADE CULTURAL NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. **ICOFOM LAM**, Cidade do México, México, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 143-174, Jun. 1998.

<sup>14</sup> Ibidem.

<sup>15</sup> Idem. Museologia e Pesquisa: Perspectivas na Atualidade. In: BRASIL. Museu de Astronomia e Ciências Afins. **Museu: Instituição de Pesquisa**. Rio de Janeiro, RJ, 2005. p. 90.

<sup>16</sup> SCHEINER, loc. cit.

<sup>17</sup> GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2ª. ed. São Paulo: EDUSP, 1998. p. XXIII.

<sup>18</sup> Ibidem, p. XIX.

<sup>19</sup> Ibidem, p. XXIV-XXVIII.

constataremos no decorrer da dissertação, deve basear-se ao estudar as necessidades da América Latina. E mais: a partir de teóricos inseridos neste espaço, impregnados das relações que os permeiam. Profissionais diferentes e interligados, que pensam a Museologia debruçando-se sobre esta complexidade rica e fascinante. Posso afirmar também que sou um “exemplo” da heterogeneidade dos teóricos latino-americanos da Museologia.

É a partir destas constatações que se sustenta esta dissertação: **a presença da Museologia no espaço latino-americano, seu desenvolvimento e fortalecimento**. Os objetivos da pesquisa são: 1) Refletir sobre a Museologia como campo do conhecimento e sobre aspectos do seu desenvolvimento na América Latina; 2) Abordar a produção teórica latino-americana no campo da Museologia, tomando como ponto de partida o ICOFOM LAM; 3) Ressaltar o caráter transformador destas contribuições para o campo da Museologia, em suas interfaces com o Patrimônio e a Cultura na América Latina.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da dissertação foi: 1) Análise de literatura específica do campo, destacando a produção teórica latino-americana; 2) Estudo das interfaces entre a produção internacional e latino-americanas; 3) Estudo de relações entre a Cultura latino-americana, conforme expressa em García Canclini, Paulo Freire, entre outros e o desenvolvimento dos estudos teóricos sobre Museologia na Região.

O caminho trilhado para alcançar os objetivos e a metodologia está dividido nas seções seguintes da dissertação. Na *segunda seção*, abriremos as discussões com as questões que envolvem a construção de uma ciência segundo os paradigmas modernos, a fim de chegarmos à interface entre estes paradigmas e os pós-modernos (interface onde a Museologia inicia seus “primeiros passos”). Em seguida discutiremos os conceitos e as definições de **campo** de Bourdieu e de Foucault e de **conhecimento** de Miranda para entender posteriormente o processo de construção e consolidação da Museologia como campo do conhecimento.

O processo de consolidação da Museologia tem seu ápice na criação do Comitê Internacional de Museologia – ICOFOM, do Conselho Internacional de Museus – ICOM. Apresentaremos, de forma sucinta, a criação do ICOM e conseqüentemente a criação e estabelecimento do ICOFOM. A principal função do ICOFOM é a de estabelecer um debate entre os teóricos, a nível mundial, sobre o estudo da Museologia. Em seguida apresentaremos as principais discussões no âmbito deste comitê sobre a constituição do campo da Museologia, a partir das suas publicações: os **MuWoP** (Museological Working Papers) e os **ISS** (ICOFOM STUDY SERIES).

Na *terceira seção*, **decretamos uma revolução** em vários aspectos: primeiramente, ao refletir sobre o processo de configuração do que denominamos América Latina, nos



apropriamos do conceito de “**suleação**”<sup>20</sup> – apresentado por Márcio Campos – para justificar a importância de uma Museologia voltada para as necessidades da América Latina. Assim, identificando os “movimentos” em prol da “desnorтеação” e de uma possível “suleação” da América Latina - mudanças no modo de pensar as questões pertinentes à realidade de nossa Região; “**observando**” o **Museu neste espaço**; e considerando o processo reflexivo sobre a consolidação da Museologia, delineado na segunda seção, apresentaremos o desenvolvimento da Museologia latino-americana, culminando na criação do **Subcomitê Regional do ICOFOM para a América Latina e Caribe - ICOFOM LAM**.

A partir dos referenciais e da realidade latino-americana, o ICOFOM LAM se debruça e se dedica sobre as questões referentes ao papel do fenômeno Museu e da Museologia, como campo intrinsecamente ligado a tais questões, possibilitando uma mudança efetiva na prática e desenvolvendo seus trabalhos em direção a uma linha de pensamento própria dos profissionais latino-americanos. Podemos constatar esta afirmativa nos documentos finais dos encontros realizados - apresentados, de forma sucinta, nesta seção. O ICOFOM LAM propicia, de forma sistemática, que pensadores latino-americanos possam ler a produção de seus contemporâneos, além de possibilitar um debate produtivo para o campo. É nessas afirmativas que consistirá o **ato revolucionário de “sulear” a Museologia**.

E, na *quarta seção*, o debate se estende aos autores e teóricos latino-americanos, a partir de seus artigos publicados nos livros do ICOFOM LAM, dialogando com outros pensadores da Região. Tais debates e reflexões dos teóricos se debruçam sobre questões pertinentes à construção da Museologia como campo. Num primeiro momento, apresentamos as contribuições acerca do Museu, considerando as questões que apresentamos nesta introdução. Em seguida, as discussões retornam para a Museologia como campo, a partir de um enfoque epistemológico e filosófico e, por último, reflexões voltadas efetivamente para a prática museológica com o objetivo de **transformar, “suleando”, a América Latina**.

Concluindo, entraremos num jogo de palavras: ao abrir a dissertação enfatizando a diversidade presente na “unidade”, faremos o movimento oposto – buscaremos a “unidade” na diversidade, lançando perguntas como: onde está o consenso da Museologia? A pergunta é resultado dos anos de reflexão sobre a produção do ICOFOM e, subsequentemente, do ICOFOM LAM. A resposta para a pergunta? Tentaremos apresentá-la nas conclusões.

---

<sup>20</sup> Orientação usando como ponto de referência o Sul geográfico.

Aceitar a responsabilidade de pensar a Museologia é mais que um compromisso ético com nossa profissão: é uma busca para nos definirmos como pessoas e seres humanos. Perceber como se dão as relações entre as pessoas, comparando-as com manifestações do Museu – conforme fizemos na dedicatória e nos agradecimentos – só é possível quando se apreende a maleabilidade do Museu em se manifestar em diversos espaços – e também nas relações. A epígrafe desta introdução portanto não se refere só a nós, mas a Museologia e ao Museu também. A busca por “horizontes perdidos dentro de mim” – isto é, da Museologia e do Museu - permeará esta dissertação.

## **02 - A organização da Museologia como campo do conhecimento:**

interfaces modernas e pós-modernas

## 02 – A organização da Museologia como campo do conhecimento: interfaces modernas e pós-modernas

*“Pensar a Museologia é, pois, um fascinante exercício intelectual [...]”*

*Tereza Scheiner<sup>1</sup>*

Realmente, pensar a Museologia é um fascinante exercício intelectual e, por isso, não é uma tarefa fácil, como disse esta mesma autora. É mergulhar em um mundo novo e desconhecido, desbravado a partir da segunda metade do século XX. O que acontecia anteriormente eram reflexões sobre o Museu – percebido atualmente como fenômeno e como objeto de estudo da Museologia – e que de certa forma estão ligadas à construção da Museologia. Porém, o entendimento da Museologia como o campo voltado para o Museu é recente em relação aos outros campos do conhecimento.

Como estamos dispostos a mergulhar neste “exercício filosófico”, traçamos um caminho a percorrer. Primeiramente, é necessário discutir as questões que envolvem a construção de uma ciência segundo os paradigmas modernos, a fim de chegarmos à interface entre estes paradigmas e os pós-modernos (interface onde a Museologia inicia seus “primeiros passos”). Em seguida discutiremos os conceitos de **campo** de Bourdieu e de Foucault para entender posteriormente o processo de construção e consolidação da Museologia como campo, reforçando a importância do Conselho Internacional de Museus – ICOM e do Comitê Internacional de Museologia – ICOFOM no desenvolvimento da Museologia, a nível mundial.

### 2.1. CIÊNCIA, CONHECIMENTO E FORMAÇÃO DISCURSIVA

A ciência constitui-se a partir de jogos de tensões oriundos de um enunciado e da relação que este gera entre os envolvidos – remetente e destinatário. Lyotard assegura esta afirmação, quando exemplifica:

Copérnico declara que a trajetória dos planetas é circular. Que a proposição seja verdadeira ou falsa, ela comporta um conjunto de tensões e cada uma influencia sobre cada um dos postos pragmáticos que ela coloca em jogo – remetente, destinatário, referente. Estas ‘tensões’ são tipos de prescrições que regulam a aceitabilidade do enunciado enquanto ‘de ciência’.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> SCHEINER, Tereza. Museum and Museology – Definitions in process. In: MAIRESSE, François (Org.). **Defining the Museum**. Morlanwez, Belgium: Musée royal de Mariemont, 2005. p. 178. pré-ed.

<sup>2</sup> LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 6 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. p. 44.

O que a ciência proporciona, na verdade, seria o debate entre os pares – remetente e destinatário – rumo ao consenso, que por sua vez não necessariamente remete à verdade, “[...] mas supõe-se que a verdade de um enunciado não pode deixar de suscitar o consenso.”<sup>3</sup>

E não é somente a verdade do seu enunciado, mas sua própria competência que está em jogo neste debate; pois a competência não é nunca adquirida, ela depende do enunciado proposto ser ou não considerado discutível numa seqüência de argumentações e de refutações entre pares. A verdade do enunciado e a competência do enunciador são assim submetidas ao assentimento da coletividade de iguais em competência. É preciso, portanto, formar iguais.<sup>4</sup>

É este debate rumo ao consenso que a torna possível (a ciência) e que a legitima. Ao colocarmos a ciência novamente em questão como **formação discursiva**, deve-se focar, não as contradições formais de suas proposições, mas o sistema de formação de seus objetos, tipos de enunciação, conceitos e escolhas teóricas. Assim, a perceberemos como prática entre outras práticas.<sup>5</sup>

Segundo Foucault, a análise das formações discursivas, em suas relações com as figuras epistemológicas e as ciências, denomina-se como análise da *episteme*. Por *episteme* entende-se, na verdade, o conjunto das relações que podem unir, em uma dada época, as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas, a ciências, eventualmente a sistemas formalizados.<sup>6</sup>

A *episteme* não é uma forma de conhecimento, ou um tipo de racionalidade que, atravessando as ciências mais diversas, manifestaria a unidade soberana de um sujeito, de um espírito ou de uma época; é o conjunto das relações que podem ser descobertas, para uma época dada, entre as ciências, quando estas são analisadas no nível das regularidades discursivas.<sup>7</sup>

É necessário ressaltar que este “fazer ciência” foi constituído sob os parâmetros da Modernidade, aqui entendido como o período que se “inicia” quando a percepção do espaço e do tempo são separados entre si e da prática da vida<sup>8</sup>, podendo ser teorizados como categorias diferentes e independentes: na modernidade o tempo tem história.<sup>9</sup> É neste período que a maioria das consideradas “ciências” se constitui, com base no racionalismo cartesiano e na busca do progresso, isto é, na “evolução” da humanidade. Segundo Braga, citando Szmrecsányi (2001, p. 170), até o término da Primeira Revolução Industrial, as

<sup>3</sup> LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 6 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 45-46.

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 208.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 214.

<sup>7</sup> FOUCAULT, loc. cit.

<sup>8</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001. p. 15.

<sup>9</sup> BAUMAN, loc. cit.

ciências e a tecnologia permaneceram separadas entre si. Contudo, o progresso técnico tendeu a preceder o progresso científico, criando problemas que as ciências se viram forçadas a resolver em seguida,<sup>10</sup> resultando, o que ficou claro durante os séculos XVIII e XIX, na sedimentação das ciências, pois necessitavam cada vez mais de “profissionais com formação específica que estejam inseridos no meio científico”.<sup>11</sup>

Contudo, segundo Canclini, a modernidade é vista como “uma máscara”. As oligarquias liberais do final do século XIX e início do século XX teriam “feito de conta” que constituíam Estados, mas apenas organizaram algumas áreas da sociedade para promover um desenvolvimento subordinado e inconsciente. E como se não bastasse “[...] fizeram de conta que formaram culturas nacionais e mal construíram culturas de elite, [...]”<sup>12</sup>.

Baseado nessa premissa inicia-se então um processo de deslegitimação movido pela própria exigência de legitimação<sup>13</sup>. Para Lyotard,

A ‘crise’ do saber científico, cujos sinais se multiplicam desde o fim do século XIX, não provém de uma proliferação fortuita das ciências, que seria ela mesma o efeito do progresso das técnicas e da expansão do capitalismo. Ela procede da erosão interna do princípio de legitimação do saber. Esta erosão opera no jogo especulativo, e ela é que, ao afrouxar a trama enciclopédica na qual cada ciência devia encontrar seu lugar, deixas se emanciparem.<sup>14</sup>

Acontece então o inevitável: as delimitações clássicas dos diversos campos científicos passam por um requestionamento, por uma crise onde disciplinas desaparecem, invasões se produzem nas fronteiras das ciências, de onde nascem novos campos. A “hierarquia dos conhecimentos” cede espaço a uma rede superficial, cujas respectivas fronteiras não cessam de se deslocar.<sup>15</sup>

Sob as grandes continuidades do pensamento, sob as manifestações maciças e homogêneas de um espírito ou de uma mentalidade coletiva, sob o devir obstinado de uma ciência que luta apaixonadamente por existir e por se aperfeiçoar desde seu começo, sob a persistência de um gênero, de uma forma, de uma disciplina, de uma atividade teórica, procura-se agora detectar a incidência das interrupções, cuja posição e natureza são, aliás, bastante diversas.<sup>16</sup>

A partir de mudanças paradigmáticas ocorridas na história do pensamento e da técnica, principalmente durante o século XX, surgem críticas que apontam justamente para

<sup>10</sup> SZMRECSÁNYI (2001, p. 170 apud BRAGA, Maria do Rosário de Assumpção. **Relações entre arte e ciência em museus de ciência**. 2004. Dissertação (Mestrado em História das Ciências) - Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2004. p. 67).

<sup>11</sup> SZMRECSÁNYI (2001, p. 139 apud BRAGA, op. cit., p. 67-68).

<sup>12</sup> GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 25.

<sup>13</sup> LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 6 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. p. 71.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 71.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 71-72.

<sup>16</sup> FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 4-5.

os fundamentos de grande parte dos conceitos sobre o Homem e sua relação com o Real – conceitos estes essencialmente ligados ao modo de pensar característico da Modernidade: **a crença na Verdade, alcançável pela Razão.**

O que se propõe agora são novos valores, ligados a conceitos menos sistemáticos e fechados. Esta mudança é uma das principais características do que alguns autores denominam Pós-Modernidade – ou Atualidade.<sup>17</sup>

Entretanto, apesar da idéia levar aparentemente a um período que substituiria o anterior, a Pós-Modernidade não surge como um período a substituir a Modernidade, e sim como “[...] um questionamento acerca dos equívocos desta última em relação às tradições que desejam ‘excluir ou superar para constituir-se’.”<sup>18</sup> É neste período que questões já debatidas anteriormente voltam à tona, e “novas” visões de mundo são instauradas: como exemplo temos o surgimento do **paradigma holista** – baseado principalmente em Spinoza<sup>19</sup> – cuja visão baseia-se na **percepção do Real como um todo, e do mundo como um organismo**. As ciências, neste período pós-moderno, (re)descobriram “[...] que qualquer problema pode ser visto através de uma abordagem ampla e interconexa e não através de uma visão reducionista da realidade.”<sup>20</sup> Redescobriram porque toda a cultura oriental baseia-se no holismo, há milênios, influenciando todos os campos do conhecimento.<sup>21</sup>

Segundo Santiago,

[...] aos seus próprios olhos, a pós-modernidade é antitotalitária, isto é, democraticamente fragmentada, e serve para afiar a nossa inteligência para o que é heterogêneo, marginal, marginalizado, cotidiano, a fim de que a razão histórica ali enxergue novos objetos de estudo. Perde-se a grandiosidade, ganha-se a tolerância. Em lugar do dever histórico do Homem, tem-se a integração plena do cidadão em comunidades. E é a estas ‘placas’ (a palavra é de Lyotard) de sociabilidade que se dirige o olhar pós-moderno, buscando compreendê-las ao mesmo tempo na sua autenticidade e na sua precariedade.<sup>22</sup>

Segundo Foucault, o emprego dos conceitos de **descontinuidade, ruptura, limite, série, transformação**, colocam, a qualquer análise histórica, não somente questões de

<sup>17</sup> (1) Como por exemplo, Márcio Tavares D’Amaral, em seu livro *Contemporaneidade e Novas Tecnologias*. AMARAL, Márcio Tavares D’ (org.). **Contemporaneidade e Novas Tecnologias**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.

<sup>18</sup> GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 28.

<sup>19</sup> Filósofo Holandês que viveu de 1632 a 1677. Acreditava que “[...] a substância pensante e a substância extensa são uma e a mesma substância, compreendida ora sob um atributo, ora sobre outro. Da mesma maneira, também um modo da extensão e a idéia desse modo são uma mesma coisa, mas expressa de duas maneiras diferentes.” (SPINOZA, 1973, p. 147). “Por substância, Deus ou natureza, ele entende tudo o que existe, inclusive o que se compõe de espírito.” GAARDNER, Jostein. **O mundo de Sofia**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1995. p. 270.

<sup>20</sup> SEPÚLVEDA, Fernando Antonio Miranda. **A gênese do pensar de Ranganathan: um olhar sobre as culturas que o influenciaram**. Disponível em: < <http://www.conexao.org/bit> >. Acesso em: 25 jun. 2007. p. 2.

<sup>21</sup> SEPÚLVEDA, loc. cit.

<sup>22</sup> SANTIAGO, Silvano. A explosiva exteriorização do saber. In: LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 6 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. p. 127.

procedimento, mas também problemas teóricos<sup>23</sup>. Entretanto, só serão considerados em um campo particular: nessas disciplinas tão incertas de suas fronteiras, tão indecisas em seu conteúdo<sup>24</sup>.

É neste contexto da história do pensamento que **a Museologia se organiza como campo de conhecimento**, na segunda metade do século XX. Logo, como declara Scheiner, esta deve ser analisada a partir das realidades científicas e filosóficas do ambiente contemporâneo ou, no mínimo, no cruzamento entre as tendências epistêmicas da Modernidade e da Atualidade. E, portanto, para dar-lhe um estatuto científico, seria necessário investigar suas possibilidades de inserção num corpo de saberes que Moles define como ‘ciências do impreciso’ – organizadas no cruzamento de diferentes saberes instituídos, não tendo limites precisos - e que só podem ser compreendidas em processo.<sup>25</sup>

Como então querer estabelecer a Museologia como ciência nos parâmetros da Modernidade, numa busca rigorosa e sistemática por um objeto de estudo, por uma metodologia e/ou por um sistema de conhecimento? Sendo assim, poderíamos denominá-la como ciência? Haveria esta necessidade - ou poderíamos denominá-la como um campo de conhecimento nos parâmetros contemporâneos? Para tal, precisamos agora entender o que seria um campo do conhecimento, segundo os conceitos do sociólogo Pierre Bourdieu e do historiador Michel Foucault.

## 2.2. CAMPO E CONHECIMENTO: CONCEITOS E DEFINIÇÕES

Diana Lima, em sua pesquisa de doutorado, afirmou que foi Bourdieu “quem estabeleceu um modelo para o entendimento do conhecimento acadêmico”, a partir da formulação da Teoria Geral da Economia dos Campos.<sup>26</sup>

O campo simbólico – campos regionalizados de produção simbólica – enseja no âmago de suas comunidades especializadas [...] constitui espaço estruturado de atividades sociais significativas concernentes ao exercício de um código comum de transmissão cultural.<sup>27</sup>

O campo simbólico é constituído como uma configuração de relações socialmente distribuídas, aceitas e justificadas, através da distribuição das diversas formas de capital, sendo que, no caso da cultura - o capital é simbólico. As relações existentes no interior de

<sup>23</sup> FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 23.

<sup>24</sup> FOUCAULT, loc. cit.

<sup>25</sup> SCHEINER, Tereza. Museologia e pesquisa: perspectivas na Atualidade. In: MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS (Brasil). **Museu: Instituição de pesquisa**. Rio de Janeiro, 2005. p. 87.

<sup>26</sup> BOURDIEU (1993 apud LIMA, Diana Farjalla Correia. **Ciência da Informação, Museologia e Fertilização Interdisciplinar: Informação em Arte, um novo campo do saber**. 2003. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro. p. 47).



cada campo e entre os mesmos definem-se objetivamente, independentemente da consciência, vontades, estratégias ou crenças individuais.<sup>28</sup>

Para Bourdieu, dos capitais existentes, o simbólico aparece como superior aos demais, por dar sentido ao mundo e transitar por todos os campos. Vinculado a tais questões, Bourdieu apresenta o conceito de “poder simbólico”:

O poder simbólico é um poder de fazer coisas com palavras. E somente na medida em que é verdadeira, isto é, adequada às coisas, que a descrição faz as coisas. Nesse sentido, o poder simbólico é um poder de consagração ou de revelação, um poder de consagrar ou de revelar coisas que já existem. Isso significa que ele não faz nada? De fato, como uma constelação que começa a existir somente quando é selecionada e designada como tal, um grupo - classe, sexo, religião, nação - só começa a existir enquanto tal, para os que fazem parte dele e para os outros, quando é distinguido segundo um princípio qualquer dos outros grupos, isto é, através do conhecimento e do reconhecimento.<sup>29</sup>

Assim, o poder simbólico é capaz de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo – “[...] poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força [...] graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário”<sup>30</sup>. No entanto, este poder simbólico “[...] só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”<sup>31</sup>.

Se o poder simbólico é capaz de **consagrar ou revelar algo que já existe, confirmando ou transformando determinada visão de mundo** [grifo nosso], posso imaginar que a Museologia, como campo do conhecimento, possuiria o “poder simbólico” de **(re)conhecer e revelar algo que já existe anteriormente a ela: o fenômeno Museu.**

Foucault afirma que a configuração de um campo enunciativo compreende, também, formas de *coexistência*. Estas delineiam um *campo de presença* (isto é, onde todos os enunciados já formulados em alguma outra parte são retomados para serem criticados, discutidos e julgados, assim como os que são rejeitados ou excluídos); e um *campo de concomitância* (enunciados que se referem a domínios de objetos inteiramente diferentes e que pertencem a tipos de discurso totalmente diversos, mas que atuam entre os enunciados estudados). O campo enunciativo compreende ainda o que se poderia chamar um *domínio de memória* (referente aos enunciados que não são mais nem admitidos nem discutidos,

<sup>27</sup> Ibidem, p. 50-51.

<sup>28</sup> Tal definição é baseada nos comentários do Prof. Dr. Nilson Moraes para serem debatidos durante uma aula da disciplina **Cultura e Sociedade: Itinerários Simbólicos**, do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - PPG-PMUS. BOURDIEU (1976 apud MORAES, 2006). BOURDIEU, Pierre. **Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1976.

<sup>29</sup> Ibidem.

<sup>30</sup> BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 14-15.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 7-8.

mas em relação aos quais se estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica).<sup>32</sup> Segundo Braga, “[...] a autonomia do campo científico e as lutas internas a ele podem produzir situações de surpresa para os produtores, que vêem seus produtos científicos utilizados de forma diversa à que estes produtores haviam imaginado.”<sup>33</sup>

Sabemos então o que seria campo, mas o que seria o **conhecimento**? Segundo Miranda, o conhecimento seria um “[...] processo de reflexão crítica que poderá conduzir à descoberta das características de um dado objeto ou fenômeno.”<sup>34</sup> O conhecimento, portanto “[...] requer uma atitude crítica e prática, que envolve o mundo da sensação, o da percepção e o do intelecto do ser pensante.”<sup>35</sup>

O conhecimento é obtido, numa visão fenomenológica, através das sensações que os seres e fenômenos nos dão de si. Essas sensações proporcionam-nos a imagem do universo real. Quem conhece alguma coisa, de certo modo apropria-se do objeto que conheceu, transformando-o em conceito.<sup>36</sup>

Miranda lembra, respaldando-se em Dahlberg, que o ponto principal da teoria da organização do conhecimento consiste no fato de que esta – independente de qual seja o conhecimento que está sendo organizado - deve basear-se “[...] em unidades de conhecimento, que nada mais são do que conceitos. E estes consistem de elementos de conceitos, também denominados de características de conceitos.”<sup>37</sup>

A partir daí, poderíamos então inferir que a **Museologia se articularia a partir de um duplo movimento: a) gerar e constituir conhecimento; b) organizá-lo, sob a forma de termos e conceitos, reconhecidos pelos estudiosos como específicos do campo. Sem dúvida, neste processo, estaria em destaque a capacidade de dominar, transformar e adaptar o conhecimento sobre o fenômeno Museu, segundo as suas necessidades**<sup>38</sup>.

Lembremos o que afirma Scheiner: que a característica principal do Museu é a **maleabilidade para se manifestar de diferentes formas, em diferentes tempos e espaços**: das próprias Musas, passando pelo templo das Musas e pelo *Mouseion* de

<sup>32</sup> FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 64.

<sup>33</sup> BRAGA, Maria do Rosário de Assumpção. **Relações entre arte e ciência em museus de ciência**. 2004. Dissertação (Mestrado em História das Ciências) - Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2004. p. 68.

<sup>34</sup> MIRANDA, M.L.C. de. A Organização do conhecimento e seus paradigmas científicos: uma abordagem epistemológica. **Informare** – Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, jul-dez. 1999, p. 65.

<sup>35</sup> MIRANDA. loc. cit.

<sup>36</sup> MIRANDA. loc. cit.

<sup>37</sup> Ibidem, p. 69.

Alexandria, indo em seguida para os tesouros reais, os tesouros nos claustros, e também para as manifestações livres da criatividade humana, em todos esses períodos (o intangível) – para então chegar aos gabinetes de curiosidades, aos jardins botânicos e zoológicos, aos parques naturais, aos museus exploratórios, museus a céu aberto, ecomuseus, museus virtuais, até chegar-se à compreensão do museu interior – concebido no cruzamento entre o consciente e o inconsciente – onde o Homem percebe-se vivo e no mundo, reconhecendo-se a si mesmo<sup>39</sup>. Esta maleabilidade permite uma riqueza incomensurável a ser estudada e entendida, função esta da Museologia. Esta visão só pode ser entendida se conseguirmos perceber **a Museologia como um campo intrinsecamente voltado para este fenômeno e suas diferentes manifestações, nos diferentes tempos e espaços.**

Aonde queremos chegar? Não queremos dizer que exista uma diferença entre campo e ciência, pois toda ciência é, sim, um campo do conhecimento. Contudo, nem todo campo do conhecimento necessita ser uma ciência, com as características epistemológicas da Modernidade:

O saber [e por que não – um campo do conhecimento] não é canteiro epistemológico que desapareceria na ciência que o realiza. A ciência (ou o que passa por tal) localiza-se em um campo de saber e nele tem um papel, que varia conforme as diferentes formações discursivas e que se modifica de acordo com suas mutações.<sup>40</sup>

### 2.3. CONSTRUÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA MUSEOLOGIA COMO CAMPO DISCIPLINAR

Segundo os dicionários franceses, o termo “museologia” não aparece antes de 1931. Com relação aos ingleses, o termo demorou a ser utilizado, com exceção de um uso no *David Murray’s Museum*, 1904.<sup>41</sup> Contudo, segundo van Mensch, o primeiro a usar o termo Museologia foi P. L. Martin, em *Praxis der Naturgeschichte* (1869), e o primeiro a usar o termo Museografia foi C.F. Neickelius, em *Museographie oder Anleitung zum rechten Begriff und nützlicher Anlegung der Museorum oder Raritätenkammern* (1727). Em 1883 o alemão

<sup>38</sup> SCHEINER, Tereza. Orientação de dissertação, baseada nos apontamentos de Miranda, citados ao longo do trecho.

<sup>39</sup> SCHEINER, Tereza. **Apolo e Dionísio no templo das musas.** Museu: gênese, idéia e representações na cultura ocidental. 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação ECO/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998. p. 17-18.

<sup>40</sup> FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p. 206.

<sup>41</sup> AGREN, (1992 apud CERAVOLO, Suely Moraes. **Da palavra ao termo** – um caminho para compreender Museologia. 2004. Tese (Doutorado em Biblioteconomia e Documentação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. p. 48).

J. G. Th. Von Graesse escreveu um livro chamado *Zeitschrift für Museologie und Antiquitätenkunde sowie verwandte Wissenschaften*, destacando o termo Museologia.<sup>42</sup>

A modernização dos museus e a busca pela profissionalização do trabalho nessas instituições – uma revolução nos museus - levou à criação da *Museums Association*, no Reino Unido, em 1889. Esta associação iniciou, em 1901, o *Museums Journal*, a primeira publicação nacional para o campo dos museus. Em 1908 foi oferecido o primeiro treinamento de profissionais para museus nos EUA, no museu da Pensilvânia.<sup>43</sup> Outros países seguiram o exemplo, com a criação de associações nacionais dedicadas à causa museológica.

Afirma Scheiner:

Uma das experiências mais emblemáticas do período foi a criação, em 1927, na Escola do Louvre, de um Curso de Museografia (2º. Ciclo), primeiro curso na França com o objetivo de qualificar e formar conservadores para os museus do país. Por este motivo, o ano de 1927 ficou conhecido na França como 'o ano da Museologia'.<sup>44</sup>

Não esqueçamos aqui a experiência da nossa Escola de Museologia, cuja origem foi justamente o *Curso de Museus*, primeiro curso regular das Américas no campo da Museologia, criado em 1932 no Museu Histórico Nacional – e que há 75 anos consecutivos vem formando profissionais em museus.

Segundo Maroevic, depois da Conferência de Curadores de Museus, em Madri, no ano de 1934, iniciou-se o processo de separação entre enfoques museográficos e museológicos, conceituais, para o trabalho em museus.<sup>45</sup> Para Maroevic, Jiri Neustupny foi o primeiro a discutir a Museologia como disciplina acadêmica, em sua tese de PhD - *Problems of modern museology*, em 1950. Mas Scheiner lembra também que, ainda em 1945, Gustavo Barroso já se referia à Museologia como estudo acadêmico, considerando-a como 'o estudo científico de tudo o que se refere aos museus' e diferenciando Museologia de Museografia.<sup>46</sup> Por outro lado, em sua tese, Neustupny não foi capaz de definir sua orientação cognitiva.

<sup>42</sup> Peter J. A. van Mensch dedicou dois capítulos de sua tese de PhD, intitulada *Towards a Methodology of Museology*, ao ICOFOM. VAN MENSCH, Peter. **Towards a Methodology of Museology**. 1992. Tese de PHD. Universidade de Zágreb, Zágreb, 1992.

<sup>43</sup> VAN MENSCH, Peter. **Towards a Methodology of Museology**. 1992. Tese de PHD. Universidade de Zágreb, Zágreb, 1992.

<sup>44</sup> SCHEINER, Tereza. **Do Curso de Museus ao Mestrado em Museologia e Patrimônio**: 75 anos de ensino de Museologia no Brasil. Texto da conferência de abertura do Seminário Comemorativo aos 75 Anos do Ensino da Museologia no Brasil. RJ: Museu Histórico Nacional, maio de 2007. Não-publicado.

<sup>45</sup> MAROEVIC, Ivo. Towards a new definition of a museum. In: MAIRESSE, François (Org.). **Defining the Museum**. Morlanwez, Belgium: Musée royal de Mariemont, 2005. p. 142. pré-ed.

<sup>46</sup> SCHEINER, op. cit.

Foi justamente Stránský quem, baseado no pensamento de Neustupny, tomou um decisivo passo em direção à formulação da orientação sintético-teórica em Museologia.<sup>47</sup>

Segundo Scheiner, a partir da década de 1950 um grupo de especialistas passa a estudar “de maneira mais sistemática as bases científicas e filosóficas da Museologia”<sup>48</sup>, trabalho este que resultou numa série de definições que foram responsáveis para a estruturação do campo. Alguns destes especialistas reivindicaram para a Museologia o *status* de ciência aplicada.<sup>49</sup>

No Seminário Regional da UNESCO sobre a função educativa dos museus, ocorrido no Rio de Janeiro, em 1958, a Museologia foi definida como ‘o ramo do conhecimento ligado ao estudo dos objetivos e organização de museus’, sendo isto adotado em 1974 na 11ª Assembléia Geral do ICOM em Copenhague.

Na década de 1960 houve uma tentativa de vincular a Museologia às ciências humanas e sociais, não como saber específico, porém ligada a áreas como História, Sociologia, Antropologia, Educação e até mesmo à recém criada Ciência da Informação, como afirma Scheiner. A autora apresenta como exemplo um simpósio ocorrido na Alemanha Oriental, em 1964, onde definiu-se a Museologia como **ciência da documentação**.<sup>50</sup>

Contudo, um outro grupo percebeu a Museologia como uma ciência independente, “[...] com teoria e metodologia específicas, variando as concepções sobre seu objeto de estudo e sobre a existência ou não de um sistema próprio – o ‘sistema da museologia’.”<sup>51</sup> Na Conferência Geral do ICOM em Nova Iorque (1965), concluiu-se que era necessário desenvolver cursos universitários em Teoria Museológica.<sup>52</sup>

Em meio ao interesse pela construção da Museologia, surgiu no âmbito do ICOM, no início da década de 1970, o interesse em criar um Tratado em Museologia, com o objetivo de estabelecer uma terminologia própria para o campo. Pois a Museologia começava a ser percebida pelo ICOM como um novo campo disciplinar - fato evidente no Seminário do ICOM sobre Formação Profissional para museus, ocorrido em 1972, onde a definem como

<sup>47</sup> VAN MENSCH, Peter. **Towards a Methodology of Museology**. 1992. Tese de PHD. Universidade de Zágreb, Zágreb, 1992.

<sup>48</sup> Cabe ressaltar que duas décadas antes, em 1932, já havia sido criado no Brasil, no Museu Histórico Nacional, o Curso de Museus - o primeiro da América Latina a realizar o estudo sistemático das práticas de museus. Este curso sofreu diversas alterações e hoje volta-se basicamente para o estudo da Museologia como campo disciplinar (Museologia Teórica) e suas áreas de atuação (Museologia Aplicada), integrando a Escola de Museologia do Centro de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>49</sup> SCHEINER, Tereza. *Museum and Museology – Definitions in process*. In: MAIRESSE, François (Org.). **Defining the Museum**. Morlanwez, Belgium: Musée royal de Mariemont, 2005. p. 179. pré-ed.

<sup>50</sup> SCHEINER, loc. cit.

<sup>51</sup> SCHEINER, loc. cit.

<sup>52</sup> VAN MENSCH, op. cit.

uma “ciência do museu, relativa ao estudo da história e do *background* dos museus, seu papel na sociedade, sistemas específicos de investigação”.<sup>53</sup>

Durante a Mesa Redonda de Santiago do Chile, em 1972, o caráter social da Museologia passou a ser priorizado - e esta, já reconhecida como um novo campo do conhecimento, foi oficialmente associada às Ciências Sociais, passando a ser sistematizada a partir da reunião de pessoas com o interesse em discuti-la - situação esta que foi facilitada através da instalação do ICOFOM.

Dentro da evolução do pensamento museológico, destaca-se Rivière. Este, desde os anos 1960, já apresentara um conceito novo de Museu, que mais tarde seria denominado de Ecomuseu - espaço onde não só a relação do Homem com a Natureza acontece, mas também todas as possíveis relações entre o Homem e o Real.<sup>54</sup> Este conceito foi posto em prática por Marcel Evrard, em 1974, numa comunidade urbana chamada *Le Creusot/Montceau-les-Mines*, onde a população participaria ativamente na concepção e preservação do museu da indústria e do homem que abrange todo território, incluindo a população, denominado Ecomuseu. O projeto contou com o apoio de Hugues de Varine e Rivière.<sup>55</sup> Segundo Mairesse, o trabalho de teorização do Ecomuseu realizado por ambos desenvolveu-se a partir de 1978.

O trabalho desenvolvido por Varine e Rivière levou ao conceito de “Nova Museologia”, no início dos anos 1980. Tratava-se da proposta de uma Museologia voltada para as relações e não mais exclusivamente para os objetos, e da construção de um museu pelo Homem e para o Homem, no qual ele torna-se parte do que deva ser preservado<sup>56</sup>. Nos encontros do ICOFOM no México (1980) e em Paris (1982), surgem dentro do Comitê divergências sobre a posição dos ecomuseus e da Nova Museologia. No encontro do ICOFOM em Londres, em 1983, um grupo de teóricos deste comitê faz um pronunciamento público acerca da necessidade de mudanças no pensamento dos profissionais de museus, com o intuito de influenciar positivamente a prática museológica<sup>57</sup>. Em 1984, no Canadá, museólogos canadenses organizam o primeiro *workshop* Internacional sobre Ecomuseus e Nova Museologia, sendo criado em Lisboa, no ano seguinte, o Movimento Internacional da Nova Museologia – MINOM.

<sup>53</sup> SCHEINER, Tereza. Museum and Museology – Definitions in process. In: MAIRESSE, François (Org.). **Defining the Museum**. Morlanwez, Belgium: Musée royal de Mariemont, 2005. p. 180. pré-ed.

<sup>54</sup> Cf [sic] SOARES, Bruno César B. **Em busca do tesouro perdido: a Nova Museologia, o Novo Museu e a América Latina**. 2006. 175 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Escola de Museologia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Orientador: Tereza Scheiner.

<sup>55</sup> Bruno César B. **Em busca do tesouro perdido: a Nova Museologia, o Novo Museu e a América Latina**. 2006. 175 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) – Escola de Museologia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Orientador: Tereza Scheiner. p. 51.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 79.

<sup>57</sup> SCHEINER, Tereza. **O ICOFOM, a Nova Museologia e o MINOM**. 1999. p. 137-139. [Apostila].

Segundo Scheiner,

Este é o ambiente que marca o início dos trabalhos do ICOFOM. A partir de 1979, já no âmbito do Comitê Internacional de Museologia, desenham-se algumas contribuições que viriam a exercer enorme influência sobre os estudos teóricos da Museologia, oferecendo uma via de pensamento para o seu desenvolvimento como campo disciplinar. Este é o momento em que alguns autores, abraçando corajosamente o *constructor* epistêmico de uma contemporaneidade que já se anunciava, definem o Museu como fenômeno (Stránsky) e a Museologia como ‘a ciência que estuda a relação específica entre Homem e Realidade’ (Desvallées), tendo como objeto de estudo a musealidade. No ano seguinte (1980), Stránsky alinha definitivamente suas reflexões ao modo de ser da contemporaneidade, afirmando que a Musealidade é um aspecto específico da realidade<sup>58</sup>.

### 2.3.1. A criação do Conselho Internacional de Museus – ICOM

O Conselho Internacional de Museus – ICOM, criado em novembro de 1946 e vinculado à UNESCO desde 1947<sup>59</sup>, é um espaço de produção, acumulação e difusão de conhecimento referente ao domínio dos museus, formando um ambiente propício à geração de informações especializadas sobre a área. É a partir das discussões e publicações realizadas e organizadas por este Conselho que se constrói um ambiente de produção de conhecimento e de conceitos sobre museus e Museologia, com base nos fatos ocorridos no mundo dos museus<sup>60</sup>.

Na Assembléia Constituinte do ICOM, ocorrida no Louvre, nos dias 16 e 20 de novembro de 1946, quatorze países estiveram representados: Austrália, Bélgica, Brasil<sup>61</sup>, Canadá, Checoslováquia, Dinamarca, Estados Unidos, França, Nova Zelândia, Noruega, Países Baixos, Reino Unido, Suécia, Suíça, juntamente com a ONU e a UNESCO. A primeira reunião do Conselho ocorreu no dia 16 de novembro de 1946, sendo o americano Chauncey J. Hamlin eleito presidente do ICOM. No dia 18 aprovou-se por unanimidade o estatuto do ICOM.<sup>62</sup>

A reunião inaugural do ICOM focalizou sua atenção numa prioridade especial: o estatuto e a evolução da profissão museológica, incluindo sua formação. Este tem sido um tema recorrente durante toda a história do ICOM.

<sup>58</sup> SCHEINER, Tereza. Museum and Museology – Definitions in process. In: MAIRESSE, François (Org.). **Defining the Museum**. Morlanwez, Belgium: Musée royal de Mariemont, 2005. p. 181. pré-ed.

<sup>59</sup> CRONOLOGIA do ICOM. Disponível em: < <http://icom.museum/chronology.html> >. Acesso em: 22 jan. 2006.

<sup>60</sup> CERÁVOLO, Suely Moraes. **Da palavra ao termo** – um caminho para compreender Museologia. 2004. Tese (Doutorado em Biblioteconomia e Documentação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. p. 12.

<sup>61</sup> Representou o Brasil o Professor Doutor Mário Barata, museólogo e professor da Escola de Museologia.

<sup>62</sup> BOYLAN, Patrick J. (Org.). Cincuenta años del ICOM. **Museum**, Paris, UNESCO, n. 19, v. 48, n. 3, p. 49, 1996.

Desde o início, o ICOM tinha como um dos seus objetivos definir “museu”.<sup>63</sup> No primeiro número do *ICOM News*, em 1948, o museu é definido como voltado apenas para a coleção, compreendendo

[...] todas as coleções abertas ao público de objetos artísticos, técnicos, científicos, históricos ou arqueológicos e [...] os zoológicos, jardins botânicos, mas se exclui as bibliotecas, a não ser que estas possuam salas de exposição permanentes<sup>64</sup>.

Em 1951, encontra-se nos estatutos do ICOM uma definição que se assemelha com a atual, como lembra Mairesse:

[...] a palavra museu designa aqui todo estabelecimento permanente, administrado com interesse geral de conservar, estudar, colocar em valor pelos meios diversos e essencialmente expor para o deleite e educação do público um conjunto de elementos de valor cultural: coleções de objetos artísticos, históricos, científicos e técnicos, jardins botânicos e zoológicos, aquários [...] <sup>65</sup>

Em 1961, o conceito é ampliado, e o ICOM passa a reconhecer como museu “toda instituição que apresente os conjuntos de bens culturais com o fim de conservação, estudo, educação e deleite” <sup>66</sup>. No período entre 1960 e 1970, novas experiências são iniciadas com o objetivo de uma nova relação entre o museu e a população. O museu a serviço de “todos” torna-se efetivo, quando este passa a abranger “[...] proletários, velhos e novos colonizados, excluídos do sistema [...]”, integrando-se “[...] no coração da instituição antes vista como desorganizada e elitista”<sup>67</sup>.

Na Conferência Geral do ICOM, em 1968, discute-se o tema “Museus e Pesquisa”, tendo os conferencistas concluído que o museu é uma instituição intrinsecamente científica, devendo promover, encorajar e desenvolver pesquisas científicas de acordo com sua coleção e programa<sup>68</sup>.

Em 1969, durante a Assembléia Geral do ICOM, a definição de museu torna-se mais condensada: “O ICOM reconhecerá como museu qualquer instituição permanente que conserva e expõe, para objetivos de estudo, educação e deleite, coleções de objetos de importância cultural ou científica.”<sup>69</sup>

Segundo Boylan, foi na 9ª Conferência Geral do ICOM, realizada em Grenoble e Paris, em 1971, que se utilizou pela primeira vez o termo “ecomuseu”. Na busca de um maior desempenho dos museus quanto ao seu papel social, a UNESCO organizou um

<sup>63</sup> BOYLAN, Patrick J. (Org.). Cincuenta años del ICOM. *Museum*, Paris, UNESCO, n. 19, v. 48, n. 3, p. 50, 1996.

<sup>64</sup> MAIRESSE, François (Org.). *Defining the Museum*. Morlanwez, Belgium: Musée royal de Mariemont, 2005. p. 42. pré-ed.

<sup>65</sup> MAIRESSE, loc. cit.

<sup>66</sup> MAIRESSE, loc. cit.

<sup>67</sup> Ibidem, p. 44-45.

<sup>68</sup> BAGHLI, Sid Ahmed; BOYLAN, Patrick; HERREMAN, Yani. *History of ICOM (1946-1996)*. Paris: ICOM, 1998. p. 23.

<sup>69</sup> Ibidem, p. 43.



seminário em Santiago do Chile, em 1972, sobre as funções do museu na América Latina contemporânea. Deste seminário originou-se a Declaração de Santiago, considerada hoje como o ponto de partida para o surgimento do MINOM – Movimento Internacional da Nova Museologia.<sup>70</sup>

Durante a década de 1970, em meio a crises que abalaram a economia mundial, o ICOM, pressionado por questões profissionais, decidiu rever seus objetivos e reformular seus estatutos e planos de trabalho e isso pode ser constatado no programa trienal de 1975-1977. Neste programa, o foco central foi o fortalecimento dos comitês internacionais e nacionais para consolidar seu crescimento: os internacionais atuariam como instrumentos de trabalho e os nacionais como ‘células de comunicação natural’<sup>71</sup> Na Conferência Geral em Copenhague, em 1974, o ICOM revisou suas políticas tradicionais e instituiu Estatutos e Regulamentos novos, tornando-se uma organização completamente aberta a pessoas e museus: passaram a ser aceitos sem restrição museus e profissionais de museu reconhecidos<sup>72</sup>. Surge nesta mesma conferência uma nova definição de museu:

O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, e que realiza pesquisas sobre os testemunhos materiais do homem e de seu meio ambiente, os adquire, conserva, comunica e essencialmente os expõe com fins de estudo, educação e deleite.<sup>73</sup>

Até a década de 1970 os comitês internacionais do ICOM eram voltados para o museu na sua forma institucionalizada. Foi neste momento que

[...] um grupo de profissionais – Jan Jelínek, Wolfgang Klausewitz, Andreas Gröte, Irina Antonova, Vinos Sofka entre outros – **percebendo o potencial da Museologia para articular-se como campo do conhecimento, julgaram necessário estabelecer um comitê dedicado essencialmente à Museologia.** Um dos primeiros objetivos foi o de identificar o objeto de estudo desta disciplina, considerada por estes especialistas como **uma área específica do conhecimento.**<sup>74</sup>

<sup>70</sup> BAGHLI, Sid Ahmed; BOYLAN, Patrick; HERREMAN, Yani. **History of ICOM (1946-1996)**. Paris: ICOM, 1998. p. 52.

<sup>71</sup> CERÁVOLO, Suely Moraes. **Da palavra ao termo** – um caminho para compreender Museologia. 2004. Tese (Doutorado em Biblioteconomia e Documentação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. p.48 - nota de rodapé n.º1.

<sup>72</sup> BOYLAN, Patrick J. (Org.). Cincuenta años del ICOM. **Museum International**. Paris, UNESCO, n. 19, v. 48, n. 3, p. 52. 1996.

<sup>73</sup> MAIRESSE, François (Org.). **Defining the Museum**. Morlanwez, Belgium: Musée royal de Mariemont, 2005. p. 44-52. pré-ed.

<sup>74</sup> SCHEINER, Tereza. The many faces of ICOM. **ICOM STUDY SERIES**, Paris, n. 8, p. 2, 2000.

## 2.4. O SURGIMENTO DO COMITÊ INTERNACIONAL DE TEORIA MUSEOLÓGICA – ICOFOM - E SEU PAPEL NO DESENVOLVIMENTO DA MUSEOLOGIA

Baseado nas premissas anteriormente apresentadas, o Comitê Consultivo do ICOM sugeriu, em 1976, **o estabelecimento de um comitê voltado para o estudo da Museologia**, considerando o fato de que todo ramo de atividade profissional necessita ser “estudado, desenvolvido e adaptado de acordo com as condições e mudanças contemporâneas”.<sup>75</sup> O estabelecimento de um novo comitê internacional, especificamente dedicado ao estudo da Museologia (Comitê Internacional para a Museologia – ICOFOM), se deu em 15 de junho de 1976, tendo sua existência sido oficializada em maio de 1977, na 12ª Assembléia Geral do ICOM, em Moscou. Simultaneamente, o Programa Trienal do ICOFOM foi adotado como tópico do Programa Trienal do ICOM (1977-1980).

O ICOFOM foi criado para “não estudar os métodos práticos [...] mas (estudar) o lado teórico dos problemas”<sup>76</sup>. Segundo Ceravolo, tinha como missão desenvolver pesquisas, análises e debates, contribuindo para a independência da área.<sup>77</sup>

As regras do documento constitutivo do ICOFOM foram estabelecidas por Jan Jelínek<sup>78</sup>, que deu ao novo Comitê um caráter científico, dirigindo os trabalhos a serem desenvolvidos para o estudo da Museologia como disciplina científica. Segundo Sofka<sup>79</sup>, o primeiro encontro do ICOFOM ocorreu em Moscou, em 1977, na 12ª Conferência Geral do ICOM. A partir de então o novo Comitê passou a realizar encontros anuais, de acordo com as normas do ICOM para os comitês internacionais.

O segundo encontro anual do ICOFOM foi realizado na Polônia, em 1978. O tema foi “Possibilidades e limites na pesquisa científica típica para os museus” e os resultados foram publicados pela Secretaria do ICOFOM - sediada, naquele momento, em Brno, na República Tcheca<sup>80</sup>. Como conclusão deste encontro, declarou-se que a pesquisa no campo das atividades de organização das coleções é indispensável para o trabalho nos museus e que as funções de coleta (incluindo documentação e preservação), pesquisa e disseminação de informação têm, para o museu, igual importância e valor. Decidiu-se também a criação de

<sup>75</sup> SOFKA, Vinos. The ICOM International Committee for Museology and its relationship to other International Committees of ICOM. **MuWoP**: Museological Working Papers = **DoTraM**: Documents de Travail en Muséologie. Interdisciplinarity in Museology, Stockholm, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, Museum of National Antiquities, v. 2, p. 78, 1981.

<sup>76</sup> CERAVOLO, Suely Moraes. **Da palavra ao termo** – um caminho para compreender Museologia. 2004. Tese (Doutorado em Biblioteconomia e Documentação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. p. 53.

<sup>77</sup> A autora também afirma que discutir Museologia no âmbito do ICOFOM ajudaria a “[...] criar ou fundamentar elementos teóricos para subsidiar o Tratado de Museologia, [...]”, um dos objetivos do ICOM. CERAVOLO, loc. cit.

<sup>78</sup> O tcheco Jan Jelinek foi um dos fundadores do ICOFOM.

<sup>79</sup> SOFKA, Vinos. My adventurous life with ICOFOM, Museology, Museologists and anti-museologists, giving special reference to ICOFOM Study Series. **ISS**, v. 1, Reprints, p. 11, 1995.

<sup>80</sup> Naquele momento, Checoslováquia.

um Corpo Editorial para o Comitê.<sup>81</sup> Neste encontro, Sofka escreveu um artigo intitulado “Pesquisa em e no museu” que se encontra, juntamente com outros artigos, no documento publicado pelo ICOFOM em Brno, em 1978. Ainda neste encontro, a partir de discussões sobre o que seria a Museologia, surgiu o interesse em criar um Instituto de Museologia e uma revista, que atuariam como fóruns de discussão.<sup>82</sup>

O terceiro encontro anual ocorreu em 1979 na Itália, e o tema foi “Aspectos sociológicos e ecológicos das atividades do Museu Moderno à luz da cooperação com instituições afins”, com a participação de 25 a 30 profissionais. A publicação dos anais desse evento inclui sete artigos.<sup>83</sup> Foi neste encontro que se aprovou a criação de um jornal de debates baseado nos problemas fundamentais da Museologia: o *Museological Working Papers* – MuWoP, primeira revista do mundo dedicada às discussões teóricas constitutivas do campo.

O quarto simpósio ocorreu em conjunto com a 12ª Conferência Geral e a 13ª Assembléia Geral do ICOM, na Cidade do México, em 1980, tendo como tema “Sistemática e sistemas na Museologia”, apresentado nos seguintes sub-temas: os fundamentos da Museologia; a sistemática da Museologia; a relação entre Museologia e outros ramos científicos; e o sistema da Museologia e sua aplicação aos comitês internacionais do ICOM.

Segundo Sofka, o período de 1980-1982 foi um período de crise. A publicação dos documentos do encontro anual de 1980, ocorrido em conjunto com a Conferência e Assembléia Geral do ICOM, só pôde ser realizada graças ao MuWoP. O quinto encontro, que seria realizado em 1981 em Berlim Oriental, não ocorreu - e também não foi possível encontrar outro local.<sup>84</sup> Em 1981, para agilizar o fluxo de informação dentro do comitê, criou-se um boletim - o *Museological News*. Segundo Sofka, este novo veículo preenche um papel importante, constituindo-se em fórum para a apresentação de uma discussão aberta e propostas ligadas aos assuntos constitucionais do ICOFOM, tais como objetivos e política, programas trienais, programas de longo prazo e regras de funcionamento do grupo.<sup>85</sup>

O encontro de 1982, realizado em Paris, contou com a participação de 30 pessoas. Foram elaborados para este evento 10 artigos, sendo 7 relacionados ao tema do encontro e três relacionados a Ecomuseus.<sup>86</sup>

<sup>81</sup> DOCUMENT n. 1. **MuWoP**: *Museological Working Papers* = **DoTraM**: *Documents de Travail en Muséologie. Museology – Science or just practical museum work*, Stockholm, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM/Museum of National Antiquities, v. 1, p. 57, 1980.

<sup>82</sup> Tal simpósio contou com a participação de mais ou menos 20 pessoas. SOFKA, Vinos. *Museological provocations 1979 – by the Editorial Board. MuWoP: Museological Working Papers = DoTraM: Documents de Travail en Muséologie. Museology – Science or just practical museum work*. Op. cit., p. 12-13.

<sup>83</sup> A publicação também foi feita na Checoslováquia, no mesmo ano. SOFKA, Vinos. *Introductory summary by the Editor. MuWoP: Museological Working Papers = DoTraM: Documents de Travail en Muséologie. Museology – Science or just practical museum work*. Op. cit., p. 15.

<sup>84</sup> Idem. *My adventurous life with ICOFOM, Museology, Museologists, and anti-museologists, giving special reference to ICOFOM Study Series. ISS*, v. 1, Reprints, p. 16, 1995.

<sup>85</sup> *Ibidem*, p. 23.

<sup>86</sup> *Ibidem*, p. 17.

Segundo Cerávolo, o grupo que originou o ICOFOM tinha como responsabilidade fazer do museu um objeto de estudo e legitimar a Museologia como uma área específica de conhecimento, com estatuto acadêmico. Este grupo se constituía predominantemente de profissionais do Leste europeu, fato este que caracterizou fortemente a maneira de se conceber a Museologia<sup>87</sup>. Isto significava delimitar os limites e fronteiras da Museologia como campo disciplinar, atentando “para a espécie de conhecimento particular que a diferenciava e a caracterizava de outras áreas”<sup>88</sup>. O ICOFOM visava ainda analisar e explicar as relações entre Museologia e Museu, especificando os objetivos da Museologia com base na formulação de princípios teóricos fundamentais. O ICOFOM é também considerado um comitê que estuda as várias profissões ligadas ao trabalho em museus, tratando da inter-relação entre teoria e prática.<sup>89</sup>

As primeiras discussões desenvolvidas no âmbito do ICOFOM deram origem a uma polêmica ligada à questão do conceito de “campo”. A falta de significados precisos das palavras incomodava os participantes: constatou-se então que a Museologia não podia existir sem uma terminologia específica. A necessidade de trabalhar sobre os termos e conceitos resultou na criação, em 1993, de um projeto permanente de pesquisa, intitulado “Termos e Conceitos da Museologia”<sup>90</sup>.

Como afirma Scheiner, os documentos produzidos pelo ICOFOM entre 1979 e 1989 constituem a base para a denominada Teoria Museológica. Afirma ainda que, apesar das diferentes abordagens, os autores de diversas regiões do globo podem identificar uma específica relação entre o humano e o real, relação esta que constitui um espaço para a existência de um novo saber científico, com características e missão particulares. Espaço este onde,

[...] na interface entre conhecimento científico e conhecimento filosófico, a Museologia daria a conhecer ao mundo a sua substância particularíssima: a Musealidade, matriz absoluta do fenômeno Museu.<sup>91</sup>

<sup>87</sup>CERÁVOLO, Suely Moraes. **Da palavra ao termo** – um caminho para compreender Museologia. 2004. Tese (Doutorado em Biblioteconomia e Documentação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. p. 53-56.

<sup>88</sup> Ibidem, p. 75-76.

<sup>89</sup>BAGHLI, Sid Ahmed; BOYLAN, Patrick; HERREMAN, Yani. **History of ICOM (1946-1996)**. Paris: ICOM, 1998. p. 98.

<sup>90</sup> Este projeto foi criado em 1993, no Encontro do ICOFOM realizado na Grécia, passando a ser coordenado por André Desvallées. Desde então, transformou-se numa das mais consistentes vertentes de pesquisa da Teoria Museológica, em todo o mundo. O projeto vem gerando desdobramentos em diversos países, sendo um deles no Brasil, na UNIRIO, como um projeto de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio.

<sup>91</sup>SCHEINER, Tereza. *Museum and Museology – Definitions in process*. In: MAIRESSE, François (Org.). **Defining the Museum**. Morlanwez, Belgium: Musée royal de Mariemont, 2005. p. 184. pré-ed.

### 2.4.1. O ICOFOM como instância de produção e divulgação da Museologia: as publicações

Antes de mencionar as publicações do ICOFOM, seria importante ressaltar como se dá o processo de produção e divulgação do conhecimento científico. Segundo Cerávolo, baseada em Vogt, são três as etapas do processo da divulgação científica: “a produção e difusão da ciência, o ensino (ensino e formação; e ensino para a ciência) e a divulgação da ciência”, sendo que sobre estas etapas, Vogt propõe “quatro categorias constitutivas ou quadrantes, como as denomina”<sup>92</sup>:

[...] a primeira categoria refere-se à produção e circulação do conhecimento entre os pares, formando o quadrante da difusão da ciência. A segunda categoria é a do ensino da ciência e da formação de cientistas; a terceira do ensino para a ciência e, complementando o ciclo a quarta categoria composta pelas atividades próprias da difusão da ciência. Para cada uma dessas categorias Vogt referencia os destinadores, destinatários e instituições que podem exercer a função comunicativa.<sup>93</sup>

A criação do **MuWoP** - *Museological Working Papers* – veio responder à necessidade de existência de um espaço de discussão das questões da Museologia e do estabelecimento de uma terminologia específica para o campo<sup>94</sup>. O MuWoP tinha como função principal definir o ‘termo museologia’, como ponto do qual partiria o plano temático a ser debatido por autores selecionados.

Dentro dos dois volumes do MuWoP, podemos encontrar estudos baseados nas perguntas que originaram a busca pela “delimitação conceitual do campo”<sup>95</sup> e que permeavam o ICOFOM desde sua criação, ou até anteriormente a isso. Tais perguntas são: a) “seria a Museologia uma ciência ou somente um trabalho prático?”, a respeito do estatuto científico, e b) “os limites disciplinares e as características distintivas de outras áreas do saber”, já que diversas áreas se utilizam dos objetos e coleções que estão em museus.<sup>96</sup>

No volume n.º. 1 “Museologia – ciência ou apenas trabalho prático em museus?”, ainda no início da publicação, cada membro do Corpo Editorial<sup>97</sup> apresentou sua definição de Museologia. Podemos destacar a definição do alemão **Wolfgang Klausewitz**, que

<sup>92</sup>CERÁVOLO, Suely Moraes. **Da palavra ao termo** – um caminho para compreender Museologia. 2004. Tese (Doutorado em Biblioteconomia e Documentação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. p. 95.

<sup>93</sup>VOGT (2003 apud CERÁVOLO, op. cit., p. 95-96).

<sup>94</sup> Segundo Cerávolo, “a palavra terminologia designa três conceitos diferentes: a) o conjunto de princípios e bases conceituais que regem o estudo dos termos; b) o conjunto de diretrizes que utiliza no trabalho terminográfico e c) o conjunto de termos de uma determinada área de especialidade.” Ibidem, p. 99.

<sup>95</sup> Ibidem, p. 159.

<sup>96</sup> CERÁVOLO, loc. cit.

<sup>97</sup> O Corpo Editorial do MuWoP era composto por Vinos Sofka, Villy Toft Jensen, Wolfgang Klausewitz e Awraam M. Razgon.

percebe a **“Museologia como um campo de investigação do museu como um fenômeno sociocultural”**.<sup>98</sup>

A parte da publicação que incluía os artigos inicia-se com o francês André **Desvallées**, definindo **Museologia como processo criativo, com leis e características próprias** e ligado à linguagem museológica. Baseando-se nisso, a Museologia não seria uma ciência, mas sim uma arte. Em seguida, a tcheca Anna **Gregorová** define a Museologia como **uma nova disciplina científica que estuda as relações específicas do homem com a realidade**, a partir das idéias do tcheco **Zbynek Z. Stránský** - primeiro a usar este conceito em seu país. Contudo, neste primeiro volume, merece destaque a definição de **Stránský**, quando afirma que **o termo Museologia ou teoria museológica abrange uma área de um campo específico de estudo, focalizado no fenômeno Museu, e que se constitui como uma disciplina científica específica**.

Os tchecos Gregorová e Stránský, baseados na Filosofia, desde o princípio perceberam a **Museologia como um campo de estudo cujo enfoque não era o museu como instituição**, e nem se detiveram nas discussões vãs que a maioria dos autores tiveram, tais como: sistemas da Museologia, atividades de museus, metodologia dos museus, entre outras. Tais discussões não chegaram a lugar algum, até porque não é desta “matéria” que é feita a Museologia.

Em seguida, foi publicado o segundo e último número do MuWoP, intitulado “Interdisciplinaridade na Museologia”. Neste volume, que trata da relação da Museologia com as demais disciplinas presentes nas atividades práticas de museus, o mesmo Stránský afirmou que um especialista ou um teórico da ciência não poderia resolver as questões que envolvem a problemática da Museologia como sendo ou não ciência, pois não têm uma experiência pessoal no contato com a realidade do museu e sua prática, contudo podem cooperar para solucioná-las. Podemos concluir que não haveria uma metodologia específica que poderia ser aplicada por um profissional inexperiente no campo, só podendo ser debatida entre os “pares”, como diria Bourdieu.<sup>99</sup>

Após o “término” do MuWoP, a Série Estudos do ICOFOM – ISS (ICOFOM STUDY SERIES) torna-se a prova do potencial acadêmico do ICOFOM, como afirma van Mensch.<sup>100</sup> Trata-se de uma publicação distribuída basicamente aos colaboradores e participantes dos encontros do ICOFOM e também às universidades, museus e institutos de pesquisa que possuem cursos em Museologia. Os ISS são também vendidos a todos os que se

<sup>98</sup> KLAUSEWITZ, W. *Museological provocations 1979* – by the Editorial Board. **MuWoP**: *Museological Working Papers* = **DoTraM**: *Documents de Travail en Muséologie*. *Museology – Science or just practical museum work.*, Stockholm, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM/Museum of National Antiquities, v. 1, p.11, 1980.

<sup>99</sup> BOURDIEU, Pierre. **Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1976.

interessem pelo seu conteúdo – movimento normal em qualquer publicação seriada de natureza acadêmica. Esta realidade, conhecida pela maioria dos profissionais que estudam a teoria museológica, contraria as afirmações de Cerávolo, em sua tese – de que o ISS teria abrangência muito limitada.<sup>101</sup>

O objetivo dos ISS era

[...] problematizar a relação da museologia em aspectos determinados sobre as atividades de museu envolvendo o objeto e coleções de museu, a coleta, a exposição, e assim por diante, mas também elaborar reflexões sobre adequações, o futuro da instituição, as mudanças que vinham ocorrendo, uma delas presente na concepção de ecomuseus, e sobre o papel dos museus perante alguns problemas mundiais criando, nesse aspecto, um arco entre o ICOFOM e temas postos em discussão pela UNESCO e ICOM.<sup>102</sup>

O ISS n.º 1 resultou de um encontro realizado em conjunto pelo ICOFOM com o ICTOP, em Londres, em agosto de 1983, tendo como tema “Metodologia da Museologia e treinamento profissional”. E, se uma das funções do ICOFOM era contribuir para um Tratado da Museologia, podemos perceber, na produção gerada para este Encontro, a ânsia de alguns pesquisadores em discutir o que seria uma metodologia museológica – discussão esta, considerada, naquele momento, necessária, já que se tinha interesse em consolidar a Museologia como ciência, segundo os paradigmas modernos. Tal discussão foi mantida nos ISS 3 e 5.

Contudo, no ISS n.º 5 temos uma contribuição diferenciada em relação a esta temática: Ivo **Maroëvic** define a Museologia **como uma disciplina científica que trata do estudo da Musealidade** através da “*musealia*”/objetos de museu, das atividades de museu e da relação entre teoria de museu e prática. A “*musealia*”, segundo o autor, consiste na quantidade variável de informações e mensagens oriundas dos documentos da realidade museal.<sup>103</sup> A Museologia trabalharia com o estudo sistemático do processo de emissão de informações que são armazenadas dentro da estrutura material da “*musealia*” e com a comunicação social, num intercâmbio de mensagens do passado e presente.<sup>104</sup>

Posteriormente, no ISS n.º 11 – um complemento do ISS n.º 10, “Museologia e Identidade” - Peter van Mensch comenta que alguns autores do ISS n.º 10 fixaram-se dentro

<sup>100</sup> VAN MENSCH, Peter (1992 apud CERÁVOLO, Suely Moraes. **Da palavra ao termo** – um caminho para compreender Museologia. 2004. Tese (Doutorado em Biblioteconomia e Documentação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. p. 129).

<sup>101</sup> Ibidem, p. 130.

<sup>102</sup> Ibidem, p. 159-160.

<sup>103</sup> MAROEVIC, Ivo. Museology as a part of Information Sciences. In: SYMPOSIUM METHODOLOGY OF MUSEOLOGY AND PROFESSIONAL TRAINING. **ISS: ICOFOM STUDY SERIES**, Londres, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 5, p. 43, Aug. 1983.

<sup>104</sup> Ibidem, p. 44.

dos aspectos da Identidade, porém destacando o conceito filosófico de Museu como um fenômeno. Van Mensch cita Gregorová e Maroevic.<sup>105</sup>

Assim, voltamos ao ISS n.º 10 na busca por tais definições: Anna Gregorová, a partir da definição de Museologia como a relação específica do homem com a realidade, afirma que esta relação é motivada essencialmente pela necessidade do homem de afirmar uma identidade, considerando especialmente uma continuidade evolucionar, de indivíduos, espécies, grupos, nação, apoiado principalmente pela evidência material.<sup>106</sup> Já Ivo Maroevic afirma que a Teoria Museológica deve incluir as características que expressam as mais amplas e mais aceitáveis formas de identidade baseadas nos critérios de musealidade, decisivos para a identificação da qualidade museal de um certo objeto.<sup>107</sup>

Vale ressaltar que este volume foi produzido para o encontro realizado no âmbito da Conferência Geral de Museus em Buenos Aires, Argentina – tendo se iniciado aí uma sistemática produção teórica por parte de autores latino-americanos. Este fato não é reconhecido pelos teóricos de outros países, contudo foi de extrema importância, já que levaria, três anos depois, à criação e desenvolvimento do ICOFOM LAM.<sup>108</sup>

Com um tema interessante – **“Museologia e Museus”** – o objetivo do simpósio ocorrido em Helsinki-Espoo (Finlândia), em setembro de 1987, **era o de estudar e analisar o fenômeno Museu e a relação existente entre este e a Museologia**, segundo explicitado por Sofka.<sup>109</sup> Este simpósio gerou os ISS n.º 12 e 13. O editor faz uma comparação surpreendente sobre a origem do Museu e da Museologia, com a famosa frase: “quem surgiu primeiro, o ovo ou a galinha?” **Sofka conclui ainda que o núcleo da Museologia existe há muito tempo, e que esta foi “descoberta” e não “criada”, mais tarde.**<sup>110</sup> Outro ponto importante é o desenvolvido por Anna Gregorová, segundo a qual a Museologia é a ciência que estuda a relação específica entre o homem e a realidade, baseada nas coleções que documentam o desenvolvimento da sociedade. Ao unir este conceito com o Museu, a autora conclui que o museu é a instituição onde esta relação acontece.<sup>111</sup>

<sup>105</sup> VAN MENSCH, Peter. [untitled]. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND IDENTITY. ISS: ICOFOM STUDY SERIES. ISS: ICOFOM STUDY SERIES, Buenos Aires, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 11, p. 37, Oct. 1986.

<sup>106</sup> GREGOROVÁ, Anna. [untitled]. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND IDENTITY. ISS: ICOFOM STUDY SERIES, Buenos Aires, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 10, p. 115, Oct. 1986.

<sup>107</sup> MAOREVIC, Ivo. Identity as a constituent part of Museality. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND IDENTITY. ISS: ICOFOM STUDY SERIES. Op. cit., p. 188.

<sup>108</sup> No capítulo seguinte aprofundaremos esta questão.

<sup>109</sup> SOFKA, Vinos. The topic and its framework. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND MUSEUMS. ISS: ICOFOM STUDY SERIES, Helsinki-Espoo, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 12, p. 7-8, Sept. 1987.

<sup>110</sup> Idem. The chicken or the egg? In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND MUSEUMS. ISS: ICOFOM STUDY SERIES. Op. cit., p. 13-15.

<sup>111</sup> GREGOROVÁ, Anna. [untitled]. In: op. cit., p. 121-129.



Como volume complementar ao ISS n.º 12, o n.º 13 constituiu-se de comentários do anterior. Dentre os *basic papers* deste volume, destaca-se **Nelly Decarolis**, que apresenta a **Museologia como sendo dinâmica**, isto é, em constante desenvolvimento e não um corpo de conhecimento estático. Neste simpósio, **o ICOFOM concluiu que a Museologia é uma disciplina científica**, como afirma **Sofka**.<sup>112</sup>

Ainda tratando-se da relação da Museologia com o fenômeno Museu – no âmbito do ICOFOM, a próxima contribuição importante foi a de **Tereza Scheiner**, que declarou no ISS n.º 25 – “Museologia e Comunidade II” - que **a Museologia não é uma ciência que investiga a instituição museu ou o “fato museológico”, mas uma disciplina científica que investiga a idéia de Museu desenvolvida em cada sociedade, em cada tempo, por meio das suas aplicações na realidade**. Isto baseando-se no fato de que **o museu é um fenômeno**, e que suas diferentes formas são nada mais que representações (ou expressões) do tal fenômeno em diferentes tempos e espaços, de acordo com as características de cada grupo social.<sup>113</sup> A autora declara ainda que a Museologia, como qualquer ciência contemporânea, trabalha além da relativização do conhecimento. **O enfoque holístico, defendido pela Museologia contemporânea, não aceita a idéia de museu como um produto e nem da comunidade como uma entidade abstrata, mas entende o museu como um fenômeno com todas as suas dinâmicas**. Aqui, a comunidade é percebida como uma representação concreta.<sup>114</sup>

Na década de 1990, cresce o número de autores e de espaços de produção de Teoria Museológica, que passa a ser adotada pelas principais universidades atuantes no campo da cultura e patrimônio. Tal produção pode ser dividida em duas correntes principais, segundo Scheiner: 1) baseada no “*constructor cartesiano/newtoniano*”, que visa a organização do museu voltada para a cultura material; e 2) baseada nos paradigmas da Pós Modernidade, onde o Museu é visto como fenômeno.<sup>115</sup>

Scheiner aponta que

No ICOFOM, prosseguem os estudos sobre os fundamentos da Museologia, agora inteiramente vinculados aos novos paradigmas do conhecimento. Investiga-se o lugar da Museologia no conhecimento contemporâneo, bem como as relações entre Museologia e Filosofia. Este é o momento em que os teóricos se desvinculam da idéia de museu como organização e percebem com clareza a identidade da Museologia como um novo campo disciplinar, que se constitui e opera na interseção entre saberes – os novos

<sup>112</sup>SOFKA, Vinos. My adventurous life with ICOFOM, Museology, Museologists, and anti-museologists, giving special reference to ICOFOM Study Series. ISS: ICOFOM STUDY SERIES, v. 1, Reprints, p. 22, 1995.

<sup>113</sup>SCHEINER, Tereza. On museum, Communities and the Relativity of it all. In: SYMPOSIUM MUSEUMS AND COMMUNITY II. ISS: ICOFOM STUDY SERIES. ISS: ICOFOM STUDY SERIES, Stavanger, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 25, p. 95, Jul. 1995.

<sup>114</sup>Ibidem, p. 98.

<sup>115</sup>Idem. Museum and Museology – Definitions in process. In: MAIRESSE, François (Org.). **Defining the Museum**. Morlanwez, Belgium: Musée royal de Mariemont, 2005. p. 186. pré-ed.

e os já constituído. Sistematiza-se o trabalho com a terminologia da Museologia, com a criação de um grupo permanente de trabalho dedicado ao estudo dos Termos e Conceitos da Museologia - e cuja atuação revela-se fundamental para o desenvolvimento de vocabulários controlados, no campo.<sup>116</sup>

Como afirma a autora, a **Museologia** no final do século XX pode ser entendida como **“o campo disciplinar que trata das relações entre o fenômeno Museu e as suas diferentes aplicações à realidade**, configuradas a partir das visões de mundo das diferentes sociedades”.<sup>117</sup>

Baseada no pensamento de Pierre Bourdieu, Cerávolo afirma que

O campo científico é um jogo que é gerido por mecanismos de funcionamento similares a de um campo social. Há um jogo de forças, de monopólios, de lutas e estratégias, interesses e lucros, que no caso da ‘ciência’ revestem-se de modos específicos de atuação. Em todo este arcabouço construído por Pierre Bourdieu para explicar esses mecanismos, ressaltamos dois aspectos: os conflitos epistemológicos não são isolados dos políticos e a linguagem tem parte nesse jogo. Na conquista de espaço e de capital simbólico – é mecanismo – se faz necessário romper com a linguagem científica anterior que se torna objeto de redefinição para que se chegue a novos sentidos de acordo com o novo sistema teórico. Por isso, Bourdieu alerta para o cuidado em observar as estratégias ideológicas ‘disfarçadas de posição epistemológicas’.<sup>118</sup>

Afirma, portanto, que a Museologia não deve fugir a esses mecanismos, já que são “lutas legítimas, geram lucros também simbólicos, e toda disciplina que se quer autônoma procura construir seu capital, sua moeda de troca.”<sup>119</sup>

As mudanças ocorridas durante o processo de construção do pensamento museológico, que tem como auge a criação do ICOFOM, têm gerado um fortalecimento do campo de conhecimento específico da Museologia, como declara Scheiner:

[...] se há cinco décadas parecia inquestionável o significado de termos tais como objeto, patrimônio e museu, hoje esses são conceitos apreendidos em processo, constantemente reatualizados pelos especialistas do campo.<sup>120</sup>

Scheiner ainda declara que

Este é o trabalho que nos cabe, como membros do ICOFOM - o principal grupo de reflexão acadêmica sobre o Museu e a Museologia. Devemos não apenas implementar a Museologia como campo disciplinar, reconhecendo seus fundamentos e definindo seus limites, perspectivas, objetos e metodologia - mas sobretudo contribuir para o desenvolvimento de uma terminologia específica do campo, trabalhando-o ‘de dentro para fora’, a partir de paradigmas e percepções que lhe são muito próprios. O caráter

<sup>116</sup> SCHEINER, Tereza. Museum and Museology – Definitions in process. In: MAIRESSE, François (Org.). **Defining the Museum**. Morlanwez, Belgium: Musée royal de Mariemont, 2005. p. 186-187. pré-ed.

<sup>117</sup> Ibidem, p. 190.

<sup>118</sup> CERÁVOLO, Suely Moraes. **Da palavra ao termo**: um caminho para compreender Museologia. 2004. Tese (Doutorado em Biblioteconomia e Documentação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. p. 210.

<sup>119</sup> Ibidem, p. 211.

<sup>120</sup> SCHEINER, op. cit., p. 177.

processual do estudo terminológico nos oferece, neste sentido, uma interessante via de estudo e de reflexão.<sup>121</sup>

Estudar o ICOFOM é essencial para o profissional que deseja aprofundar-se sobre a Museologia - são trinta anos dedicados ao estudo sistemático deste campo. Vale ressaltar que são poucos os campos que tiveram a oportunidade de, “recém-nascidos”, terem um grupo, a nível mundial, que se debruçasse sobre as questões que regem sua construção e consolidação.

## 2.5. DO ‘PENSAR A MUSEOLOGIA’ A UMA BOA PRÁTICA MUSEOLÓGICA

A socióloga Maria Lígia Barbosa cita Bourdieu, quando este afirma

Compreender a gênese social de um campo é apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, *tornar necessário*, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os atos dos produtores e das obras por eles produzidas.<sup>122</sup>

Em outras palavras, é necessário compreender o princípio da formação da Museologia como esta vem se constituindo ao longo dos anos, tendo como base seus teóricos e seus resultados, isto é, suas publicações. Sendo assim, o ICOM e principalmente o ICOFOM tornam-se objetos de estudo essenciais para os profissionais da Museologia.

Assim, percebemos que o caminho só está começando. É um campo novo, que requer muita atenção e paciência. Até porque se trata de um campo fluído, mutável, concebido na interface com outros campos do conhecimento, características estas tão fortes neste período pós-moderno. Tais características fazem a Museologia assemelhar-se ao próprio Museu – fonte inesgotável de aprendizagem e conhecimento. Portanto, sem entender o Museu é difícil entender a Museologia, e vice versa. Afinal de contas, sem teoria não há prática, sem constituir um saber e um objeto de estudo não há conhecimento científico. Lembremos o que diz Scheiner: pensar Museologia não é fácil. Mas como não pensar? É não entender a razão de ser da prática museológica. É negar a própria existência como profissional de Museologia.

<sup>121</sup> SCHEINER, Tereza. Museum and Museology – Definitions in process. In: MAIRESSE, François (Org.). **Defining the Museum**. Morlanwez, Belgium: Musée royal de Mariemont, 2005. p. 178. pré-ed.

<sup>122</sup> BOURDIEU (1989 apud BARBOSA, 1993, p. 24). BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira. A Sociologia das Profissões: Em torno da legitimidade de um Objeto. **BIB**: Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais. n.º 36. Rio de Janeiro: RELUME-DUMARÁ/ANPOCS, 1993. p. 3-30.

### **03 - “Vamos decretar a revolução<sup>1</sup>”:** “Suleando” a Museologia em direção à América Latina

---

<sup>1</sup> Frase da música “*A Revolução*” de autoria de Kim, César e Júlio - Banda Catedral.

### 03 – “Vamos decretar a revolução”: “Suleando” a Museologia em direção à América Latina

*“Por uma transformação dos museus da América Latina, [...]”*

*Mesa-Redonda de Santiago do Chile<sup>2</sup>*

Sabe-se o quanto é complexo definir América Latina. Nos perguntamos: Quais são as características que definem um país latino-americano? O primeiro passo seria buscar a diferença de um país latino-americano para os Estados Unidos e/ou Canadá, também países do continente americano. Este passo torna o início da trajetória menos complicado. Trata-se, à primeira vista, daquilo que aprendemos desde os primeiros anos de escola: Canadá e Estados Unidos foram *colônias de povoamento*, e os demais países americanos *colônias de exploração* - modos de *colonizar* que fizeram diferença na constituição destes países. Abrindo um parêntese, poderíamos dizer que estas afirmações são eurocêtricas em sua essência, já que, para as nações indígenas de toda a América, os processos colonizatórios não foram diferentes – em ambos, as nações indígenas foram massacradas. A questão é que há efetivamente um modo diferenciado na formação dos núcleos coloniais, das “colônias de povoamento” para as “colônias de exploração”. Neste trabalho não detalharemos como estas “colônias” foram constituídas: visamos apenas destacar o “produto” que percebemos na atualidade.

Os Estados Unidos e Canadá são países cuja população, em sua grande maioria, é, no mínimo, alfabetizada e goza de uma distribuição de renda mais igualitária. São “países de Primeiro Mundo”, segundo padrões estabelecidos por este mesmo grupo - os “países desenvolvidos”. Tais conceitos se baseiam principalmente nas características apresentadas, tornando os demais países em “desenvolvimento”, conhecidos também como “Terceiro Mundo”, por estes não alcançarem padrões como os apresentados. Esta dicotomia – países desenvolvidos/países em desenvolvimento – também é representada como Norte/Sul. Na verdade, a questão vai além: não se trata apenas de características que definem e separam um grupo de outro, mas **há um modo diferente de ver** um país “desenvolvido” de um em “desenvolvimento”. Esse olhar durante muito tempo interferiu no modo de perceber e definir as diferenças culturais de ambos os grupos, fazendo com que as diferentes culturas fossem percebidas como “culturas desenvolvidas”, em detrimento de “culturas em desenvolvimento”.

---

<sup>2</sup> UNESCO. Mesa Redonda de Santiago do Chile. *Museum*, vol. XXV (3), p. 126-204, 1973.

### 3.1. O ATO DE SULEAR A AMÉRICA LATINA

Segundo Márcio Campos, mesmo gozando de experiências em diferentes contextos e elaborando leituras muito distintas, seja no âmbito individual quanto social, os resultados acima descritos sempre estarão baseados em referenciais, de onde perceberemos nosso entorno <sup>3</sup>. O autor toma como exemplo o ensino dos pontos cardeais, tendo **o norte como o referente fundamental**, e ressalta o caráter ideológico presente em afirmações tais como: Norte/Sul, acima/abaixo, subir/descer, superior/inferior, central/periférico, desenvolvido/em desenvolvimento <sup>4</sup>. Como proposta, Campos explica

Se estendêssemos a mão esquerda para o lado do oriente poderíamos atender ao requisito de respeito ao conceito de lateralidade, tão exigida em alfabetização da palavra nas escolas, mas desprezada para a alfabetização e leitura do mundo [...]. Com isso construiríamos uma representação simbólica, onde também com a consciência do corpo nos colocamos aptos a olhar para o Sul, adaptando-nos assim ao contexto local e do hemisfério sul nas relações céu-terra: Polar, sempre abaixo do horizonte visível e o Cruzeiro do Sul girando em torno do Polo Sul celeste e distante dele cerca de quatro vezes e meia o braço maior da cruz da constelação. Encontrado dessa forma o Polo Sul celeste, basta traçar uma perpendicular para – "suleando-se" - mirar o sul geográfico. Parte da regra prática poderia funcionar se readaptássemos a idéia da representação corporal importada. O que acontece segundo a citação a Sperber é que importou-se o que é conceitual no Norte mas a representação conceitual não tornou-se, no Sul, assimilável ao seu objetivo. O conceito e a regra prática de lá foram postos entre aspas como representação simbólica inutilizando aqui a utilização do Norte e reforçando o caráter ideológico de dominação. <sup>5</sup>

Propomos aqui **o ato de sulear a América Latina** – uma revolução decretada. Afinal de contas, como assegura Campos, só **reafirmaremos nossa existência tendo consciência dos nossos referenciais**, constantemente em construção e simbolizados na própria vivência de nossos contextos <sup>6</sup>. Baseando-nos em nossos referenciais, retornamos à pergunta lançada no início deste capítulo: o que nos define como países latino-americanos?

O segundo passo é entender que, na busca pela unidade, apenas encontraremos a diversidade. Não podemos “colocar no mesmo saco” países como Colômbia, Brasil e Argentina<sup>7</sup> e nem dizer que somos formados por brancos, negros e índios, como se estas fossem etnias homogêneas.

Os demais passos visando responder a esta pergunta serão apresentados em quatro momentos, no decorrer desta seção: 1) A identificação de “movimentos” em prol da

<sup>3</sup> CAMPOS, Márcio D’Oliveira. **Sulear vs Nortear**: representações e apropriações do espaço entre emoção, empiria e ideologia. p. 41. Disponível em: <[http://www.sulear.com.br/Textos/arquivos\\_textos/texto03.pdf](http://www.sulear.com.br/Textos/arquivos_textos/texto03.pdf)>. Acesso em: 08 fev. 2008.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 42.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 54.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 63.

<sup>7</sup> GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da Modernidade. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2ª. ed. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 72.

“desnorteação” e de uma possível “suleação” da América Latina, a partir de mudanças no modo de pensar as questões pertinentes a realidade de nossa região; 2) A “observação” do fenômeno Museu neste espaço; 3) O desenvolvimento da Museologia latino-americana, culminando na criação do ICOFOM LAM; e 4) o fortalecimento da Museologia a partir do ICOFOM LAM, com o intuito de estabelecer uma Museologia voltada para a América Latina, a partir de textos teóricos.

Defendemos a idéia de que é necessário entender a América Latina considerando as características diversas que a compõem e levando em conta os nossos próprios referenciais. Para tal, tomaremos como ponto de partida para reflexão contribuições de profissionais latino-americanos que se dispuseram a pensar a nossa Região. Segundo a argentina Mónica Gorgas, ao estudar a Região, não podemos esquecer as ocupações e dominações do espaço, as lutas de poder, os diferentes interesses, os grupos migratórios, movimentos de busca por uma posição na sociedade - fatos estes que constituem um ambiente de complexidade a ser interpretado<sup>8</sup>.

Durante muito tempo a história oficial negou sistematicamente esses conflitos, o que nos levou a constituir uma “auto-imagem distorcida”. A dificuldade de “auto-aceitação” diminuiu a nossa “auto-estima”<sup>9</sup>. Mesmo com a noção da diversidade cultural, percebida há muito tempo, “[...] há uma série de tensões ainda não resolvidas, que nem as instituições de ensino nem os museus vêm tendo vontade de esclarecer.”<sup>10</sup>

Pensar e estudar tais processos não só nos levará a afirmar identidades auto-suficientes, mas também nos permitirá conhecer “[...] formas de situar-se em meio à heterogeneidade e entender como se produzem as hibridações”<sup>11</sup>. Para o pesquisador e professor argentino (radicado no México) Néstor Garcia Canclini, o importante é construir princípios teóricos e procedimentos metodológicos que nos ajudem a compreender nossas diferenças e conviver em meio a elas, num movimento que leva “[...] a aceitar o que cada um ganha e está perdendo ao hibridar-se”.<sup>12</sup>

Ao refletir sobre as características formadoras da nossa “hibridação cultural”, é necessário também nos debruçarmos sobre os contextos e cenários que as “sulearam”. García Canclini refletiu sobre como a Modernidade e a Pós-Modernidade instauraram-se no espaço latino-americano. Segundo ele,

<sup>8</sup> GORGAS, Mónica. Os museus e a crise dos povos de identidade concorrente. In: MUSEOLOGIA E DIVERSIDADE CULTURAL NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. **ICOFOM LAM**, Cidade do México, México, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 117-129, Jun. 1998.

<sup>9</sup> Ibidem.

<sup>10</sup> Ibidem.

<sup>11</sup> GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1998. p. XXIV.

<sup>12</sup> O autor prefere o uso do termo “híbrido”, já que mestiçagem refere-se à raças e sincretismo à fusões religiosas e/ou movimentos simbólicos tradicionais. Ibidem, p. 19.

“[...] tivemos um modernismo exuberante com uma modernização deficiente [...] posto que fomos colonizados pelas nações européias mais atrasadas, submetidos à Contra-Reforma e a outros movimentos antimodernos, apenas com a independência pudemos iniciar a atualização de nossos países. Desde então, houve ondas de modernização.”<sup>13</sup>

García Canclini aponta que na década de 1990 (tardiamente, portanto, em relação a outras regiões) a América Latina efetivamente se modernizou. Mas a questão é que esta modernização se produziu de um modo diferente do que se esperava: na segunda metade do século XX, a modernização não foi feita tanto pelos Estados quanto pela iniciativa privada, mas o processo de “socialização” ou “democratização” da cultura foi realizado pelas indústrias culturais – quase sempre em posse de empresas privadas – através da “boa vontade” cultural ou política de produtores. Continua havendo desigualdade na apropriação de bens simbólicos e no acesso à inovação cultural, porém essa desigualdade já não tem a forma simples e polarizada que acreditava-se encontrar, quando se definia cada país em *dominadores e dominados*.<sup>14</sup>

Com relação à Pós-Modernidade, García Canclini afirma:

[...] A contribuição pós-moderna é útil para escapar desse impasse na medida em que revela o caráter construído e teatralizado de toda a tradição, inclusive a da modernidade: refuta a origem das tradições e a originalidade das inovações. Ao mesmo tempo, oferece ocasião de repensar o moderno como um projeto relativo, duvidoso, não antagônico às tradições nem destinado a superá-las por alguma lei evolucionista inverificável. Serve, em suma, para nos incumbirmos ao mesmo tempo do itinerário impuro das tradições e da realização desarticulada, heterodoxa, de nossa modernidade.<sup>15</sup>

Podemos perceber que não se trata de retirar o “velho” para instaurar o “novo”, mas sim que “tradição” e “modernidade” podem conviver juntas. E nenhum lugar melhor que a América Latina para nos ensinar isso: espaço onde o sincretismo cultural e religioso, aliado às (ou fruto das) misturas de etnias, configura um ambiente que deve ser pensado de forma diferente, ou melhor, à sua própria maneira.

O primeiro movimento em direção à “suleação” é reconhecer, como o pedagogo brasileiro Paulo Freire nos lembra, que não é nosso privilégio “toda espécie de escândalos e exploração” sofrida por nossos povos, já que nosso maior exemplo é o “Primeiro Mundo”<sup>16</sup>. Além de não podermos mais “dar às costas ao nosso Cruzeiro do Sul”<sup>17</sup>, **devemos** – como um segundo passo ao ato de sulear- **estar a par da compreensão de mundo que as**

<sup>13</sup> GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da Modernidade. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 67.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 96-97.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 204.

<sup>16</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança** – Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 12.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 220.



**nossas sociedades têm.** Compreensão esta que, condicionada pela realidade concreta que em parte a explica, pode começar a mudar através das próprias transformações dessa realidade<sup>18</sup>. E mais: “[...] compreensão do mundo que pode começar a mudar no momento mesmo em que o desvelamento da realidade concreta vai deixando expostas as razões de ser da própria compreensão tida até então.”<sup>19</sup> Afinal de contas, conforme já citamos na introdução:

Ninguém chega a parte alguma só, [...] Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida [...] Experimentamos, é certo, na travessia que fazemos, um alvoroço na alma, síntese de sentimentos contraditórios [...] Do alvoroço da alma faz parte também a dor da ruptura do sonho, da utopia. A ameaça da perda da esperança.<sup>20</sup>

Na busca pela compreensão de mundo das sociedades latino-americanas, é necessário considerar que às grandes maiorias populares falta uma compreensão mais crítica de si mesmas, não porque sejam, como reforça Freire<sup>21</sup>, incapazes, mas por causa das condições precárias em que vivem e sobrevivem e por causa da alienação política e ideológica conveniente aos que detém o poder. Tais fatores impedem que homens e mulheres se assumam como sujeitos curiosos, indagadores, como sujeitos em processo permanente de busca. Esta relação, que se dá através do que Freire nomeia como “leitura do mundo e leitura da palavra”, deve ocorrer simultaneamente e não deve ser feita pelos acadêmicos e educadores, caso seja imposta às classes populares<sup>22</sup>.

A intervenção de um profissional é necessária mesmo numa relação democrática, principalmente se este é capaz de familiarizar-se com “[...] a sintaxe, com a semântica dos grupos populares, de entender como fazem eles sua leitura de mundo, de perceber suas ‘manhas’ indispensáveis à cultura de resistência que se vai constituindo e sem a qual não podem defender-se da violência a que estão submetidos.”<sup>23</sup>

Precisamos ter em mente que a “[...] libertação dos indivíduos só ganha profunda significação quando se alcança a transformação da sociedade.”<sup>24</sup> Este é o próximo passo que nos levará a outros, traçados pela Museologia latino-americana, principalmente pelo ICOFOM LAM - e que constataremos no decorrer da trajetória deste texto. Ao visarmos a transformação das nossas sociedades, simultaneamente as libertaremos – de nós mesmas, de nossas visões limitadas, ultrapassadas e “norteadas” durante tanto tempo.

---

<sup>18</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança** – Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 28-29. É importante ressaltar que, para nós – assim como Scheiner - as teorias de Freire transcendem a matriz marxista e se alinham com o pensamento holista, defendendo uma ética da liberdade e da pluralidade que se estende para além de ideologias específicas.

<sup>19</sup> FREIRE, loc.cit.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 32-33.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 106.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 106-107.

<sup>23</sup> Ibidem, p. 107.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 100.

### 3.2 O MUSEU NO ESPAÇO LATINO-AMERICANO

Para discorrermos sobre a Museologia no espaço latino-americano, é necessário primeiramente “observarmos” e entendermos como o fenômeno Museu se configurou neste espaço, considerando as questões discutidas até este momento, pois é a partir do entendimento desta realidade que se desenvolve a Museologia na Região.

Ao reconhecermos o caráter fenomênico do Museu, cria-se a possibilidade de que este pode ser percebido através da experiência de mundo de cada indivíduo, a partir das diversas, múltiplas e complexas relações que cada homem ou sociedade estabelece com o Real complexo.<sup>25</sup>

Segundo Santaella

Entendemos por fenômeno, palavra derivada do grego Phaneron, tudo aquilo, qualquer coisa, que aparece à percepção e à mente. A fenomenologia tem por função apresentar as categorias formais e universais dos modos como os fenômenos são apreendidos pela mente.<sup>26</sup>

Ao percebermos o Museu como um fenômeno com características polissêmicas, podemos afirmar também que este é um instrumento semiótico, isto porque

a percepção do termo ‘museu’ como conceito polissêmico revela também a natureza do Museu como instrumento semiótico (sistema de signos, isto é, fenômenos de comunicação, ECO, 1968), que se realiza exatamente na relação entre o mundo exterior e o mundo dos sentidos; entre o material e o virtual; entre o individual e o coletivo; entre o local e o global; entre o tangível e o intangível; entre criação e informação.<sup>27</sup>

Mas o que seria signo? Segundo Santaella, signo é qualquer coisa de qualquer espécie que representa uma coisa, denominada de objeto de signo, “[...] e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de interpretante do signo.”<sup>28</sup> O signo vai mais além: ele pode ser qualquer coisa que esteja presente à mente. Signo é aquilo que dá corpo ao pensamento, às emoções, reações e que por sua vez podem ser externalizados. Essas externalizações são traduções mais ou menos fiéis de signos internos para signos externos.<sup>29</sup>

O processo comunicacional e pedagógico do Museu não ocorre apenas pela via formal das operações didáticas controladas, oriunda do logos, mas também perpassa por uma relação espontânea entre a capacidade imaginante do indivíduo e o discurso do

<sup>25</sup> SCHEINER, Tereza. Museologia e apresentação da realidade. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E APRESENTAÇÃO: ORIGINAL/REAL OU VIRTUAL? **ICOFOM LAM**, Cuenca and Galápagos Islands, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 96-105, Out. 2002.

<sup>26</sup> SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. p. 7.

<sup>27</sup> SCHEINER, loc. cit.

<sup>28</sup> Ibidem, p. 8.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 10.

Museu. **O Museu estabelece então um verdadeiro diálogo com o indivíduo – ou uma comunidade - priorizando a emoção, a imaginação e o sentimento para, através deles, oferecer a razão.** O Museu constitui-se portanto não apenas no ambiente tangível em que as coisas existem, porém na relação, de forma espontânea.<sup>30</sup>

Como o Museu se configurou e/ou se configura então na América Latina? Na verdade, diferentemente do que ressaltamos sobre como devemos nos relacionar com o Museu, o modelo denominado “tradicional” nos “nortear” durante muito tempo, sendo apresentado como o único possível. Este modelo, na maior parte dos casos, não representa a realidade latino-americana, pelo simples fato de suas comunidades não se sentirem à vontade diante dele. Pois, na verdade, como afirma Scheiner, este modelo sempre terá a face e a voz de seu criador, mesmo que fale de nós.<sup>31</sup> E como se não bastasse: quando este Outro toma a palavra, pode remeter ao fato de que não temos nada a dizer, ou pior, que o que dizemos não é importante.<sup>32</sup>

Pode-se até dizer que o museu, enquanto categoria simbólica, não representa em amplitude a alma latino-americana; que não realiza de modo amplo seu enorme potencial como agente de informação,<sup>33</sup> comunicação, valorização identitária e proteção do patrimônio de nossos povos.

Baseando-nos também em Scheiner, podemos ressaltar o grande apelo às referências imagéticas e icônicas nos museus, onde “ver” os objetos é uma prática habitual nas grandes sociedades, reforçada, inclusive, pelas Indústrias Culturais e pelo Turismo.<sup>34</sup>

García Canclini também identifica de forma semelhante este movimento:

Na nossa América, onde o analfabetismo começou a ser minoritário há poucos anos e não em todos os países, não é estranho que a cultura tenha sido predominantemente visual. Ser culto, então, é apreender um conjunto de conhecimentos, em grande medida icônicos, sobre a própria história, e também participar dos palcos em que os grupos hegemônicos fazem com que a sociedade apresente para si mesma o espetáculo de sua origem.<sup>35</sup>

Seria necessário então “**desnortear**” e “**sulear**” o Museu. A preocupação e ânsia específica em definir o Museu na América Latina como revelador de nossas identidades

<sup>30</sup> SCHEINER, Tereza. Museologia, Globalismo e diversidade cultural. In: MUSEOLOGIA E DIVERSIDADE CULTURAL NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. **ICOFOM LAM**, Cidade do México, México, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 118-131, Jun. 1998.

<sup>31</sup> Ibidem.

<sup>32</sup> Ibidem.

<sup>33</sup> Ibidem.

<sup>34</sup> Idem. **Imagens do não-lugar: comunicação e os novos patrimônios.** 2004. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ECO, Rio de Janeiro, 2004. p. 144.

<sup>35</sup> GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade.** Trad. Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2ª. ed. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 162.

e/ou como meio para reafirmá-las reforça claramente que sofremos uma crise de identidade <sup>36</sup>. A partir do momento que não (re) conhecemos nossa diversidade, nos sentimos como se estivéssemos “sem identidade”. Uma busca “nordestada” por uma homogeneidade, no mínimo, empobrecedora, nos deixará cada vez mais longe do “Sul”. Assim, não há como negar o importante papel que o Museu tem para preservação das identidades culturais.

O museu de modelo tradicional também propicia que apenas uma pequena parcela – elitista – o visite. A historiadora e especialista em sociologia Myrian Sepúlveda dos Santos aponta alguns destes motivos:

Museus consolidam hábitos e costumes, levando o visitante a falar em voz baixa, andar em passos curtos, seguir trajetórias sem fim sem indagações ou surpresas. Regras disciplinares controlam corpos e movimentos. Também a suntuosidade dos objetos dispostos, a falta de informação sobre eles, leva o visitante a reverenciá-los ao invés de tentar compreendê-los. Os museus muitas vezes ocupam antigos palácios, mas, mesmo quando criados para abrigar coleções, procuram reproduzir a imponência de residências majestosas. Sem dúvida, estas são características presentes no Louvre e no British Museum (Bennet 1995), mas também presentes em inúmeros museus brasileiros. Estes não são necessariamente palácios extremamente suntuosos, mas em grande parte labirintos pouco sinalizados e capazes de constranger qualquer cidadão comum que pela porta da frente se aventure a uma visita. <sup>37</sup>

O que deve ser feito então frente à esta realidade? Como Scheiner afirma, os museus precisam compreender que vivenciar é infinitamente mais importante que informar, pois é sabido que a experiência de aprendizado não resulta somente da informação, mas da vivência. Por vivermos uma realidade onde todos são assolados, a todo momento, por notícias e informações, os museus devem desenvolver-se como poderosos espaços vivenciais, ajudando cada visitante a olhar o mundo “com olhos de ver”. É através deste olhar “com os olhos de ver” é que se pode ver além das coisas, buscando por detrás delas algo oculto, invisível, porém essencial. E pode-se ir além: o indivíduo pode ver a si mesmo e acaba por ver também, dentro de si e para além de si, o Outro. O Museu portanto pode proporcionar à sociedade latino-americana um espaço de autoconhecimento e de (re)conhecimento do Mesmo e do Outro. <sup>38</sup>

Para que este reconhecimento ocorra de maneira plena, é necessária a participação da sociedade e/ou comunidade na elaboração do discurso do Museu, pois nenhuma “[...] abordagem intelectual poderia substituir este olhar sobre a vida comunitária, apenas

<sup>36</sup> GORGAS, Mónica. Os museus e a crise dos povos de identidade concorrente. In: MUSEOLOGIA E DIVERSIDADE CULTURAL NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. **ICOFOM LAM**, Cidade do México, México, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 117-129, Jun. 1998.

<sup>37</sup> SANTOS, Myrian Sepúlveda. **As megaexposições no Brasil**: Democratização ou banalização da Arte? In: Cadernos de Sociomuseologia: Museu e Políticas de Memória, n. 19, 2002, p. 89.

<sup>38</sup> SCHEINER, Tereza. Museologia e apresentação da realidade. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E APRESENTAÇÃO: ORIGINAL/REAL OU VIRTUAL? **ICOFOM LAM**, Cuenca and Galápagos Islands, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 96-105, Out. 2002.

possível quando a própria comunidade toma a palavra e se apresenta enquanto fato social, enquanto multiplicidade”.<sup>39</sup>

Na América Latina, este movimento poderá corresponder a uma rearticulação do imaginário social – e a uma reorganização dos espaços comunicacionais, que ajude a constituir uma nova auto-imagem do homem latino-americano. Esta nova auto-imagem deverá dar ênfase a maior pluralidade de referentes culturais; e oferecer novos espaços de aproximação e desenvolvimento, configurando-se como uma nova ágora, um espaço de encontro entre diferentes, uma nova instancia de expressão identitária - realizada de modo especialíssimo no âmbito de um fenômeno cultural que apenas começamos a reconhecer: aquele a que denominamos *fenômeno Museu*.<sup>40</sup>

Baseando-se nestas constatações, podemos afirmar que as diferentes narrativas da cena social devem fazer-se em pluralidade, dando espaço para que as muitas identidades que fazem parte do corpo social possam manifestar-se. Afinal, “ninguém melhor para falar por uma comunidade específica do que a própria comunidade: ela o fará através de muitas falas, com diferentes vozes; e contará muitas histórias [...]”<sup>41</sup>.

Outra proposta seria a de que os ecomuseus poderiam então assumir este espaço<sup>42</sup>, onde não só a comunidade construiria o discurso do Museu, mas este seria entendido em sua forma integral, abrangendo o seu território. O foco deixaria de ser o visitante tradicional e passaria a ser o grupo social, que habita o território - e que também seria parte do Museu. Contudo, trata-se de um modelo difícil de ser aplicado, pois depende essencialmente de um grupo social consciente e politicamente bem articulado, além de ser construído dia após dia, no cotidiano da comunidade. Deve-se considerar também que na nossa América Latina os movimentos sociais não são bem vistos (fruto dos processos e governos autoritários existentes durante décadas em grande parte dos países) e devido a esta premissa, aliada ao fato de que o ecomuseu não foi compreendido de maneira correta pelas instâncias culturais, este modelo permaneceu restrito a algumas experiências pontuais.<sup>43</sup>

**É neste cenário que se configura a Museologia latino-americana:** diante do dilema de reconhecer-se uma e somente uma manifestação fenomênica do Museu, que não responde aos anseios das sociedades desta parte do globo. Estas sociedades, por sua vez, se configuram num cenário de grandes mudanças políticas e sociais, principalmente nas

<sup>39</sup>SCHEINER, Tereza. **Imagens do não-lugar:** comunicação e os novos patrimônios. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ECO, Rio de Janeiro, 2004. p. 161-162.

<sup>40</sup>Idem. Sob o signo do Patrimônio: Museologia e Identidades Regionais. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO REGIONAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Salvador, Bahia, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, Dez. 2003.

<sup>41</sup>Idem. **Imagens do não-lugar:** comunicação e os novos patrimônios. Op. cit., p. 143.

<sup>42</sup>Apresentada também pelo ICOFOM LAM, como veremos adiante no item 2.4.

<sup>43</sup>Idem. Museologia, Globalismo e diversidade cultural. In: MUSEOLOGIA E DIVERSIDADE CULTURAL NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. **ICOFOM LAM**, Cidade do México, México, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 143-174, Jun. 1998.

últimas décadas no século XX. Não há como estudar esta realidade com um "olhar de fora", "norteado", e desconsiderando estes fatores determinantes.

É neste sentido que é "decretada a revolução": palavra de ordem durante o século XX por várias pessoas que lutaram por uma América Latina livre do domínio do denominado "Primeiro Mundo". Os pensadores latino-americanos da Museologia vêm considerando estas questões e formulando propostas que atendam à nossa realidade, como a dos museus comunitários.<sup>44</sup>

### 3.3. PENSANDO A REALIDADE LATINO-AMERICANA: PRIMEIRAS CONTRIBUIÇÕES MUSEOLÓGICAS

Baseando-se nas questões discutidas por pensadores como Freire e García Canclini, configuram-se importantes reflexões sobre o papel dos Museus - e conseqüentemente da Museologia - na América Latina. Destacaremos como este processo se deu no Brasil e no México, principalmente durante o século XX.

Segundo o museólogo mexicano Raúl Lugo, desde o século XIX, a partir do nascimento do Estado Mexicano, o museu como instituição propôs, como objetivo fundamental, ser coadjuvante na criação de uma identidade nacional<sup>45</sup>. O museu mexicano passa então a integrar-se à política educativa histórica, no âmbito da ação governamental do Arquiduque Maximiliano da Áustria.<sup>46</sup> Ainda assim, até a década de 1910 a instituição museu, naquele país, era um espaço isolado a serviço de uma minoria de intelectuais quase sempre reconhecidos por seu apoio incondicional à ditadura porfiriana. Mesmo com as novas administrações durante as décadas de 1930 e 1940, como a do General Cárdenas, que deu continuidade a ideais da denominada "Revolução Interrompida"<sup>47</sup>, o museu mexicano "[...] não deixou de ser um instrumento da ideologia educacional que propugnava o nacionalismo revolucionário de uma época que tentou reivindicar as demandas populares, mas sem atentar contra os interesses da ideologia dominante da revolução triunfante."<sup>48</sup>

Paralelamente, no Brasil, durante a década de 1920 se intensifica um movimento de intelectuais em favor da valorização da denominada cultura nacional. Este movimento se desdobra, na prática, na articulação de grupos de diferentes matrizes ideológicas, conforme lembra Scheiner.<sup>49</sup> Em decorrência disso, na década de 1930, a cultura passa a ser

<sup>44</sup> Conforme veremos no item 3.4.2.

<sup>45</sup> LUGO, Raúl M. **Da Museologia institucional à Museologia do povo**. In: X Jornada sobre a Função Social do Museu, Economuseologia e Desenvolvimento Sustentável. Povo do Lanhoso, Portugal, 26-28 set. 1997.

<sup>46</sup> Ibidem.

<sup>47</sup> Um exemplo foi uma relevante reforma agrária (20 milhões de hectares).

<sup>48</sup> LUGO, op. cit.

<sup>49</sup> Scheiner comenta o surgimento, neste período, de movimentos intelectuais de várias tendências. "Tais movimentos tentam conceituar a cultura nacional, visando a formulação de políticas que garantam o desenvolvimento econômico do Brasil e a sua inserção entre o grupo de nações mais poderosas. Movimentos de

entendida como a valorização dos “traços autênticos do país”, sendo que as manifestações culturais são as determinadas pela elite, como declara Scheiner.<sup>50</sup> Segundo a autora, que faz uma síntese da trajetória destas relações, ainda na década de 1930 é criado o Curso de Museus no Museu Histórico Nacional (1932). A idéia inicial de *museu* transmitida pelo Curso era a de que este seria um “estabelecimento criado pelo Poder Público” e de que o profissional de museu seria “um conservador de objetos e idéias”.<sup>51</sup> E a Museologia seria vista apenas como uma disciplina prática.

Na década de 1950, alguns profissionais já buscavam uma definição de Museologia, como por exemplo, Regina Real, que define Museologia como sendo uma “ciência nova”, desenvolvida “nos últimos trinta anos”.<sup>52</sup> A autora declara que

Sua significação não é comumente encontrada em enciclopédias e dicionários, exceto na última edição do *Larousse* que diz: ‘MUSEOLOGIA – CIÊNCIA DA ORGANIZAÇÃO DOS MUSEUS’ – definição perfeita e concisa resumindo tudo aquilo, que poderíamos sugerir: CIÊNCIA, - porque conjunto de conhecimentos coordenados relativamente e determinados objetos e ORGANIZAÇÃO, porque resultante de um critério seletivo obedecendo a princípios técnicos.<sup>53</sup>

É na década de 1970 que acontece grande parte das mudanças relevantes na Museologia e na proposta de atuar os museus na América Latina. No dia 30 de maio de 1972, o ICOM organizou um seminário cujo objetivo principal era justamente o de discutir o papel dos Museus na América Latina – a **Mesa-Redonda de Santiago do Chile**. Neste encontro, a partir de uma análise acerca dos problemas do meio rural, urbano, do desenvolvimento técnico-científico e da educação permanente, e de sua importância para o futuro da sociedade na América Latina, os participantes declararam, já num primeiro momento, que os museus têm a responsabilidade de procurar medidas e soluções para tais questões, para que assim se integrem à vida da sociedade, assumindo um papel decisivo na educação da comunidade.<sup>54</sup>

Visando “[...] uma **transformação dos museus da América Latina**”<sup>55</sup>, os participantes da Mesa-Redonda consideraram que “[...] as transformações sociais, econômicas e culturais que se produzem no mundo, e, sobretudo em um grande número de

---

elite surgem lado a lado com a fundação do Partido Comunista Brasileiro e com a rebelião dos tenentes do Forte Copacabana. São Paulo é, nesta década, reconhecido como o grande centro produtor de cultura - embora um conjunto de intelectuais do Rio de Janeiro e de Belo Horizonte também tenha participação ativa nos movimentos de renovação cultural”. SCHEINER, Tereza. Society, Culture, Heritage and Museums in country called Brazil. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND DEVELOPING COUNTRIES – HELP OR MANIPULATION? ISS: ICOFOM STUDY SERIES, Hyderabad, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 15, p. 179-193, Nov. 1988

<sup>50</sup> SCHEINER, Loc. cit.

<sup>51</sup> Ibidem.

<sup>52</sup> REAL, Regina Monteiro. O museu ideal. Belo Horizonte: Tipografia da faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais e do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, 1958. p. 5.

<sup>53</sup> REAL, loc. cit.

<sup>54</sup> UNESCO. Mesa Redonda de Santiago do Chile. **Museum**, vol. XXV (3), p. 126-204, 1973.

<sup>55</sup> Ibidem.

regiões em via de desenvolvimento, são um desafio para a Museologia.”<sup>56</sup> É importante ressaltar esta última afirmativa, que deixa claro que já se pensava o papel importante que a Museologia deve desempenhar frente às mudanças sociais e culturais. Em contrapartida, os participantes consideraram também que tais questões não poderão ser resolvidas somente por uma ciência e/ou disciplina, mas sim a partir do engajamento de todos os setores da sociedade.<sup>57</sup>

Em relação ao Museu propriamente dito, os participantes afirmaram que, por estar a serviço da sociedade, deve contribuir essencialmente para a formação da consciência das sociedades a que serve e para o engajamento destas comunidades na ação,

“[...] situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, ou seja, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais; [...]”<sup>58</sup>

Tal premissa não implica na supressão dos museus tradicionais, porém apenas sugere que estes se modifiquem de acordo com as necessidades da sociedade a que servem, tornando-se mais adequados para atuar em nível regional e/ou em pequenas comunidades.

Dentre as decisões apontadas, vale ressaltar a ênfase dada pelos participantes do evento à atuação dos museus nas sociedades que os cercam, como agentes de ensino. Nos países latino-americanos, especialmente,

“[...] os museus devem responder às necessidades das grandes massas populares, através do conhecimento de seu patrimônio natural e cultural, o que freqüentemente obriga os museus a assumir funções que, em países mais desenvolvidos, cabem a outros organismos [...]”<sup>59</sup>

Neste encontro já consta o interesse de criar um grupo regional que discutisse questões relativas aos museus e à Museologia, a partir das indicações feitas por museólogos latino-americanos presentes à oitava e à nona Conferências Gerais do ICOM - ocorridas, respectivamente, em Munique, 1968 e Grenoble, 1971.<sup>60</sup> Baseados nesta constatação, os participantes decidem – e sugerem – a criação da Associação Latino-americana de Museus (ALAM), filiada ao ICOM, e acessível a todos os museus, museólogos e/ou profissionais de museus, com a função de efetuar o intercâmbio entre os museus da Região, para compartilhamento de experiências e informações.

Dentre as conclusões do Encontro apresentadas à UNESCO, destacamos como sendo uma das mais importantes o conceito de *Museu Integral* – lugar de um novo tipo de

<sup>56</sup> UNESCO. Mesa Redonda de Santiago do Chile. *Museum*, vol. XXV (3), p. 126-204, 1973.

<sup>57</sup> Ibidem.

<sup>58</sup> Ibidem.

<sup>59</sup> Ibidem.

<sup>60</sup> Ibidem.



ação destinado a proporcionar à comunidade uma visão de conjunto do seu meio material e cultural.<sup>61</sup>

Podemos constatar neste documento a relevância dada à atuação dos museus na América Latina, que devem assumir seu papel de agentes educativos, voltados prioritariamente para as comunidades que os cercam, incentivando-as a valorizar e a preservar o patrimônio em seu conceito mais amplo (patrimônio integral).

O conceito de Museu Integral tornou-se base para um movimento internacional que influenciou também a Museologia latino-americana: A **Nova Museologia**<sup>62</sup>. Um dos países que sofreu grande influência da Declaração de Santiago e da Nova Museologia foi o México, a partir da atuação de teóricos como Mário Vazquez, Miriam Arroyo e Felipe Lacouture. Segundo Lugo, foi pela influência destes que existe, na atualidade, uma grande quantidade de promotores da Nova Museologia em todas as regiões do país, onde, com certas diferenças, tentam envolver a população na criação de espaços museológicos que correspondem às suas necessidades e interesses<sup>63</sup>.

Considerando as premissas acima apresentadas, em 1984, no México, foi elaborado um documento sobre a relação Ecomuseu – Território – Patrimônio – Comunidade: a **Declaração de Oaxtepec**. Para os autores, tanto a Nova Museologia quanto a “Museologia Tradicional” **confronta o Homem com sua Realidade**, por meio de elementos representativos e simbólicos<sup>64</sup>. Para que este “confronto” funcione de forma plena, é indispensável a participação da comunidade na elaboração do discurso dos museus, evitando assim as dificuldades de comunicação – características do “monólogo” do profissional<sup>65</sup>. Este documento está alinhado com as reflexões estabelecidas pela Nova Museologia e endossa as considerações de Santiago:

Esta declaração se solidariza com a orientação eminentemente social do papel da Museologia, da Mesa Redonda de Santiago do Chile de 1972, [...] assim como todo **esforço latino-americano que vê na Museologia um instrumento de livre desenvolvimento das comunidades**.<sup>66</sup>

É nesta base que se apóiam a nossa reflexão, a Declaração de Santiago e os trabalhos que seguem, culminando com o ICOFOM LAM: acreditar que a Museologia tem o

<sup>61</sup> UNESCO. Mesa Redonda de Santiago do Chile. **Museum**, vol. XXV (3), p. 126-204, 1973.

<sup>62</sup> O Movimento Internacional da Nova Museologia – MINOM - tem suas primeiras reflexões desde a década de 1960, com teóricos como Rivière e de Varine. A primeira experiência efetiva foi o Ecomuseu do Cresout, na França. Mas consta no documento de criação deste movimento que sua primeira expressão pública foi a Mesa Redonda de Santiago do Chile. Aqui temos o movimento oposto – a América Latina “suleando” a Museologia Internacional.

<sup>63</sup> LUGO, Raúl M. **Da Museologia institucional à Museologia do povo**. In: X Jornada sobre a Função Social do Museu, Economuseologia e Desenvolvimento Sustentável. Povo do Lanhoso, Portugal, 26-28 set. 1997.

<sup>64</sup> DECLARAÇÃO de Oaxtepec. Disponível em: < <http://www.nuevamuseologia.com.ar/Oaxtepe.htm> >. Acesso em: 15 mar. 2008.

<sup>65</sup> Ibidem.

<sup>66</sup> Ibidem. (tradução e grifo nossos).

potencial de tornar-se um instrumento de livre desenvolvimento das comunidades da América Latina, desde que a Museologia tenha como referência o “Sul”.

Vinte anos após a Mesa-Redonda de Santiago do Chile, reuniu-se em Caracas, Venezuela, por iniciativa do Comitê Venezuelano do ICOM e da Organização Regional de Cultura da UNESCO para a América Latina e o Caribe, um grupo de museólogos latino-americanos, com um objetivo claro e muito bem definido: rediscutir as funções do museu naquele momento. Como documento conclusivo, redigiram a **Declaração de Caracas**.<sup>67</sup> Apesar de experiências como as do México, a maioria dos países latino-americanos não aderiram, pelo menos não na prática, às questões discutidas na Declaração de Santiago. Esta premissa fica clara no documento de Caracas, onde consta a seguinte afirmação:

“[...] na América Latina, os museus geralmente não estão conscientes do potencial de sua linguagem e de seus recursos de comunicação, e que muitos não conhecem as motivações, interesses e necessidades da comunidade em que estão inseridos, nem seus códigos de valores e significados; [...]”<sup>68</sup>

Outro fator relevante a considerar neste documento, complementando a Mesa-Redonda, é que não pode existir um *museu integral* ou integrado na comunidade, se o discurso museológico não utilizar uma linguagem aberta, democrática e participativa.<sup>69</sup> Para tal, recomenda-se que o Museu busque a realização plena de sua função museológica e comunicadora, como espaço de relação de indivíduos e comunidades com seu patrimônio e como elo de integração social, buscando sempre **orientar seu discurso para o presente**.

A dúvida que nos atormenta é: porque, sendo a Declaração de Santiago tão difundida e apreciada no mundo todo, principalmente em cursos, seminários e palestras na América Latina, os profissionais ainda não incorporaram suas considerações? Ao concluírem o documento de Caracas, os participantes afirmaram que

Passados 20 anos da Mesa Redonda de Santiago do Chile, e ante a proximidade do novo milênio, **o museu se apresenta**, na América Latina, não só como a instituição idônea para a valorização do patrimônio, mas como instrumento útil para lograr um desenvolvimento humano equilibrado e com maior bem estar coletivo.<sup>70</sup> (grifo nosso)

Baseados no que presenciamos na atualidade, podemos assegurar que a afirmação grifada não está totalmente correta. Infelizmente, apesar dos esforços dos elaboradores da Declaração de Santiago e de reflexões tais como as de García Canclini e Paulo Freire, os

<sup>67</sup> UNESCO. ICOM. **Declaração de Caracas**. p. 145-151. [Apostila].

<sup>68</sup> Ibidem.

<sup>69</sup> Ibidem.

<sup>70</sup> Ibidem.

museus latino-americanos, em sua maioria, não têm se apresentado como instrumentos úteis para o desenvolvimento e bem-estar de nossas comunidades. Respondendo à pergunta lançada, é muito mais fácil continuar repetindo a prática museológica de centenas de anos do que ouvir o que as comunidades que cercam os museus têm a dizer. Até porque, no fundo, existe o medo de não gostarem do que podem dizer.

Como percebemos, passados vinte anos nossos teóricos apresentam a mesma ânsia: a de ver os museus latino-americanos representarem efetivamente nossas sociedades, assumindo de forma plena seu caráter e seu potencial fenomênico. E constataremos que no ICOFOM LAM não ocorreu diferente.

### 3.4. PENSANDO A MUSEOLOGIA A PARTIR DO ICOFOM LAM

Para abordar o desenvolvimento do pensamento teórico na Museologia latino-americana, utilizaremos como base os textos de Scheiner sobre o tema e os documentos produzidos pelo ICOFOM e pelo ICOFOM LAM.

Como explica Scheiner, “[...] a partir de 1982, especialistas de museus e professores de Museologia de todo o mundo apoiaram de forma crescente o ICOFOM, participando dos trabalhos do Comitê”<sup>71</sup>. Na 15ª Conferência Geral do ICOM, em 1989, tendo em vista o tamanho crescente do ICOFOM e a diversidade dos seus membros (mais de 1.000 especialistas, em 147 países), foi proposta sua descentralização e regionalização, no âmbito do Programa Trienal do ICOM 1989-1992 – e sugerida a criação de um grupo de trabalho de Museologia na América Latina. Para tal função foram designadas como responsáveis Tereza Scheiner e Nelly Decarolis, membros latino-americanos do *Board*<sup>72</sup> do ICOFOM. Em janeiro de 1990 o ICOFOM LAM foi implementado e nomeado.<sup>73</sup> Vale ressaltar que consta no Programa Trienal 1990-1992 do ICOFOM o encorajamento deste Comitê à criação de grupos regionais.

A primeira reunião entre as coordenadoras aconteceu na residência da Tereza Scheiner, localizada no Rio de Janeiro, em novembro do mesmo ano. Neste encontro foram realizadas as seguintes tarefas: 1) elaboração dos objetivos do Grupo Regional latino-americano; 2) criação e estruturação do Boletim nº. 1; 3) redação de cartas para os Comitês Nacionais do ICOM, para o ICOM LAC, para o presidente do ICOFOM, para o presidente honorário Vinos Sofka e para os coordenadores de cursos de Museologia da Região, comunicando a criação do ICOFOM LAM; 4) elaboração de um modelo de carta a ser enviado a todos os membros do ICOFOM latino-americanos, convidando-os a participarem

<sup>71</sup> SCHEINER, Tereza. The many faces of ICOFOM. **ICOM STUDY SERIES**, Paris, n. 8, p. 2, 2000.

<sup>72</sup> Diretoria do ICOFOM.

<sup>73</sup> DECAROLIS, Nelly. ICOFOM LAM 1990-2000. **ICOM STUDY SERIES**, op. cit., p. 14.

do ICOFOM LAM; e 5) elaboração de um formulário de registro a ser enviado em anexo à carta convite.<sup>74</sup>

Outra finalidade para este formulário era a de criar uma base de dados dos membros do ICOFOM LAM, com o intuito de permitir o conhecimento das atividades técnicas, profissionais e/ou acadêmicas de cada membro. Tal informação consta na carta enviada a Lucía Astudillo<sup>75</sup>.

As coordenadoras ainda estabeleceram e divulgaram, nas cartas enviadas, a função principal do ICOFOM LAM: “promover, dinamizar e documentar, na América Latina, o estudo e a pesquisa sobre Teoria Museológica, em consonância com as diretrizes emanadas do Executivo do ICOM e com as atividades do próprio Comitê”.<sup>76</sup> Esta função é efetivada através dos seguintes objetivos: propiciar o desenvolvimento da Museologia como disciplina científica independente; estudar as atividades e funções dos museus e seu papel na sociedade, bem como realizar análises críticas das principais tendências da Museologia, na atualidade.<sup>77</sup>

Dentre as respostas de profissionais que receberam as cartas informando a criação e a possibilidade de adesão ao ICOFOM LAM, destaca-se a da Presidente do ICOM BR, Lourdes Rego Novaes:

Cremos que o GT do ICOFOM/LAM terá um papel muito importante como embrião de reflexão da Teoria Museológica e deverá ter a responsabilidade de lançar uma cruzada em prol de novos caminhos para a Museologia na América Latina. No Brasil, onde os museus vêm passando por uma profunda “crise existencial” temos esperanças que esse GT possa ter um grande desempenho, levando à Museologia ao cientificismo que muitas vezes tem faltado.<sup>78</sup>

Entre as primeiras iniciativas de trabalho, o ICOFOM LAM criou e divulgou, entre os membros do ICOM e outros especialistas da Região, um questionário, “destinado à elaboração de uma base de dados profissionais e institucionais”<sup>79</sup>, que permitisse “um ágil intercâmbio de idéias e trabalhos”<sup>80</sup>. A adesão imediata e progressiva de profissionais de diferentes países (Argentina, Brasil, Chile, Equador, Peru – e posteriormente Colômbia, Costa Rica, Cuba, Haiti, Guatemala, México, Uruguai, Venezuela<sup>81</sup>) permitiu o

<sup>74</sup> Tais informações foram apresentadas em orientação com a Tereza Scheiner.

<sup>75</sup> Carta de Tereza Scheiner e Nelly Decarolis à Lucía Astudillo, no momento Presidente da Organização Regional para a América Latina e Caribe – ICOM LAC, em 1991. O mesmo conteúdo desta carta foi enviado para outras autoridades no âmbito da Cultura e do Patrimônio da Região.

<sup>76</sup> ICOFOM LAM. **BOLETIM ICOFOM LAM**, Ano I, n. 1, fevereiro, 1991. p. 1.

<sup>77</sup> Idem. ICOFOM LAM: Uma década de Museologia Teórica na América Latina. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E APRESENTAÇÃO: ORIGINAL/REAL OU VIRTUAL? **ICOFOM LAM**, Cuenca and Galápagos Islands, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 8, Out. 2002.

<sup>78</sup> Carta de Lourdes Rego Novaes, Presidente do ICOM BR, à Tereza Scheiner, em 1991.

<sup>79</sup> Idem. **BOLETIM ICOFOM LAM**, ano I, n. 2, julho 1991.

<sup>80</sup> ICOFOM LAM, loc. cit.

<sup>81</sup> Estes profissionais, em sua maioria, estavam vinculados à Academia e/ou às instâncias nacionais dedicadas à valorização do Patrimônio. Temos como exemplo: ICOM Argentina e Direção Nacional de Museus (Argentina); Escolas de Museologia, Museus do então Programa Nacional de Museus (Brasil); ICOM Equador, Museu do

**desenvolvimento dos primeiros trabalhos em direção a uma linha de pensamento própria dos profissionais latino-americanos.**

No primeiro encontro oficial do ICOFOM LAM, ocorrido em Buenos Aires, na Argentina, em 1992 <sup>82</sup>, foi elaborado o Programa Trienal de Atividades do novo grupo regional, com as seguintes propostas: 1) Organização de reuniões anuais a nível regional; 2) Elaboração de documentos conjuntos com as conclusões e recomendações das reuniões; 3) Tradução dos documentos para os idiomas oficiais do ICOM para serem apresentados nos simpósios anuais do ICOFOM; 4) Publicação mensal das conclusões e recomendações de cada reunião regional em português, espanhol, francês e inglês; 5) Apresentação de documentos sobre temas previamente selecionados; 6) Publicação de textos inéditos produzidos na América Latina e no Caribe, previamente selecionados por um Comitê de Redação composto por especialistas de trajetória reconhecida; 7) Publicação e distribuição gratuita do boletim bilingüe ICOFOM LAM – órgão de difusão do Grupo Regional; 8) Intercambio profissional para realizar trabalhos relacionados com a Teoria Museológica; 9) Criação de uma base de dados de profissionais da área: LAMBASE; e 10) Apoio para a criação de grupos nacionais de trabalho. <sup>83</sup>

Como podemos perceber, a metodologia utilizada pelo ICOFOM LAM baseia-se nos métodos de trabalho desenvolvidos pelo ICOFOM, incluindo as seguintes estratégias de ação: a) Realizar encontros anuais nos países da Região, para estimular o debate sobre Teoria Museológica; b) Encorajar a organização de grupos de trabalho nacionais, capazes de abordar, desde pontos de vistas específicos, as diferentes questões da Museologia Latino-americana, c) Organizar encontros nacionais, para disseminar as linhas de pensamento regionais; d) Encorajar o desenvolvimento de programas acadêmicos de Museologia na América Latina e Caribe e e) Apoiar e divulgar o trabalho da Cátedra UNESCO Museologia e Patrimônio Mundial, implementando programas de pesquisa no âmbito da Cátedra. <sup>84</sup> Tais estratégias são baseadas no Programa Trienal apresentado acima.

O veículo principal de comunicação entre os membros do ICOFOM LAM, durante os primeiros anos (1991-1993) foi o **Boletim ICOFOM LAM**. Nestes documentos constavam reflexões de profissionais sobre o papel dos museus e da Museologia, o papel e contribuição do próprio ICOFOM LAM frente a estas questões, documentos finais dos primeiros encontros, e divulgação das atividades do Subcomitê.

---

Banco Central, entre outros (Equador); PUC Peru, ICOM Peru e Dirección Nacional de Museus (Peru). Usa-se no texto a seqüência alfabética por País, conforme o ICOM. (Nota do autor)

<sup>82</sup> Falaremos deste encontro e de seus resultados teóricos no item seguinte.

<sup>83</sup> Tais informações sobre o Programa Trienal constam no folheto do encontro.

<sup>84</sup> ICOFOM LAM. **BOLETIM ICOFOM LAM**, ano I, n. 2, julho 1991.

Em carta confirmando o recebimento de informações acerca do Boletim nº. 1, em agosto de 1991, a museóloga Maria Regina Mattos declara:

Realmente precisávamos de um periódico com este perfil que, além de representar um espaço técnico-científico de fundamental importância para nós latinos [...] atua como catalisador e difusor de promoções voltadas a profissionais tão carentes de sustentação teórica, [...].<sup>85</sup>

Devido à importância e à constância da sua produção, em 1998, na sessão plenária do Conselho do ICOFOM, em Melbourne, o **ICOFOM LAM foi oficialmente declarado Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe.**<sup>86</sup> O ICOFOM, então, é a matriz principal do Subcomitê Regional da América Latina e Caribe – ICOFOM LAM, servindo de base para os temas e autores do citado subcomitê.

Para Scheiner, o valor do trabalho do ICOFOM LAM é

[...] desenvolver a Teoria Museológica na América Latina e no Caribe. Este grupo dá início à produção teórica sistemática em português e espanhol. Profundamente influenciados pela Mesa de Santiago e alinhados, desde o primeiro momento, com o paradigma holista e as tendências contemporâneas de pensamento, os teóricos latino-americanos oficializam, em 1992, sua adesão ao conceito fenomênico de Museu e ao meio ambiente integral: 'levando ainda em conta que o meio ambiente deve ser considerado de forma total (...); que o Museu é um fenômeno social dinâmico, que se apresenta sob formas distintas, de acordo com as características e necessidades da sociedade em que se encontra [...].'<sup>87</sup>

É importante ressaltar dois fatos com relação ao ICOFOM LAM. Primeiro, ao constituir um grupo que se debruça e dedica sobre as questões referentes ao papel do fenômeno Museu - e da Museologia como campo intrinsecamente ligado a tais questões, a possibilidade de mudança efetiva na prática é, no mínimo, maior do que reflexões importantes, porém pontuais, como a Declaração de Santiago. Os teóricos do ICOFOM LAM, ao trabalharem em conjunto, assumem um compromisso ético maior com a comunidade acadêmica, no sentido de que o debate teórico e ético deixa de ser um compromisso local e passa a ser regional. Podemos constatar esta afirmativa nos documentos finais dos encontros, que são “assinados” por seus participantes.

Segundo, presenciamos aqui o **ato revolucionário de “sulear” a Museologia: o ICOFOM LAM propicia, de forma sistemática, que pensadores latino-americanos possam ler a produção de seus conterrâneos**, além de possibilitar um debate produtivo para o campo.

<sup>85</sup> Carta de Maria Regina Mattos à Tereza Scheiner, em agosto de 1991.

<sup>86</sup> DECAROLIS, Nelly. ICOFOM LAM 1990-2000. **ICOM STUDY SERIES**, Paris, ICOM, n.8, p. 14, 2000.

<sup>87</sup> SCHEINER, Tereza. Museum and Museology – Definitions in process In: MAIRESSE, François (Org.). **Defining the Museum**. Morlanwez, Belgium: Musée royal de Mariemont, 2005. p. 187-188. pré-ed.

### 3.4.1. “Maior é a recompensa do trabalho de duas pessoas”<sup>88</sup>: Os Primeiros Encontros Regionais do ICOFOM LAM (1992-1997)

O ICOFOM LAM está essencialmente comprometido com a consolidação da Museologia, principalmente no que tange às práticas voltadas para o desenvolvimento das sociedades latino-americanas:

[...] promovendo a Teoria Museológica como base conceitual para a compreensão do papel social dos museus e da sua possibilidade de integração às políticas nacionais e regionais de desenvolvimento.<sup>89</sup>

Durante os encontros anuais do ICOFOM LAM, não são apenas publicados artigos – como é caso no ICOFOM – mas são também elaboradas cartas, considerações e recomendações que visam propor melhorias nas práticas das diferentes manifestações do fenômeno Museu no espaço Latino-americano, conforme já mencionamos anteriormente. Basearemos aqui nossas reflexões nesses documentos, de caráter conclusivo de cada encontro, dialogando com alguns autores, procurando assim identificar uma pequena parcela do que o ICOFOM LAM realmente tem a oferecer para o campo da Museologia. Vale ressaltar, primeiramente, que os documentos, em sua maioria, endossam as considerações da Declaração de Santiago.

Dois anos após sua criação, em 1992, o ICOFOM realiza seu primeiro encontro - em Buenos Aires, Argentina, entre os dias 30 de março e 5 de abril, juntamente com a Reunião Anual do Comitê Executivo do ICOM. O tema do simpósio é “**Museus, Sociedade e Meio Ambiente: uma trilogia integrada**”. Simultaneamente ao primeiro encontro, este comitê estabelece a criação de uma coletânea semelhante aos ISS do ICOFOM. O nome da publicação é a sigla do comitê: **ICOFOM LAM**.

Já neste primeiro encontro, o ICOFOM LAM anuncia a sua definição de Museu: “**Museu como fenômeno social dinâmico, que se apresenta de diversas maneiras e formas, de acordo com as características e necessidades da sociedade em que se encontra**”.<sup>90</sup> Ainda que este seja um conceito percebido apenas por alguns profissionais, é oficialmente endossado por todo o comitê, fato este que faz toda a diferença. No âmbito deste encontro, o ICOFOM LAM afirma também que, ao mesmo tempo em que existe a necessidade de se pensar e reconsiderar a(s) sociedade(s) latino-americana(s), é importante reconsiderar o discurso museológico, principalmente para que este seja aplicado

<sup>88</sup> BIBLIA, A. T. Salomão. Português. 1995. **Livro do Eclesiastes ou Pregador**, cap. 4, vers. 9. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, [1995].

<sup>89</sup> ICOFOM LAM. **BOLETIM ICOFOM LAM**, ano I, n. 1, fev. 1991, p. 1.

<sup>90</sup> Idem. Conclusiones y Recomendaciones. ENCUESTO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (1). Buenos Aires [Argentina]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 17.

na prática, segundo necessidades que são exclusivas das sociedades de nossa Região. Constatamos neste primeiro encontro o percurso que “suleará” o pensamento do ICOFOM LAM: o comprometimento do museu latino-americano com as necessidades das sociedades que o cercam.

O II Encontro Regional do ICOFOM LAM ocorreu na cidade de Quito, no Equador, durante os dias 18 e 23 de julho de 1993. O tema debatido foi “**Museologia, Museus, Espaço e Poder na América Latina e Caribe**”. Nada mais apropriado e relevante do que relacionar Museu e Museologia com a relação espaço e poder, na América Latina. Podemos assegurar que, influenciados por teóricos como García Canclini, Freire, Campos entre outros, os participantes ponderaram sobre o papel ideológico do Museu e conseqüentemente da Museologia no espaço latino-americano.

Constatamos esta premissa quando os participantes afirmaram que os museus devem ser agentes culturais atuantes, partindo do princípio que o tempo e o espaço do museu envolvem o passado, presente e futuro, devendo ser este compreendido em sua relação com o tempo e o espaço de cada sociedade.<sup>91</sup> Ao considerar as particularidades das realidades e sistemas políticos de cada país latino-americano, onde os valores das etnoculturas estão ligados aos processos de desenvolvimento de cada país, o ICOFOM LAM recomendou que os museus devem estar preparados para as diversas políticas que podem surgir.<sup>92</sup>

Assim, os participantes reafirmam que os países latino-americanos estão passando por uma transformação econômica que repercute de maneira determinante no âmbito social, político e cultural – e concluem que é um bom momento para que a Museologia estabeleça contatos reais com o poder público e econômico, a fim de contribuir para o fortalecimento das identidades da Região.<sup>93</sup>

Baseando-nos em Paulo Freire, podemos conjecturar que o diálogo entre o Museu e a comunidade não os toma iguais, porém “marca a posição democrática” entre ambos e é justamente a diferença que os define<sup>94</sup>. O diálogo, segundo Freire, não nivela, não reduz um ao outro. Implica, ao contrário, um respeito fundamental dos sujeitos nele engajados, que o autoritarismo rompe ou não permite que se constitua.<sup>95</sup> É esta relação de poder que o Museu deve estabelecer com a comunidade a qual pertence: um diálogo que define um ao outro.

<sup>91</sup> ICOFOM LAM. Conclusiones y Recomendaciones. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (2). Quito [Ecuador]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 20.

<sup>92</sup> ICOFOM LAM, loc. cit.

<sup>93</sup> ICOFOM LAM, loc. cit.

<sup>94</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança** – Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 117-118.

<sup>95</sup> FREIRE, loc. cit.



O III Encontro Anual do ICOFOM LAM, intitulado “**Museologia, Educação e Ação Comunitária**”, foi realizado em Cuenca, no Equador em outubro de 1994, juntamente com a Conferência Anual do CECA – Comitê de Educação do ICOM, tendo gerado uma publicação conjunta com o CECA, editada com subsídios da Organização dos Estados Americanos - OEA. Este encontro não gerou um documento conclusivo. A coordenadora do encontro Lucía Astudillo apresentou uma síntese do que ocorreu no livro “*El pensamiento museológico latinoamericano – los documentos del ICOFOM LAM*”<sup>96</sup>. Chamaremos a atenção para a relação proposta no tema: Museologia e Educação viabilizando a ação comunitária. No discurso, percebemos a ênfase dada ao intercâmbio entre profissionais de museus e pedagogos capacitados, com o objetivo de estimular as diversas comunidades para que estas desejem criar museus que representem suas vidas e memórias.

O ICOFOM LAM 1995 aconteceu em Barquisimeto, na Venezuela, entre os dias 23 a 26 de abril, em conjunto com o Encontro do ICOM Venezuela e teve como tema de discussão “**Museologia, Patrimônio e Turismo na América Latina e Caribe**”. Visando o fortalecimento das identidades latino-americanas, declaram – no âmbito deste quarto encontro - que a Museologia contemporânea tem incorporado as propostas da Museologia comunitária em suas diversas formas, como um fundamento importante para desenvolver novas alternativas.<sup>97</sup> Declaram também que **o Museu - como guardião do patrimônio tangível e intangível** - deve fortalecer e preservar as manifestações tradicionais dos povos, envolvendo os visitantes nas difíceis situações do cotidiano.<sup>98</sup> Assim, o Museu colocará em prática, para as comunidades, o que Paulo Freire ensinou:

Entender o sentido de suas festas no corpo da cultura de resistência, sentir sua religiosidade de forma respeitosa, numa perspectiva dialética e não apenas como se fosse expressão pura de sua alienação. Respeitá-la como direito seu, não importa que pessoalmente a recuse de modo geral, ou que não aceite a forma como é ela experienciada pelo grupo popular. [...] Sem que o educador [e porque não o Museu] se exponha inteiro à cultura popular, dificilmente seu discurso terá mais ouvintes do que ele mesmo. Mais do que perder-se inoperante, seu discurso pode reforçar a dependência popular, pode sublinhar a apregoada ‘superioridade lingüística’ das classes dominantes.<sup>99</sup>

O quinto encontro deste comitê ocorreu na cidade do Rio de Janeiro, em maio de 1996, juntamente com a Conferência Anual do ICOFOM, tendo como tema “**Museologia e Arte na América Latina e Caribe**”. Vale abrir um parêntese para ressaltar a presença considerável dos brasileiros neste simpósio, sendo estes em sua maioria professores e ex-

<sup>96</sup> Este livro apresenta as cartas e recomendações dos encontros do ICOFOM LAM, no período de 1992 a 2005.

<sup>97</sup> ICOFOM LAM. Declaración de Barquisimeto. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (4). Barquisimeto [Venezuela]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano – los documentos del ICOFOM LAM**. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 34.

<sup>98</sup> Ibidem, p. 35.

<sup>99</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança** – Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 107-108.

alunos da Escola de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO.

Este encontro, como o de 1994, não gerou um documento conclusivo. Mesmo assim, a partir do sumário analítico de Gorgas, podemos perceber a “arte” da relação entre a Museologia e o campo da Arte, pensada pelo ICOFOM LAM. A partir da percepção de que tanto a Museologia como a Arte são criações humanas que tendem a expressar sua relação com o Real, e de que o Museu deve ser um “espaço sem muros”, a Museologia deve olhar – com sensibilidade - a sociedade, permitindo que esta se desenvolva através da educação e da arte – formas que possui para modificar sua realidade.<sup>100</sup>

Ainda no âmbito desta temática e destas discussões, a museóloga argentina Nelly Decarolis afirma que a “ciência museal” enfrenta na atualidade um desafio: ajudar a conhecer e difundir a arte no seu tempo e espaço e no seu sentido mais amplo.<sup>101</sup> Se o museu relaciona-se com o real, e este é entendido atualmente como subjetividade, logo a “arte é sua forma mais autêntica de expressão”, como aponta a museóloga brasileira Tereza Scheiner.<sup>102</sup>

Entre os dias 29 de novembro e 03 de dezembro de 1997, realizou-se em Cuenca, no Equador, o VI Encontro Regional do ICOFOM LAM, com o tema “**Museus, Memória e Patrimônio na América Latina e Caribe**”. A relação entre Museu, Memória e Patrimônio é tão inerente à natureza de cada um destes signos, que torna discutir e refletir sobre ela algo fascinante e intrigante, simultaneamente. Percebemos esta observação quando consta no documento que a definição de Musealidade abrange as diversas manifestações do Patrimônio, onde a preservação da Memória deve ser entendida como suporte no qual definimos, como indivíduos e/ou como sociedades, nossa própria representação de mundo.

103

Uma questão levantada neste encontro foi o caráter ético da preservação da Memória, já que esta pode ser manipulada. Chamamos atenção então para a responsabilidade que o Museu tem em assumir uma postura vigilante e comprometida com a comunidade a qual serve. Segundo Gorgas, a Museologia, por ser entendida como a reflexão sobre as relações entre o Homem e o Real, não pode subtrair-se ao fato de que o

<sup>100</sup> ICOFOM LAM Declaración de Barquisimeto. ENCUENTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (4). Barquisimeto [Venezuela]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 35.

<sup>101</sup> DECAROLIS, Nelly. Reflexiones sobre Museología, Estética y Arte. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND ART. **ISS: ICOFOM STUDY SERIES**, Rio de Janeiro, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 26, p. 164, May 1996.

<sup>102</sup> SCHEINER, Tereza. Museologia e Arte: uma imprecisa relação. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND ART. **ISS: ICOFOM STUDY SERIES**, Rio de Janeiro, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 26, p. 276, May 1996.

<sup>103</sup> ICOFOM LAM, Carta de Cuenca. ENCUENTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (6). Cuenca [Ecuador]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 39-40.

Homem deliberadamente tem dentro de si o desejo de esquecer fatos que provoquem dor ou culpa.<sup>104</sup> Lançamos mais uma pergunta: como o Museu deve agir diante deste dilema?

Como toda boa relação, não há espaços para “o medo” mediante a dilemas como este. Como podemos perceber, o medo da “perda” é um elemento constante no discurso oficial sobre o patrimônio e a memória. Segundo o museólogo brasileiro Mário Chagas

[...] guarda e perda, preservação e destruição, caminham de mãos dadas pelas artérias da vida. Como sugere Nietzsche é impossível viver sem perdas, é inteiramente impossível viver sem que o jogo da destruição impulse a dinâmica da vida.<sup>105</sup>

Não se deve temer a perda, pois o medo traz a insegurança. Deve-se viver sim intensamente, inclusive o patrimônio e a memória – afinal de contas, estes são dinâmicos, vivos e se transformam conforme a necessidade da relação.

#### 3.4.2. Fortalecimento do ICOFOM LAM e contribuições para o campo museológico (1998-2006)

Em meados da década de 1990, o ICOFOM LAM projeta-se mundialmente, a partir da apresentação dos resultados deste comitê no ICOFOM. Membros do Comitê Internacional começam a participar dos encontros do ICOFOM LAM e um crescente número de profissionais latino-americanos passa a interessar-se pelos trabalhos e encontros. Diferentemente do que ocorre no ICOFOM, os teóricos do ICOFOM LAM não são divididos por linhas de pensamento<sup>106</sup>, mas podemos perceber que, ao longo dos encontros do período de 1998-2006, foram apresentadas duas vertentes de contribuições. Primeiro, contribuições no **âmbito teórico-filosófico**, influenciando diretamente a consolidação epistemológica do campo museológico. Os encontros em que podemos constatar o predomínio desta vertente foram: 1999, 2001, 2004, 2005 e 2006.

Segundo e não menos importante, contribuições no **âmbito teórico-social**, que influenciam a prática museológica, com propostas voltadas para a realidade latino-americana. Tais contribuições estão predominantemente presentes nos encontros de 1998, 2000, 2002 e 2003. Assim, o ICOFOM LAM vai além do ICOFOM: a partir da compreensão da Museologia como um campo voltado para o fenômeno Museu, é necessário pensar em

<sup>104</sup> GORGAS, Mónica. Os museus em busca da Memória Perdida. In: SIMPÓSIO MUSEUS, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. **ICOFOM LAM**, Cuenca, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.110-112, 1997.

<sup>105</sup> CHAGAS, Mário. **Imaginação Museal: Museu, Memória e Poder** em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - PPCIS, Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, 2003. p. 19.

<sup>106</sup> No ICOFOM, os teóricos dividem-se em: 1) os que seguem uma **linha de pensamento tradicional** – cuja Museologia é um conjunto de práticas relativas aos museus; 2) os que seguem uma **linha de pensamento holista** – percebendo o Museu como fenômeno e a Museologia como um campo que estuda a relação entre o Homem e o Real, no âmbito deste fenômeno.

como este se manifestará, suprimindo as necessidades das sociedades, no caso, as latino-americanas. Comprova que é necessário pensar tanto na prática quanto na teoria, e que este trabalho gera frutos mais consistentes se for pensado, refletido, discutido pelos teóricos do campo, simultaneamente.

Em relação às contribuições no **âmbito teórico-filosófico**, durante o encontro de 1999,<sup>107</sup> cujo tema foi: “**Museologia, Filosofia e Identidade na América Latina e Caribe**” e realizado em conjunto com o ICOFOM, foi destacada a abordagem filosófica transdisciplinar e interdisciplinar da Museologia, resultando numa dinâmica que tem acompanhado a prática museológica desde seu início. Definem **a Museologia como a relação específica entre o Homem e o Real, no contexto do Museu**, baseando-se em princípios da Filosofia. Voltamos à questão inicial deste trabalho: o que define um país latino-americano? Lançamos então uma nova pergunta: **Quando o Museu assumirá o seu papel na construção de uma comunidade, sociedade e/ou país de nossa América Latina?** A argentina Norma Rusconi acredita nesta possibilidade, quando define o Museu

“[...] como um espaço de pura possibilidade, de liberdade que está requerendo do sujeito uma nova linguagem, uma nova perspectiva ontológica e o compromisso eterno que, como homem falante e pensante, assumiu ante aos outros homens e ante ao mundo (...). Se a museologia e os novos museus aspiram a ser espelhos das sociedades viventes, a noção de liberdade deve ser o fundamento essencial desta nova disciplina”.<sup>108</sup>

Relembramos aqui Paulo Freire, quando afirmava que a “[...] libertação dos indivíduos só ganha profunda significação quando se alcança a transformação da sociedade”<sup>109</sup>. Este deve ser o anseio incansável da Museologia e do Museu: libertar e transformar nossas sociedades, a partir do (auto) conhecimento.

Seguindo esta vertente, no encontro de 2001<sup>110</sup>, com o tema “**Museologia e Patrimônio Intangível na América Latina e Caribe**”, os participantes ressaltam a importância de se desenvolver uma Museologia eticamente comprometida e solidária para com as sociedades em transição, considerando o conceito de *diversidade* como um bem que deve ser preservado e fortalecendo as diferenças culturais, frente aos fatores de desorganização ou dependência econômica.<sup>111</sup> Fica aqui, também, enfatizada a importância da terminologia: para que este fato ocorra, é imprescindível revisar a linguagem

<sup>107</sup> Entre os dias 28 de novembro e 04 de dezembro, aconteceu na cidade de Coro, na Venezuela, o VIII Encontro Regional do ICOFOM LAM.

<sup>108</sup> RUSCONI (1998 apud ICOFOM, 1999), Carta de Coro. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (8). Coro [Venezuela]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 50.

<sup>109</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança** – Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 100.

<sup>110</sup> Em 2001 o Encontro Anual do ICOFOM LAM ocorreu na cidade de Montevideo, no Uruguai, nos dias 12 a 15 de dezembro.

<sup>111</sup> ICOFOM LAM. Carta de Montevideo. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (10). Montevideo [Uruguay]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 60.

museológica, estabelecendo pautas comuns de comunicação, que respeitem e incluam a diversidade cultural<sup>112</sup>.

Em relação às publicações de autores, é relevante ressaltar, para as discussões no âmbito teórico-filosófico, quando Scheiner declara que, ao investigar as relações entre Museologia, Museu e Patrimônio, deve-se identificar a relação entre seus conceitos e o contexto cultural da Atualidade, a partir das representações existentes no imaginário de nossas sociedades<sup>113</sup>. A autora afirma também que a investigação de novas dimensões nesta relação deverá delinear os temas que constituirão a base epistemológica dos modelos teóricos da Museologia – contribuindo para a sua inclusão na Teoria do Conhecimento, como campo disciplinar específico<sup>114</sup>.

Outra contribuição importante é a da museóloga brasileira Odalice Priosti, quando afirma que a Museologia contempla o processo de regeneração e/ou revitalização das sociedades, adaptando-se com novos métodos nas ações de investigação, preservação e comunicação. Baseadas nisso, as “novas museologias”, girando em torno do patrimônio global a serviço das sociedades, se abrem para reconhecer e incorporar novos olhares.<sup>115</sup>

O encontro de 2004<sup>116</sup>, tendo como tema “**Museologia e Patrimônio Intangível na América Latina e Caribe: uma visão integrada**”, foi um evento marcante, por ter reunido pela primeira vez, naquele país, os profissionais de museus, para debater aspectos teóricos da Museologia. Por ser um tema já debatido pelo ICOFOM LAM em outros encontros, percebemos no documento conclusivo, a partir da retomada de algumas questões já apresentadas e defendidas e de outras ainda não discutidas, um amadurecimento nas reflexões acerca do patrimônio, também objeto de estudo da Museologia. Podemos corroborar esta afirmativa quando ressaltam que não apenas os objetos são polissêmicos e com diferentes cargas simbólicas: nós, seres humanos, também somos polissêmicos.<sup>117</sup> Aí está o grande potencial do patrimônio: quando este é percebido e assumido pelos seus verdadeiros herdeiros: o Homem e/ou comunidade a quem este patrimônio realmente custar. Não um valor econômico, ou apenas um valor histórico ou de suma relevância para a humanidade, mas um valor impregnado de afetos, de identificação daquele patrimônio consigo mesmo(a). Como se este patrimônio fizesse parte de si próprio(a), não sabendo

<sup>112</sup>ICOFOM LAM. Carta de Montevideo. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (10). Montevideo [Uruguay]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 60.

<sup>113</sup>SCHEINER, Tereza. Museologia e Patrimônio Intangível: A experiência virtual. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO INTANGÍVEL. **ICOFOM LAM**, Montevidéo, Subcomité Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 219, dezembro 2001.

<sup>114</sup>SCHEINER, loc. cit.

<sup>115</sup>PRIOSTI, Odalice. La nueva Museología y el Patrimonio Intangible. In: op. cit., p. 178.

<sup>116</sup> O XIII Encontro Regional do ICOFOM LAM realizou-se na cidade de Antigua, na Guatemala, no mês de dezembro de 2004, juntamente com o ICOM Guatemala e a Associação Guatemalteca de Amigos de Museus.

<sup>117</sup> ICOFOM LAM. Carta de la Antigua Guatemala. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (13). Antigua Guatemala [Guatemala]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 83.

onde começa e onde termina esta relação - a ponto de desconhecer quem completa e quem define o outro.

Retomando a discussão da relação homem/comunidade com o Museu, recomendou-se – no âmbito do Encontro de 2005<sup>118</sup> - que a Museologia não deve ocupar-se somente do que se apreende no domínio cognitivo, mas também no que se apreende através dos sentidos e da emoção (domínio emocional)<sup>119</sup>. **Eis aí a fonte da verdadeira aprendizagem: a que se dá através da emoção, dos sentidos.**

Quanto ao Encontro do ICOFOM LAM de 2006<sup>120</sup>, com o tema “**Museologia – um campo do conhecimento: Museologia e História**”, ressaltamos o grande número de artigos publicados, dentre os quais incluem-se artigos de alunos e professores do recém-criado Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, em parceria com o Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST. Este programa utiliza as definições de Museu, Museologia e Patrimônio defendidas e apresentadas, desde o início, pelo ICOFOM LAM – “suleando” seu trabalho teórico e sua produção acadêmica.

No âmbito teórico-social, ressaltamos primeiramente o Encontro do ano de 1998<sup>121</sup>, com um tema interessante: “**Museus, Museologia e diversidade cultural na América Latina e Caribe**”. Este foi o maior encontro do ICOFOM LAM, em número de participantes (400 pessoas), mobilizando a categoria profissional a discutir as políticas da Região. Vale lembrar que no México a Nova Museologia é crescente, no âmbito da prática, porém as reflexões teóricas da Museologia são pontuais. Para a Museologia do México este encontro foi um marco e para o ICOFOM LAM também, pois os participantes atuaram de maneira nunca vista antes no Subcomitê. A *Declaração de Xochimilco*, fruto deste encontro, apresenta o museu como um espaço essencial para constituir, reconfigurar e sedimentar as representações globais do poder, resultando em um lugar privilegiado para a reflexão acerca dos imaginários das minorias.<sup>122</sup> Além disso, ao compreendermos os processos de desenvolvimento e respeito pela dinamização da cultura de cada povo, possibilitamos que cada povo siga seu caminho em direção ao bem estar social.

<sup>118</sup> O ICOFOM LAM realizou seu XIV Encontro no ano de 2005, na cidade de Lima, Peru, no mês de novembro. O tema debatido foi “**Museologia e Patrimônio – interpretação e comunicação na América Latina**”.

<sup>119</sup> ICOFOM LAM. Carta de Lima. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (14). Lima [Peru]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 91.

<sup>120</sup> Este Encontro ocorreu em Córdoba e Alta Gracia, na Argentina, organizado pelo ICOFOM e com a participação do Subcomitê do ICOFOM da Sibéria: o ICOFOM SIB.

<sup>121</sup> Ocorreu na cidade de Xochimilco, no México, entre os dias 13 e 20 de junho.

<sup>122</sup> ICOFOM LAM. Síntesis de la Declaración de Xochimilco. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.24-27, 1999.

Já o encontro de 2000<sup>123</sup>, com o tema “*Museologia e Desenvolvimento Sustentável na América Latina e Caribe*”, foi realizado em conjunto com o II Encontro Internacional de Ecomuseus, promovido pelo MINOM – Movimento Internacional da Nova Museologia<sup>124</sup>. Segundo a linha de pensamento deste movimento, grande parte dos teóricos latino-americanos acredita que o modelo de museu ideal para a América Latina é o ecomuseu.

No âmbito da discussão sobre Ecomuseus e Museus Comunitários, foram elaborados neste encontro dois documentos: o *Manifesto* e a *Carta de Santa Cruz*. No *Manifesto de Santa Cruz*, como linha de ação, os participantes propõem a capacitação dos profissionais, o estímulo ao fortalecimento das redes entre os ecomuseus e à criação de formas sustentáveis de uso do patrimônio integral na comunidade.<sup>125</sup> Na *Carta de Santa Cruz*, ao considerar necessário analisar o papel do patrimônio intangível, ligando-o com o natural e o cultural, a fim de valorizar a diversidade cultural latino-americana, declararam que é necessário constituir expressões da linguagem museológica, que permitam gerar na comunidade espaços participativos e capacitar os novos profissionais para difundir nas comunidades o novo paradigma sócio-econômico e cultural. Concluíram que a “[...] instância museu e a profissão museológica podem superar meras atitudes nostálgicas sobre o Patrimônio e o Comunitário”.<sup>126</sup>

Scheiner lembra que a Museologia, como campo disciplinar, trata das relações existentes entre Museu e suas diversas expressões, com a função de transcender espaço e tempo, dimensionando como ocorrem, no presente, as variadas relações entre Patrimônio e Museu, concebendo-as e atuando-as no plano do Real complexo. Declara também que, com relação ao ICOFOM LAM, desde sua criação este comitê busca discutir as relações entre Museologia, ambiente integral, patrimônio e desenvolvimento sustentável, não só como linha filosófica, mas também como proposta ética.<sup>127</sup>

O modelo de museus comunitários propõe, em sua essência, não apenas um diálogo com a comunidade, mas permite a atuação efetiva no próprio processo de elaboração e constituição do primeiro pela comunidade a que pertence. Não queremos dizer que o modelo tradicional deva ser extinto da América Latina, mas enquanto não abrir um espaço

<sup>123</sup> O XI Encontro do ICOFOM LAM aconteceu em Santa Cruz, na cidade do Rio de Janeiro, durante os dias 17 e 20 de maio de 2000, em conjunto com o ICOM Uruguai.

<sup>124</sup> O Movimento Internacional da Nova Museologia – MINOM - tem suas primeiras reflexões desde a década de 1960, com teóricos como Rivière e de Varine. A primeira experiência efetiva foi o Ecomuseu do Cresout, na França. Mas consta no documento de criação deste movimento que sua primeira expressão pública foi a Mesa Redonda de Santiago do Chile. Aqui temos o movimento oposto – a América Latina “suleando” a Museologia Internacional.

<sup>125</sup> ICOFOM LAM. Manifesto de Santa Cruz. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Santa Cruz, RJ, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.299-300, maio 2000.

<sup>126</sup> ICOFOM LAM. Carta de Santa Cruz. In: op. cit., 306.

<sup>127</sup> SCHEINER, Tereza. Museologia, Identidades, Desenvolvimento sustentável: estratégias discursivas. In: op. cit., p. 47-57.

para que se dialogue com a sociedade na qual está inserida, continuará, como Paulo Freire diria, falando praticamente para si mesmo.

O próximo encontro a seguir esta vertente foi o Encontro de 2002<sup>128</sup>, que teve como tema “**Museologia e apresentação na América Latina e Caribe: original/real ou virtual?**”. Como uma eficiente alternativa para perceber e consequentemente suprir as nossas necessidades, os participantes do XI Encontro ressaltaram que a criatividade é uma das características dos profissionais de museus da América Latina, que devem utilizar esta capacidade para interpretar e apresentar, de forma democrática e respeitosa, o patrimônio tangível e intangível para que os museus da região reflitam de modo integral a diversidade cultural de suas comunidades<sup>129</sup>.

Entre os documentos base, destaca-se o de Scheiner, quando declara que as exposições museológicas não são simples mostras, e sim instâncias de conversação, cujo objetivo é oferecer ao visitante experiências duráveis, que possam ser trazidas para o cotidiano do indivíduo, pois

[...] o verdadeiro Museu não está no ambiente tangível em que as coisas existem, mas é o que se constitui na relação, espontaneamente, no preciso instante em que a coisa exposta toca, em profundidade, o corpo e a alma do observador.<sup>130</sup>

Por último, o encontro “**Museologia e Patrimônio Regional na América Latina e Caribe**”<sup>131</sup>, ocorrido em 2003, fortaleceu a relação epistemológica entre a Teoria do Patrimônio e a Museologia, apresentando importantes contribuições para ambas as teorias, mesmo apresentando também contribuições no âmbito da prática.

Retomando a questão da representação do Museu em nosso espaço, consta, no documento final deste encontro, que as sociedades latino-americanas nem sempre se reconhecem nos museus, ou melhor, nem sempre os museus são “espelhos” confiáveis destas sociedades, constituindo - em sua maioria - a expressão de um modelo importado que não satisfaz nossos anseios culturais.<sup>132</sup> Os participantes defendem então que a criação de museus comunitários deve ser estimulada, a fim de estabelecer espaços de

<sup>128</sup> O XI Encontro do ICOFOM LAM aconteceu em Cuenca, Equador, em conjunto com o Encontro Anual do ICOFOM e com o ICOM Equador. O encontro foi sediado no *Museo de los Metales*, nos dias 23 e 30 de outubro de 2002.

<sup>129</sup> ICOFOM LAM. Manifiesto de Cuenca. ENCuentro del Comité Regional para a América Latina y Caribe / ICOFOM LAM (11). Cuenca [Ecuador]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 68.

<sup>130</sup> SCHEINER, Tereza. Museologia e apresentação da realidade. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E APRESENTAÇÃO: ORIGINAL/REAL OU VIRTUAL? **ICOFOM LAM**, Cuenca and Galápagos Islands, Subcomité Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 104, Out. 2002.

<sup>131</sup> O XII Encontro Anual do ICOFOM LAM realizou-se em Salvador, Bahia, no Brasil, em dezembro de 2003, realizado em conjunto com o IPAC/Bahia.

<sup>132</sup> ICOFOM LAM. Declaración de Bahía. ENCuentro del Comité Regional para a América Latina y Caribe / ICOFOM LAM (12). Salvador, Bahía [Brasil]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 73.



participação do universo dos museus latino-americanos<sup>133</sup>. Defendem também que os museus latino-americanos devem considerar todas as classes sociais, econômicas e culturais de cada sociedade, já que as mesmas são e devem sentir-se geradoras de cultura.

134

Como podemos perceber nestas breves considerações, o ICOFOM LAM tem se mostrado comprometido desde o primeiro momento não apenas com o desenvolvimento da Museologia enquanto campo disciplinar, mas com **a influência da Museologia no desenvolvimento dos países latino-americanos**. E este desenvolvimento só se dá quando estes se (re)conhecem, principalmente a partir de sua diversidade étnica e/ou cultural. Eis o “poder simbólico” transformador deste campo do conhecimento denominado Museologia: o de fazer com que as sociedades latino-americanas se (re)conheçam a partir de seus museus, estejam eles na forma tradicional, territorial, comunitária, virtual, ou tantas outras formas possíveis.

#### 3.4.3. Repensando o ICOFOM LAM: 15 anos de produção museológica

Em 2007, não ocorreu o encontro anual do ICOFOM LAM. Apenas, durante a Reunião Anual do ICOFOM, realizada no âmbito da Conferência Geral de Museus do ICOM, em Viena, Áustria, os membros do ICOFOM LAM se reuniram com os membros do Comitê Internacional para discutir questões do campo da Museologia. Foi então reafirmada a necessidade de rediscutir algumas questões de base do campo, tais como os conceitos de Museu, de Museologia e o estado da arte do próprio campo, no ambiente disciplinar do contemporâneo.

A partir do interesse em (re)discutir a Museologia como campo, o Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio convidou o ICOFOM LAM a realizar, no Rio de Janeiro, um workshop sobre o tema<sup>135</sup>. Realizou-se assim, em março de 2008, no âmbito do Mestrado em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS UNIRIO/MAST, o *Workshop* ICOFOM LAM “**Museologia como campo disciplinar**”. A discussão concentrou-se sobre a produção do ICOFOM LAM, a partir dos documentos finais dos encontros anuais já realizados (1992-2005).

Mencionaremos algumas reflexões apresentadas pelos grupos de trabalho organizados neste workshop, deixando claro que tal documento ainda está em processo de

<sup>133</sup> ICOFOM LAM. Declaración de Bahía. ENCuentro del Comité Regional para a América Latina y Caribe / ICOFOM LAM (12). Salvador, Bahía [Brasil]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 74.

<sup>134</sup> Ibidem, p. 75.

<sup>135</sup> O workshop foi planejado e organizado pela Profa. Dra. Tereza Scheiner, com o apoio de profissionais do grupo Jovem Museologia e das Profas. Nelly Decarolis e Gladys Barrios (atual presidente do ICOFOM LAM).

revisão para futura publicação. Vale ressaltar que este processo de reflexão foi semelhante ao desta dissertação. Porém, “maior é a recompensa do trabalho de duas pessoas”<sup>136</sup>, como disse o sábio Salomão – e ele tem razão.

No âmbito do encontro, foram designados três grupos de trabalho (GT's): GT subtema 01 - **Museu e Museologia: idéias e conceitos**; GT subtema 02 - **Museologia e suas interfaces com outros campos disciplinares**; e GT subtema 03 - **Museologia na América Latina e Caribe: da teoria à prática**. No GT 01, procuramos<sup>137</sup>, a partir dos documentos finais do ICOFOM LAM, ressaltar as contribuições relevantes sobre Museu e Museologia encontradas e, conseqüentemente ponderá-las e/ou reiterá-las. Ressaltamos, primeiramente, a definição de Museu do ICOFOM LAM e em seguida declaramos que percebemos o Museu na atualidade num constante processo de atualização de si mesmo, caracterizado como fenômeno, fruto da experiência humana sobre o real complexo - cujo desenvolvimento acompanha o próprio desenvolvimento dos indivíduos humanos e das coletividades.<sup>138</sup>

Com relação à Museologia, dividimos a discussão em quatro momentos: a) Museologia como campo disciplinar; b) terminologia do campo da Museologia; c) metodologia da Museologia; e d) proposição de uma ética museológica. No primeiro momento, reforçamos a inserção da Museologia nas Ciências Humanas e, a partir da palestra de abertura da Prof. Dr. Néida Gonzalez de Gomez, ao ressaltar as três bases filosóficas necessárias para a constituição do campo: ontológica, epistemológica e ética, decidimos identificar, refletir e ponderar sobre a contribuição deste Subcomitê para a constituição destas três bases e conseqüentemente para o fortalecimento da Museologia como campo disciplinar. Na base ontológica, a Museologia deve ser compreendida como o campo que possibilita a investigação do Museu numa fenomenologia própria (1998<sup>139</sup>); na base epistemológica, ressaltamos a necessidade da Museologia definir seu estatuto epistemológico, sugerindo novos espaços para discussão nos próximos Encontros anuais; e quanto à base ética, recomendamos que se reconsidere o discurso museológico, principalmente para que este seja aplicado na prática, segundo necessidades que são exclusivas das sociedades de nossa Região (1992). Concluímos neste primeiro momento que a Museologia já demonstra avanços, constituindo-se como um campo disciplinar em consolidação.<sup>140</sup>

<sup>136</sup> BIBLIA, A. T. Salomão. Português. 1995. **Livro do Eclesiastes ou Pregador**, cap. 4, vers. 9. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, [1995].

<sup>137</sup> O verbo está na primeira pessoa do plural porque fiz parte deste GT.

<sup>138</sup> ICOFOM LAM. Documento do Grupo de Trabalho 01 – Museu e Museologia: idéias e conceitos. In: WORKSHOP MUSEOLOGIA COMO CAMPO DISCIPLINAR. **ICOFOM LAM**, Rio de Janeiro, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, março 2008. pré-ed. Não paginado.

<sup>139</sup> Os anos que estão sendo mencionados são os anos dos encontros cujos documentos serviram de base para as afirmativas.

<sup>140</sup> ICOFOM LAM, op. cit.

No segundo momento, em relação à terminologia da Museologia, considerando que a difusão do conhecimento depende de forma direta da existência de uma terminologia específica, concluímos que é necessária a homologação de uma linguagem museológica (2001) para se consolidar como campo, cuja definição das idéias e conceitos possibilitará o intercâmbio de experiências entre museus, os profissionais do campo e as diferentes linhas de pensamento. Vale ressaltar a identificação pelo grupo de problemas terminológicos presentes nos documentos.<sup>141</sup>

Em relação ao terceiro momento – metodologia da Museologia, ressaltamos que esta seja configurada de modo que dê conta da complexa práxis museológica – considerando o caráter fenomênico do Museu. Apresentando-se como um desafio metodológico para a Museologia, reforçamos a necessidade da revisão da linguagem museológica<sup>142</sup>. E, em relação ao quarto momento – por uma ética museológica – ressaltamos a constante presença da questão ética nos diversos momentos das reflexões encontradas nos documentos do ICOFOM LAM. Ao reforçar a existência uma Museologia voltada para dar conta da diversidade cultural, recomendamos que a ética seja considerada um dos fundamentos básicos para uma metodologia museológica.

Finalizando o documento, recomendamos que a discussão sobre Museu e Museologia seja retomada nos próximos encontros. Queremos ressaltar que, ao destrincharmos os itens debatidos neste GT, reforçamos o diálogo existente entre esta dissertação e as reflexões em grupo sobre a posição atual da Museologia latino-americana: **uma Museologia que ainda está em processo de construção**, que tem **o grande desafio de dar conta da diversidade** mas que, ao mesmo tempo, está no caminho certo: **está se “suleando” cada vez mais**.

No âmbito do GT subtema 02 - **Museologia e suas interfaces com outros campos disciplinares**, o grupo apontou a falta de uma sistemática de pesquisa na América Latina, onde as questões práticas relacionadas à Museologia são privilegiadas em detrimento das atividades teóricas, e apontou também dificuldade de aliar a prática à teoria<sup>143</sup>. Esta dificuldade se dá, dentre outros fatores, pela pouca divulgação dos documentos do ICOFOM LAM – problema este identificado pelos participantes do grupo<sup>144</sup>.

<sup>141</sup> Como, por exemplo, o uso intercalado dos termos *museológico* e *museal*, em momentos distintos e com significados no mínimo duvidosos. ICOFOM LAM. Documento do Grupo de Trabalho 01 – Museu e Museologia: idéias e conceitos. In: WORKSHOP MUSEOLOGIA COMO CAMPO DISCIPLINAR. **ICOFOM LAM**, Rio de Janeiro, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, março 2008. pré-ed. Não paginado.

<sup>142</sup> Ibidem.

<sup>143</sup> ICOFOM LAM. Documento do Grupo de Trabalho 02 – Museologia e suas interfaces com outros campos disciplinares. In: op. cit.

<sup>144</sup> Ibidem.

Os participantes deste GT ressaltaram que, em relação ao documento de 1998 (Declaração de Xochimilco), não perceberam uma preocupação com a delimitação do campo museológico, mas, ao contrário, com a ampliação cada vez maior das esferas de atuação da Museologia. E, na relação com outros campos, ressaltaram a interdisciplinaridade para a delimitação do campo (2000); e a importância desta relação interdisciplinar para a homologação da linguagem museológica (2001) e para trabalhar com os museus e com patrimônio intangível (2004 e 2005).

E, em relação ao GT subtema 03 – “**Museologia na América Latina e Caribe: da teoria à prática**”, os participantes enfatizaram a convivência e simultaneidade de diferentes armadilhas e desafios na construção de caminhos metodológicos para a constituição do campo disciplinar e sua aplicação prática.<sup>145</sup> Baseados nesta ênfase, os participantes ressaltaram a importância da interdisciplinaridade e que todo museu deve ser estudado e analisado em seu contexto, na relação deste com a sociedade onde está inserido. Ressaltaram a importância do estímulo a reflexões disciplinares, com um olhar inovador e compreensivo, face à realidade dos desafios museológicos.<sup>146</sup> Sendo assim, sugeriram que o ICOFOM LAM liderasse novos encontros entre profissionais do campo, identificando como urgente a visibilidade da produção dos trabalhos desenvolvidos, tantos nestes novos encontros como nos anteriores, com o intuito de estimular trocas de experiências.<sup>147</sup>

Ao declararmos que é necessário “sulear” a Museologia em direção à América Latina pode parecer, à primeira vista, que o ato de sulear em direção ao sul é redundante, mas não é. Como iniciamos neste trabalho, durante muito tempo, mesmo estando no “sul”, estivemos virados para o norte. O convite feito no decorrer desta seção foi que voltássemos para nós mesmos, aqui no Sul, que nos guiássemos segundo nossos próprios parâmetros, com o objetivo de responder à pergunta lançada na abertura do texto: o que define um país latino-americano? A pergunta pode ainda não ter sido respondida, mas muitos aceitaram o desafio. E o desafio tornou-se menos penoso quando foi aceito por um grupo – pelo ICOFOM LAM.

---

<sup>145</sup> ICOFOM LAM. Documento do Grupo de Trabalho 03 – Museologia na América Latina e Caribe: da teoria à prática. In: WORKSHOP MUSEOLOGIA COMO CAMPO DISCIPLINAR. **ICOFOM LAM**, Rio de Janeiro, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, março 2008. pré-ed. Não paginado.

<sup>146</sup> Ibidem.

<sup>147</sup> Ibidem.

## 04 - “Viva la revolución latinoamericana<sup>1</sup>”:

Os teóricos latino-americanos do ICOFOM LAM  
e sua contribuição para a construção da Museologia

---

<sup>1</sup> Frase de um folheto de esquerda que circula pela cidade do Rio de Janeiro. **Folha de Trigo**. Rio de Janeiro, n. 5, 2ª semana, março de 2007. Folheto.

## 04 – “Viva la revolución latinoamericana”: os teóricos latino-americanos do ICOFOM LAM e sua contribuição para a construção da Museologia

“Por isso vem, não pare de sonhar [...] contigo eu sou mais eu [...].”  
Catedral<sup>2</sup>

Na seção anterior, apresentamos e reforçamos o caráter transformador da produção do ICOFOM LAM: pensar a Museologia tomando como base e referência as capacidades e necessidades da América Latina. Este movimento, que chamamos de “suleação”<sup>3</sup>, ressaltou a existência de um campo disciplinar que, por respeitar a diversidade e por ser constituído na interface entre pensamento moderno e pós-moderno, mostrou ser tão maleável quanto seu objeto de estudo: o Museu como fenômeno. Neste caso reforçamos, a partir do ICOFOM LAM, as definições de Museu e de Museologia apresentadas no primeiro capítulo.

O ICOFOM LAM torna-se uma potência e um exemplo para os outros subcomitês do ICOFOM e pelo próprio ICOM<sup>4</sup>, apresentando que é possível pensar a Museologia de diversas formas, tomando como referencial o múltiplo e complexo Museu. Como diria Paulo Freire

“[...] ‘As chamadas minorias, por exemplo, precisam reconhecer que, no fundo, elas são a maioria. O caminho para assumir-se como maioria está em trabalhar as semelhanças entre si e não só as diferenças e assim, criar a *unidade na diversidade*, fora da qual não vejo como aperfeiçoar-se e até como construir-se uma democracia substantiva, radical’.”<sup>5</sup>

Ao nos debruçarmos sobre as considerações e recomendações do ICOFOM LAM, percebemos também que tais documentos foram constituídos por diversas vozes, vozes estas que estaremos apresentando, de forma sucinta, neste capítulo. Este passo se dará não a partir de uma apresentação de cada autor e sua contribuição, mas a partir de um “debate” entre os teóricos, dividido por temáticas específicas: 1) Contribuições acerca do Museu – objeto de estudo da Museologia; 2) Reflexões voltadas para a Museologia como campo, a partir de um enfoque teórico-filosófico e 3) Reflexões teórico-sociais<sup>6</sup>, voltadas efetivamente para a prática museológica. O debate será enriquecido com outros autores

<sup>2</sup> Frase da música “Quando o verão chegar” de autoria de Kim, César e Júlio - Banda Catedral.

<sup>3</sup> Baseado no conceito elaborado por Márcio D’Oliveira Campos, conforme explicamos na seção anterior.

<sup>4</sup> O ICOFOM LAM inspirou a criação de outros comitês regionais do ICOM, como por exemplo, o Grupo Regional do Comitê de Educação e Ação Cultural - CECA LAM.

<sup>5</sup> FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança** – Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 154.

<sup>6</sup> Os denominados enfoque teórico-filosófico e enfoque teórico-social baseiam-se em questões já apresentadas.

latino-americanos cujo objetivo é o mesmo dos teóricos do ICOFOM LAM: transformar, “suleando”, a América Latina.

Utilizamos, neste “debate”, a metodologia utilizada pelo ICOFOM LAM, pois, como já descrita por Scheiner em carta à Lucía Astudillo, sobre a criação do Subcomitê

O objetivo do grupo era o de promover tarefas de investigação e estudo vinculadas com a Teoria Museológica, possibilitando uma ativa participação de seus membros através de debates, publicações e intercâmbio profissional [...].<sup>7</sup>

No âmbito do debate, “participarão” os seguintes autores, com seus respectivos artigos publicados no ICOFOM LAM, nos anos mencionados: Liliana Borioli (1997), Sebastián Bosch (1999), Nelly Decarolis (1999, 2003), Mónica Risnicoff de Gorgas (1998, 2008) e Norma Rusconi (1999, 2002), Argentina; Bernardo Arríbada (2008), Mário Chagas (2000), Marília Xavier Cury (1999, 2002, 2003), Diana Farjalla Correia Lima (1998, 2008), Odalice Priosti (2000), Márcio Ferreira Rangel (1999), Tereza Scheiner (1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003), Bruno C. Brulon Soares (2008), Marcelo Sá de Sousa (2008) e Regina Márcia Moura Tavares (2003), Brasil; Karina Durand (2000), México; e Ana María Reyes (2003), Venezuela.<sup>8</sup>

Assim, comprovaremos que o ICOFOM LAM tem participação ativa na consolidação do pensamento teórico da Museologia latino-americana – possível de reconhecer pela qualidade de sua produção e também pela maturidade teórica demonstrada nas discussões desenvolvidas pelos grupos de trabalho e pelos autores, constatação esta já feita no encontro de 2002.<sup>9</sup>

#### 4.1. OBSERVANDO, PERCEBENDO E “SULEANDO” O MUSEU

Dando continuidade às reflexões sobre o Museu apresentadas nos capítulos anteriores, percebemos que durante muito tempo o Museu ficou conhecido como um dos mitos da sociedade burguesa, criado para instituir-se enquanto detentor dos processos e produtos da memória do mundo<sup>10</sup>. Segundo Scheiner (1999) as tendências românticas do início do séc. XIX vão fazer-se representar como ideal na criação de museus - esses espaços privilegiados da sensibilidade e de um gosto comum à nobreza e à crescente

<sup>7</sup> Carta de Tereza Scheiner, criadora e coordenadora do ICOFOM LAM a Lucía Astudillo, no momento Presidente da Organização Regional para a América Latina e Caribe – ICOM LAC, em 1991.

<sup>8</sup> Usa-se aqui a seqüência alfabética pelo sobrenome e pelo país, conforme o método do ICOFOM (NOTA DO AUTOR).

<sup>9</sup> ICOFOM LAM. ICOFOM LAM: uma década de Museologia teórica na América Latina. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E APRESENTAÇÃO: ORIGINAL/REAL OU VIRTUAL? **ICOFOM LAM**, Cuenca and Galápagos Islands, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 9, Out. 2002.

<sup>10</sup> SCHEINER, Tereza. As bases ontológicas do Museu e da Museologia. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 136, nov/dez 1999.

burguesia <sup>11</sup>. Este modelo foi elaborado para servir ao discurso dos poderosos, fazendo-se espelho das normas instituídas e dos valores aceitos pelos setores hegemônicos de uma sociedade que coleta, produz, concentra e distribui riquezas:

[...] esse museu mostra um falso pluralismo, ao representar, sob um olhar hegemônico, as mais diferentes sociedades - cuja produção cultural é vista como material folclórico, etnográfico ou antropológico, ou ainda como curiosidade. Este é também o modelo de museu implantado pelo colonizador nos territórios conquistados – mesmos naqueles cujas sociedades não atribuem valor especial à propriedade enquanto patrimônio. E é pela via da conquista e da imposição cultural que o modelo europeu de museu atravessa terras e mares e se difunde por todos os continentes, perpetuando a falsa impressão de ser o único museu existente, o único museu possível, em todos os tempos, a todas as sociedades. <sup>12</sup>

Esta percepção se dá pela idéia de que o Museu teria se originado do Templo das Musas, conforme já ressaltamos no primeiro capítulo. Segundo esta mesma autora, a origem mítica só será melhor compreendida se nos afastarmos da imagem do Museu como instituição permanente, dedicada ao estudo, conservação, documentação e divulgação de evidências materiais do Homem e da Natureza <sup>13</sup>. Afastando-se do Templo, restam-nos as próprias Musas. Cury (1999) ressalta esta premissa quando afirma: “O Museu de que falamos não é o lugar, o templo das musas que gerou a conceituação de museu-depósito de coisas. O Museu de que falamos pensa no sentido das coisas no mundo e na vida e (re) elabora constantemente a sua “missão poética”. ”<sup>14</sup>

Ao considerarmos as Musas, não levamos em conta apenas o espaço físico (Templo), mas “[...] a presentificação das idéias de recriação do mundo por meio da memória, [...]” <sup>15</sup>. O Museu assume sua forma plena: pode existir em todos os lugares e em todos os tempos, “[...] onde o Homem estiver e na medida em que assim for nominado – espaço intelectual de manifestação da memória do Homem, da sua capacidade de criação.” <sup>16</sup>

E, como o pensamento grego estabelece, de uma ou de outra forma, o Homem como a medida de todas as coisas, o espaço primordial de manifestação das Musas seria então o próprio corpo do Homem - este sim, o verdadeiro templo das Musas, através do qual elas se manifestam pela palavra, pelo canto e pelos mitos de origem. <sup>17</sup>

O modelo tradicional de Museu não é anulado frente a esta constatação. Muito pelo contrário. Scheiner apresenta uma dualidade existente no Museu a partir de dois mitos: **Apolo** e **Dionísio**. A dimensão racional do Museu é representada pelo Apolo –

<sup>11</sup> SCHEINER, Tereza. As bases ontológicas do Museu e da Museologia. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 148, nov/dez 1999.

<sup>12</sup> SCHEINER, loc. cit.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 136.

<sup>14</sup> CURY, Marília Xavier. Museu, filho de Orfeu, e Musealização. In: op. cit., p. 51.

<sup>15</sup> SCHEINER, op. cit., p. 136.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 137-138.

<sup>17</sup> SCHEINER, loc. cit.



classificatório, institucional, cujo fruto é salvaguardar o produto e não o processo - dimensão esta característica da Modernidade. Consequentemente, a dimensão “emocional” do Museu é representada por Dionísio – paixão, êxtase, pulsante, mutável e constituído na relação – dimensão esta presente nos discursos pós-modernos. Estes habitam “em Delfos”, constituindo-se as duas faces do Museu.<sup>18</sup>

Como influência para o (re) descobrimento desta face dionisiaca do Museu, Scheiner aponta a teoria nietzscheana e seus sucedâneos, que por sua vez abrem caminho para o entendimento do **Museu enquanto fenômeno**. Por estarmos num período onde a verdade deixou de ser um conceito absoluto, é possível e coerente pensar um Museu livre e plural, que possa existir em qualquer espaço, e em qualquer tempo.<sup>19</sup> O que é anulada então é a existência de uma forma ‘ideal’ de Museu: “[...] **o Museu toma a forma possível em cada sociedade, sob a influencia dos seus valores e representações.**”<sup>20</sup>

Para Scheiner (2001), neste universo de multiplicidades e contradições, faz-se necessário repensar o Museu. Em sintonia com a nova ordem, **o Museu é pensado, hoje, a partir de sua natureza fenomênica e de sua pluralidade enquanto representação**. Não mais como instituição, porém configurado através de relações muito específicas entre o humano e as novas percepções de espaço, tempo, memória e valores culturais: “[...] Livre, plural, passionário e contraditório, infinito em sua potencia, pode aparecer sob distintas formas, representar todos os modelos culturais e todos os sistemas de pensamento – de acordo com os valores e representações das diferentes sociedades, no tempo e no espaço.”<sup>21</sup>

A autora complementa:

...O que constitui, então, o Ser do Museu? A sua relação muito específica com a realidade (real presente, real em devir), o tempo (duração), a memória (processo), o Homem (produtor de sentidos). De que modo se apresenta esta relação? Em liberdade e pluralidade, sob os mais diferentes suportes - do museu interior à memória da biosfera, todos eles igualmente expressões do Real. Qual a potência do Museu? Recriar-se continuamente, em intensidade, produzindo sentidos. [...] Museu Tradicional, Ecomuseu, Metamuseu: espelho de muitas faces, cada uma delas interagindo de formas específicas com o corpo social, numa relação de extrema complexidade. O Museu que desejamos é pois um processo, não mais um espaço “...quieto, rígido, liso, frio, tornado estátua, não como coluna de deus colocada diante dos templos”: é antes o museu da paixão, que toca o homem profundamente, elevando-o às alturas ou fazendo-o enfrentar o abismo, e cuja benção consiste “em estar por cima de cada coisa como o seu próprio céu”. Mas é também o museu do Lúdico, da liberdade, da

<sup>18</sup> SCHEINER, Tereza. As bases ontológicas do Museu e da Museologia. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 139-140, nov/dez 1999.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 153-156.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 156.

<sup>21</sup> Idem. Museologia e Patrimônio Intangível: A experiência virtual. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO INTANGÍVEL. **ICOFOM LAM**, Montevideu, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 217, dezembro 2001.

criação, vinculado à estética da criação como ontológica, um museu cuja beleza é intensiva e se dá na relação, povoada de afetos. Pois este encantamento com a vida é que torna possível gerar o novo, produzir novos sentidos. E sem criação e beleza, não há Museu, apenas repetição.<sup>22</sup>

Baseada nestas afirmativas, Gorgas (2008) define o Museu como **uma construção permanente em conjunto com a dinâmica social**, como um espaço de poder e como um agente de dinamização cultural. Aponta como dificuldade a responsabilidade que o Museu tem na construção de seu conceito ante a comunidade.<sup>23</sup> Soares (2008) afirma que o Museu se manifesta na própria comunidade, através da relação que esta estabelece com o Real, “[...] preservando a memória, os valores e as experiências de forma integral e democrática.”<sup>24</sup> Com este processo, a comunidade passa a **ser** o próprio **Museu**:

[...] pensar uma fenomenologia do Museu significa pensá-lo em movimento, em um constante processo de atualização de si mesmo, pois é assim que se comporta o fenômeno. Este é um processo que acompanha a transformação do próprio indivíduo humano [ou da comunidade], pois é a ele [ou a ela] que o Museu diz respeito. [...] O fenômeno, portanto, totalidade do aparecer, é a mudança mesma, ou tem a mudança como essência, e acaba funcionando quase como espelho, no qual percebido e percebente se vêem refletidos um no outro, no mundo supra-sensível.<sup>25</sup>

Para estudarmos este fenômeno, precisamos ter primeiramente consciência de que é necessário sabermos como olhá-lo, contemplá-lo, observá-lo. Este entendimento é a chave para o profissional que tem como campo do conhecimento a Museologia e aprofunda-se em seu objeto de estudo. Santaella, ao tratar dos fenômenos, nos ensina que o primeiro olhar que devemos dirigir a eles é o olhar contemplativo. Contemplar significa tornar-se disponível para o que está diante dos nossos sentidos, aguçando tanto quanto possível e necessário nossa percepção.

Auscultar os fenômenos. Dar-lhes a chance de se mostrarem. Deixá-los falar. [...] Nossas interpretações vêm sempre muito depressa, sem nos dar tempo para simplesmente nos abirmos com certa singeleza para o que se apresenta. Essa candidez intelectual nos disponibiliza para as primeiras impressões tanto sensórias quanto abstratas que os fenômenos despertam em nós.<sup>26</sup>

<sup>22</sup> SCHEINER, Tereza. As bases ontológicas do Museu e da Museologia. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 156-157, nov/dez 1999.

<sup>23</sup> GORGAS, Mónica Risnicoff de. Desafios profesionales para el futuro dos museos. In: WORKSHOP MUSEOLOGIA COMO CAMPO DISCIPLINAR. **ICOFOM LAM**, Rio de Janeiro, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, março 2008. pré-ed. Não paginado.

<sup>24</sup> SOARES. Bruno C. Brulon. Experimentando o Museu: A Museologia como campo disciplinar. In: op. cit.

<sup>25</sup> Ibidem.

<sup>26</sup> SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. p. 29-30.

Como assegura Decarolis (1999) fenômeno é um ato ou vivência intencional de representação intuitiva, de percepção e de presentificação.<sup>27</sup> Baseados nestas afirmações, é necessário compreender que, ao nos colocamos diante dos processos sógnicos que o Museu sofre e que pretendemos ler semioticamente, temos de dar a este signo o tempo que ele precisa para se mostrar. Sem isso, estamos destinados a perder a sensibilidade para seus aspectos qualitativos, pois tudo o que apela para a nossa sensibilidade e sensorialidade são qualidades. O signo diz o que diz, antes de tudo, através do modo como aparece, apenas através de suas qualidades.<sup>28</sup>

Já o segundo tipo de olhar que devemos dirigir para o fenômeno-signo Museu é o olhar observacional. O que deve entrar em ação nesse nível é capacidade perceptiva. Deve-se estar alerta para a existência singular do Museu, sabendo discriminar os limites que o diferenciam do contexto ao qual pertence, e para o modo como sua singularidade se delinea no tempo e espaço.<sup>29</sup>

Mas, o que o Museu realmente é: um fenômeno ou um signo? Esta pergunta é de certa forma fácil de responder, pois segundo a própria Santaella “[...] **todo signo é também um fenômeno**, algo que aparece à nossa mente. Agir como signos é um dos aspectos das coisas ou fenômenos”.<sup>30</sup>

**O Museu, tal como o signo, é múltiplo, variável e modifica-se de acordo com o olhar do observador** - que, na semiótica analítica, também é um signo, em diálogo com o signo que está sendo interpretado. Mas é necessário ressaltar que o signo tem uma autonomia relativa em relação ao seu intérprete. Seu poder evocativo, indicativo e significativo não depende inteiramente do intérprete. Este apenas atualiza alguns níveis de um poder que já está no signo. É por isso que analisar semioticamente significa empreender um diálogo de signos, no qual o que observa é um signo que responde a outro signo.<sup>31</sup> Neste sentido, entendemos porque o Museu, como entidade estimuladora de múltiplas experiências sensoriais, pode ser considerado como um sistema comunicativo complexo, conforme já definido por Bosch (1999).<sup>32</sup>

<sup>27</sup> DECAROLIS, Nelly. Relaciones de la Filosofía con la Museología contemporánea. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 69, nov/dez 1999.

<sup>28</sup> SANTAELLA, op. cit., p. 30.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 33.

<sup>31</sup> SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. p. 42.

<sup>32</sup> BOSCH, Sebastián. Consideraciones teóricas para la Museología, el Patrimonio Intangible y la Identidad Cultural. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 49, nov/dez 1999.

Assim, como afirma Soares (2008), o “[...] ‘experimental’ vence a batalha contra o ‘contemplar’ – que também não deixa de constituir uma face da experiência.”<sup>33</sup> **O Museu é a experiência em sua essência** – o que o caracteriza como fenômeno, onde o que esteve sempre no centro de qualquer concepção de Museu é a relação - relação esta entre o Humano e as coisas do mundo, entre seus semelhantes e entre ele mesmo e o seu inconsciente.<sup>34</sup> Scheiner (2001) reafirma que as relações com o Museu se iniciam na esfera do imaginário – “[...] Assim é o Museu fundamental: fluido, aéreo, sempre em movimento, projetando-se no espaço através do sonho e dos sentidos” e “[...]transcende o tempo, na infinita duração do movimento.”<sup>35</sup> E lembra:

Museu é portanto uma poderosa construção signíca, que se constitui e institui a partir de percepções identitárias, utilizando os jogos de memória e expressando-se sob as mais diferentes formas, no tempo e no espaço. E, se a percepção é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam, o mundo, mais que objeto, é o meio natural e campo de todos os pensamentos e percepções. E o que importa é o sentido que aparece na interseção destas experiências. Mais que representação, o Museu será portanto criador de sentidos, na relação: dos sentidos que percolam essas sensações, atos e experiências. E é desses sentidos que o Museu constrói o seu discurso, veiculado para a sociedade essencialmente através da exposição. Importa, portanto, identificar e analisar, através dessas relações, o que o Museu representa, como representa, e sobre que estratégias se fundamenta o discurso que elabora via exposição.<sup>36</sup>

Mas, por que pela exposição? Segundo a autora (2002), a exposição é o principal veículo de comunicação entre o museu e a sociedade, a principal instância de mediação dos museus, a atividade que caracteriza e legitima a sua existência tangível. A autora também declara que

Sem as exposições, os museus poderiam ser coleções de estudo, centros de documentação, arquivos, poderiam ser também eficientes reservas técnicas, centros de pesquisa ou laboratórios de conservação, ou ainda centros educativos cheios de recursos – mas não museus.<sup>37</sup>

É a partir das exposições que os museus elaboram e apresentam uma narrativa cultural que os define e significa, enquanto agências de representação sociocultural. É por meio delas que o Museu representa, analisa, compara, simula, constrói discursos

<sup>33</sup> SOARES, Bruno C. Brulon. Experimentando o Museu: A Museologia como campo disciplinar. In: WORKSHOP MUSEOLOGIA COMO CAMPO DISCIPLINAR. **ICOFOM LAM**, Rio de Janeiro, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, março 2008. pré-ed. Não paginado.

<sup>34</sup> Este pensamento baseia-se na dissertação de Scheiner, de 1998. SOARES, op. cit.

<sup>35</sup> SCHEINER, Tereza. Museologia e Patrimônio Intangível: A experiência virtual. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO INTANGÍVEL. **ICOFOM LAM**, Montevideu, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 221, dezembro 2001.

<sup>36</sup> Idem. Museologia e apresentação da realidade. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E APRESENTAÇÃO: ORIGINAL/REAL OU VIRTUAL? **ICOFOM LAM**, Cuenca and Galápagos Islands, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 96-105, Out. 2002.

<sup>37</sup> Idem. Museums and Exhibitions: Appointments for a theory of feeling In: SYMPOSIUM THE LANGUAGE OF EXHIBITIONS. **ISS: ICOFOM STUDY SERIES**, Vevey, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 19, p. 109-113, Oct. 1991.

específicos - cujo principal objetivo é narrar, para a sociedade, as coisas do mundo e as coisas do homem. As exposições portanto constituem uma ponte ou elo de ligação entre as coisas da natureza e a cultura do homem, tais como são representadas nos museus. Desta forma, podemos entender cada exposição como uma representação de mundo de um determinado museu, num determinado momento.<sup>38</sup> As exposições representam aspectos da visão de mundo dos grupos sociais aos quais se referem, expressando, em linguagem direta ou metafórica, os valores e traços culturais desses grupos. Segundo a autora, o que importa saber é como se dá esta representação, a partir da reflexão e reconhecimento de que modos e formas cada museu apreende o Real.

Cury (2002) afirma que “[...] cabe às exposições de museus a maior responsabilidade por mediar a relação entre o homem e a cultura material.”<sup>39</sup> Outro item importante a destacar no discurso de Cury é quando esta declara que a comunicação museológica é efetiva apenas quando o discurso do museu é incorporado pelo visitante e integrado no seu cotidiano, sob a forma de um novo discurso<sup>40</sup>. O público dos museus apropria-se do discurso museológico, o (re) elabora, o cria e o difunde. Os atores (profissionais de museus) também participam da construção do discurso museológico que supre os discursos da comunicação.<sup>41</sup>

**O Museu pode ser entendido como “texto”**, como uma forma, mesmo que empírica, do uso da linguagem verbal, oral ou escrita e/ou de outros sistemas semióticos. Entender **o Museu como forma de linguagem** nos permite apreender o papel fundamental que este desempenha na reprodução, manutenção ou transformação das representações sociais, em qualquer contexto.<sup>42</sup>

Reforçamos aqui a definição de Museu do ICOFOM LAM, contida nas Conclusões e Recomendações do primeiro encontro (1992): **“Museu como fenômeno social dinâmico que se apresenta de diversas maneiras e formas, de acordo com as características e necessidades da sociedade em que se encontra”**.<sup>43</sup> Como agentes permanentes de comunicação e educação não formal, os participantes declararam que os museus devem

<sup>38</sup> SCHEINER, Tereza. Museologia e apresentação da realidade. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E APRESENTAÇÃO: ORIGINAL/REAL OU VIRTUAL? **ICOFOM LAM**, Cuenca and Galápagos Islands, Subcomité Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 96-105, Out. 2002.

<sup>39</sup> CURY, Marília Xavier. A busca pela autonomia: Museologia, museus e globalização. In: op. cit., p. 55-63.

<sup>40</sup> Conforme já foi dito neste trabalho.

<sup>41</sup> Idem. The Subjects of the Museum and the Public as a Subject. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND AUDIENCE. **ISS: ICOFOM STUDY SERIES**, Calgary, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 35, p. 115-121, Sept. 2005.

<sup>42</sup> SCHEINER, Tereza. **Imagens do não-lugar**: comunicação e os novos patrimônios. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ECO, Rio de Janeiro, 2004. p. 142.

<sup>43</sup> ICOFOM LAM. Conclusiones y Recomendaciones. ENCUESTO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (1). Buenos Aires [Argentina]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 17.

possibilitar a abertura necessária para incorporar novas experiências, atuando como centros geradores de conhecimentos e comportamentos que impliquem o compromisso e a participação da sociedade em sua totalidade, tudo isto de forma pluridisciplinar, independente de sua tipologia.<sup>44</sup>

Para que isto ocorra, é necessário que os museus visem ações que busquem o conhecimento e a compreensão do caráter multicultural e pluriétnico dos países de nossa região, conforme ressaltado no segundo encontro.<sup>45</sup>

Outra questão debatida pelo ICOFOM LAM foi o papel e a função do Museu. No âmbito do quinto encontro (1996), ocorrido no Rio de Janeiro, ressaltou-se que o Museu se comunica com seu público a partir de um contexto social, reproduzindo ativamente ou por omissão as contradições da sociedade. Trata-se de um meio de comunicação que transmite mensagens que aumentam a capacidade do indivíduo e/ou comunidade de compreender-se a si mesmo.<sup>46</sup>

Entre as considerações do décimo segundo encontro (2003), ressaltou-se que as sociedades latino-americanas nem sempre se reconhecem nos museus, ou melhor, nem sempre os museus são “espelhos” confiáveis destas sociedades, constituindo - em sua maioria – a expressão de um modelo importado que não satisfaz nossos anseios culturais, conforme já ressaltamos anteriormente.<sup>47</sup> Defende-se que a criação de museus comunitários deve ser estimulada a fim de estabelecer espaços de participação no universo dos museus latino-americanos.<sup>48</sup> Os museus latino-americanos, portanto, devem considerar todas as classes sociais, econômicas e culturais de cada sociedade, e que as mesmas são e devem sentir-se geradoras de cultura. Defendem também que as formas discursivas elaboradas pelos museus devem permitir que o público reconheça que sua natureza constitui um recorte do real.<sup>49</sup>

Por último, no décimo quarto encontro (2005), ressaltou-se que é necessário comunicar, através do museu, os valores afetivos e de reciprocidade que, desde os tempos ancestrais, têm caracterizado as comunidades latino-americanas.<sup>50</sup> É necessário também

---

<sup>44</sup> ICOFOM LAM. Conclusiones y Recomendaciones. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (1). Buenos Aires [Argentina]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 18.

<sup>45</sup> ICOFOM LAM. Conclusiones y Recomendaciones. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (2). Quito [Ecuador]. In: op. cit., p. 21.

<sup>46</sup> ICOFOM LAM. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (5). Rio de Janeiro [Brasil]. In: op. cit., p. 36.

<sup>47</sup> ICOFOM LAM. Declaración de Bahía. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (12). Salvador, Bahía [Brasil]. In: op. cit., p. 73.

<sup>48</sup> Ibidem, p. 74.

<sup>49</sup> ICOFOM LAM. Declaración de Bahía. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (12). Salvador, Bahía [Brasil]. In: op. cit., p. 75.

<sup>50</sup> ICOFOM LAM. Carta de Lima. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (14). Lima [Peru]. In: op. cit., p. 90.

considerar que, ao relacionar-se com o museu, o indivíduo entra num processo de apreensão de si mesmo e dos diferentes níveis da realidade.<sup>51</sup>

Vale ressaltar que não foram estas as únicas reflexões sobre o fenômeno-signo Museu no âmbito do ICOFOM LAM. Mas, a partir das poucas considerações abordadas neste capítulo – e nos anteriores - podemos perceber que é por meio de uma profunda relação entre o homem e/ou comunidade que o Museu deve constituir-se, como um fenômeno comunicacional. O Museu assumiria o seu principal papel: o de instância narrativa do homem/humano ou de uma comunidade para si próprios, ou para as gerações futuras.

#### 4.2 MUSEOLOGIA COMO CAMPO DISCIPLINAR: O ENFOQUE TEÓRICO-FILOSÓFICO

Como comprovamos na primeira parte desta dissertação, debruçar-se sobre a Museologia como campo disciplinar, ciência ou prática de museus remonta à segunda metade do século XX, sabendo-se também que a origem do termo é do final do século XIX. Reforçando esta reflexão, Sousa (2008) declara:

Ao longo de décadas, os membros do Comitê [ICOFOM] se debruçaram sobre **questões fundamentais à consolidação da Museologia como campo disciplinar**, tais como: **seu caráter científico; sua terminologia; suas fronteiras conceituais**; e a mais fundamental delas – **a definição da própria área**, respondendo à antiga – e persistente – indagação sobre o que de fato é a Museologia.<sup>52</sup>

Tomando como ponto de partida as questões fundamentais à consolidação da Museologia apresentadas por Sousa, tais como: o caráter científico da Museologia; sua terminologia; suas fronteiras conceituais; e a definição da sua área de conhecimento, apresentaremos algumas contribuições de autores do ICOFOM LAM, estabelecendo um debate com outros autores latino-americanos.

Em relação ao primeiro ponto - **o caráter científico da Museologia** – é imprescindível ter em mente que a Museologia é uma ciência que se constitui na interface entre o Moderno e o pós-Moderno, pois só assim poderemos entendê-la. Como afirma Soares (2008), tratar da Museologia “[...] é pisar em solo flutuante, é deslizar sobre gelo

<sup>51</sup> ICOFOM LAM. Carta de Lima. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (14). Lima [Peru]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 91.

<sup>52</sup> SOUSA, Marcelo Sá de. Museologia, Política e América Latina: Apontamentos para um Museu da Paz. In: WORKSHOP MUSEOLOGIA COMO CAMPO DISCIPLINAR. **ICOFOM LAM**, Rio de Janeiro, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, março 2008. pré-ed. Não paginado. (Grifo nosso).

prestes a afundar, é mergulhar no turbulento mar das ciências contemporâneas.”<sup>53</sup> Baseado em Scheiner, afirma

A partir do momento em que o próprio ser humano se liquefaz na turbulência do real, assim o acompanharam as ciências dedicadas a este complexo objeto de estudo. [...] Situações variáveis, coisas imprecisas, fenômenos vagos, devido a estes objetos incertos Moles atribui a existência de ‘ciências do impreciso’ que os acompanham. Segundo ele, estas ‘coisas imprecisas’ manifestam nossa consciência como objetos conceituais – ‘nós lhe damos nomes e fazemos sobre elas operações’ mentais e práticas.<sup>54</sup>

Para este autor, estas ciências se comportam como formas de perceber o humano ‘na medida em que ele vive, em que fala, em que produz’ e em que experimenta o mundo, portanto ainda se vêem em processo – uma **epistemologia do impreciso**.<sup>55</sup>

O que acontece é que, como já apontado Scheiner (1999), ao longo dos anos vem se tentando estabelecer para a Museologia uma identidade enquanto filosofia ou ciência.<sup>56</sup> É possível, portanto, pensá-la inserida num **sistema filosófico**, como uma **disciplina de caráter ontológico**, com sua própria *epistheme*.<sup>57</sup>

Pois é a Filosofia que aproxima o homem de si mesmo, fazendo-o melhor compreender o caráter plural dos mundos internos e externos que o atravessam e tornando possível situar, de maneira mais clara, quais as relações do Museu com as dimensões perceptuais do homem, num espaço configurado pelos cruzamentos entre o sensorial e o inteligível. É também ela que nos permite entender, em cada momento da trajetória humana, como este homem se institui nos diversos sistemas relacionais que cria para si mesmo: como o homem se pensa, como pensa o(s) mundo(s), como se coloca em cada universo relacional de modo a produzir cultura, economia, tecnologia.<sup>58</sup>

Para Scheiner, **o fundamento ontológico da Museologia consiste na percepção complexa do Real**. Afinal de contas, não dá para enunciar as relações entre Museu e Mundo sem entender o que constitui esse Real referido, em cada sociedade, como matriz e síntese de suas próprias representações.<sup>59</sup> Esta afirmativa reforça que para **cada modelo de Real corresponderá um diferente modelo de Museu**<sup>60</sup>. Poderemos, assim, iniciar a

<sup>53</sup> SOARES, Bruno C. Brulon. Experimentando o Museu: A Museologia como campo disciplinar. In: WORKSHOP MUSEOLOGIA COMO CAMPO DISCIPLINAR. **ICOFOM LAM**, Rio de Janeiro, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, março 2008. pré-ed. Não paginado.

<sup>54</sup> Ibidem.

<sup>55</sup> Ibidem.

<sup>56</sup> SCHEINER, Tereza. As bases ontológicas do Museu e da Museologia. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 133, nov/dez 1999.

<sup>57</sup> Soares desenvolve seu trabalho na mesma direção, reafirmando a sintonia do pensamento teórico brasileiro com as tendências contemporâneas da Teoria Museológica, em âmbito internacional (ver DELOCHE, MAIRESSE, SOLA E STRÁNSKÝ). SCHEINER, op. cit., p. 133-134.

<sup>58</sup> Ibidem, p. 133.

<sup>59</sup> Ibidem, p. 143.

<sup>60</sup> SCHEINER, loc. cit.



investigação pela **dimensão fenomênica do Museu**, buscando **compreender suas relações com o Real** - e remetendo não à ciência, mas à filosofia.<sup>61</sup>

Ainda Scheiner (2001) afirma que as rupturas epistêmicas do contemporâneo, assim como as novas relações do indivíduo com o tempo, o espaço e a matéria e também com sua própria psique, tornaram possível compreender as dimensões intangíveis do patrimônio e do Museu. Estes, na atualidade, são percebidos como conceitos de natureza polissêmica, que tanto podem referir-se às manifestações da psique humana como à biosfera. O uso que deles se faz poderá, pois, ser legitimado em diferentes níveis, da filosofia às políticas públicas.<sup>62</sup>

Seguindo esta vertente, Rusconi (1999) apresenta o conceito de hermenêutica – ‘teoria da verdade como correspondência’ – onde a ‘correspondência’ em uma metodologia contemporânea se dá no jogo de intercâmbios que podem ser lidos e interpretados por distintas perspectivas, utilizando distintas linguagens e ‘construindo poeticamente’ o sustento ontológico da realidade. Este sustento é, por sua vez, “[...] polissêmico, volúvel, maleável, mas comprometido, democrático e indagador.”<sup>63</sup> Decarolis sintoniza seu pensamento com os demais autores, afirmando que não existe uma interpretação única do Real – pois aquele que interpreta está agregando algo de sua objetividade, selecionando de acordo com sua interpretação.<sup>64</sup>

Tal perspectiva permite à Museologia superar e questionar os esquemas e as retóricas herdadas da Modernidade, estabelecendo

[...] as diferenças existentes entre uma epistemologia que se dedica à construção de corpos de saber rigorosos e à solução de problemas desde paradigmas que ditam as regras para sua verificação e uma hermenêutica que é a atividade que se desenvolve no encontro com horizontes paradigmáticos distintos, que não se deixam valorizar em relação com algum tipo de conformidade qualquer, senão que se apresenta como proposta poética de outros mundos, de outras instituições e de regras novas.<sup>65</sup>

Para esta autora, as bases filosóficas da Museologia consistem em aprender a questionar, meditando; em aceitar que nenhum questionamento se reduz aos termos em que se expressa: ao contrário, é ao se expressar, descobrindo o ‘não-expressado’, que se deriva o olhar. É **estética**, posto que se interessa pela ‘poética’ ao constituir-se a prática na

<sup>61</sup> SCHEINER, Tereza. As bases ontológicas do Museu e da Museologia. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 162-163, nov/dez 1999.

<sup>62</sup> Idem. Museologia e Patrimônio Intangível: A experiência virtual. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO INTANGÍVEL. **ICOFOM LAM**, Montevideu, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 215, dezembro 2001.

<sup>63</sup> RUSCONI, Norma. Logos y Identidad: Retórica y Semiología de fin de siglo. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 131, nov/dez 1999.

<sup>64</sup> DECAROLIS, Nelly. Relaciones de la Filosofía con la Museología contemporánea. In: op. cit., p. 67.

<sup>65</sup> RUSCONI, op. cit., 131. (Tradução nossa).

criação; é **ética**, não porque se interessa por valores, mas porque se sustenta no compromisso do Homem com si mesmo e com o mundo; é **ciência da totalidade** não porque se interessa apenas pelas disciplinas científicas, mas porque é crítica e portanto epistemológica.<sup>66</sup>

Para Rangel (1999), “[...] a Museologia, a Poesia e a Filosofia possuem em comum a idéia da perpetuação cuja consequência direta é conscientização, possibilitando a cada ser humano conhecer sua trajetória e agir em sintonia com os seus ideais. Museologia é preciso.”<sup>67</sup>

Devemos levar em conta que Museologia está inserida nas Ciências Humanas, conforme o próprio ICOFOM LAM atestou. Rusconi (2002) afirma que os primeiros trabalhos do ICOFOM LAM têm permitido aos integrantes deste comitê relacionar-se com representantes de outros comitês do ICOM, consolidando a disciplina **Museologia** como uma a mais no mundo das Ciências Humanas, com metodologias que se sustentam em enfoques epistemológicos, ontológicos e metafísicos que lhe são próprios.<sup>68</sup>

Para Scheiner (2000),

**No que se refere à Museologia, é preciso reconhecer a inviabilidade de desenvolvê-la adequadamente em nível teórico sem reconhecermos a existência dessa pluralidade de relações**, que se inicia na identificação de um ‘museu interior’, de uma memória afetiva que nos configura no mundo e para o mundo, e que interfere permanentemente em nossa forma de ver, selecionar, reter e interpretar os fatos. Reconhecer que o dispositivo narrativo não opera entre história e discurso, mas entre a singularidade do desejo e sua ocorrência no tempo e no espaço, “entre película tensorial e corpo social articulado, entre a intensidade dos acontecimentos e a regulação unitária”, e que tanto os discursos que se elaboram sobre os fatos como a própria análise das práticas do cotidiano para fins de ‘interpretação museológica’ devem levar em conta essas realidades.<sup>69</sup>

Com relação à **Terminologia Museológica**, para Scheiner (1999), a grande contribuição da ‘praxis’ poderá ser no sentido de desenvolver uma linguagem museológica universalmente identificável, ainda que resultante da multiplicidade de manifestações lógicas, éticas e estéticas vinculadas ao Museu<sup>70</sup>. Opinião compartilhada por Cury (1999), para quem é fundamental a discussão terminológica para, antes de mais nada, conceituar

<sup>66</sup> RUSCONI, Norma. Logos y Identidad: Retorica y Semiologia de fin de siglo. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 132, nov/dez 1999.

<sup>67</sup> RANGEL, Márcio F. Museologia, a Poesia da Filosofia. In: op. cit., p. 117-118.

<sup>68</sup> RUSCONI, Norma. Contribuciones para un análisis de la producción teórica en Museología, a los diez años del ICOFOM LAM. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E APRESENTAÇÃO: ORIGINAL/REAL OU VIRTUAL? **ICOFOM LAM**, Cuenca and Galápagos Islands, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 169, Out. 2002.

<sup>69</sup> SCHEINER, Tereza. Museologia, Identidade e Desenvolvimento Sustentável: estratégias discursivas. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Santa Cruz, RJ, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.51, maio 2000.

<sup>70</sup> Idem. As bases ontológicas do Museu e da Museologia. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 133-134, nov/dez 1999.

devidamente os termos e sustentar os trabalhos teóricos da área museológica.<sup>71</sup> Pois é “[...] a existência de uma linguagem museológica com tempos e espaços definidos, que permite a toda criação discursiva adaptar-se às características e necessidades de cada museu”<sup>72</sup>, como ainda assegura Scheiner.

Os estudos terminológicos constituem uma prioridade para o ICOFOM e conseqüentemente para o ICOFOM LAM, onde vem sendo alvo de um trabalho sistemático, desenvolvido em alguns países da Região. Destacam-se neste contexto as pesquisas desenvolvidas na Argentina, por Norma Rusconi, na Universidade de Azul, e por Diana Lima e Tereza Scheiner, no Brasil, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS. Este interesse se dá devido à necessidade de um espaço aberto e permanente para analisar as mudanças de linguagem, no contexto da diversidade cultural, e na dinamicidade das mudanças sócio-culturais das sociedades contemporâneas.<sup>73</sup> Rusconi (2002) ressalta que o ICOFOM LAM destina em cada um de seus encontros um espaço para o intercâmbio de idéias para a homologação de uma linguagem museológica, convidando seus membros a colaborar com o projeto similar – “Termos e Conceitos da Museologia” - desenvolvido desde 1993, no âmbito do ICOFOM.<sup>74</sup>

No âmbito do grupo latino-americano deste projeto, na Universidade de Azul, Borioli (1997)<sup>75</sup> afirma que o trabalho consiste na recopilação de conceitos e idéias, desenvolvidos a partir de diversas fontes bibliográficas.<sup>76</sup> No desdobramento do projeto no PPG-PMUS, a pesquisa desenvolvida atualmente por Lima e Arríbada (2008)<sup>77</sup> baseia sua temática na Linguagem de Especialidade ou Linguagem Profissional – modo particular de linguagem existente entre os pares de todo domínio do saber. Ao utilizar também esta linguagem para disseminar o conhecimento do campo, por meio de uma base de consultas, é necessário que seja feita uma identificação e análise das significações/sentidos relacionados a diversos

<sup>71</sup> CURY, Marília Xavier. Museu, filho de Orfeu, e Musealização. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 55, nov/dez 1999.

<sup>72</sup> Idem. Museologia e apresentação da realidade. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E APRESENTAÇÃO: ORIGINAL/REAL OU VIRTUAL? **ICOFOM LAM**, Cuenca and Galápagos Islands, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 102, out. 2002.

<sup>73</sup> RUSCONI, Norma. Contribuciones para un análisis de la producción teórica en Museología, a los diez años del ICOFOM LAM. In: op. cit., p. 172.

<sup>74</sup> Este projeto gerou um CD sobre Terminologia Museológica, publicado também em espanhol, em conjunto com o ICOFOM LAM.

<sup>75</sup> Liliána Borioli – Membro da Equipe de Redação do Tesouro Museológico dirigido por André Desvallés.

<sup>76</sup> BORIOLI, Liliána. Patrimonio, Museos y Memoria em América Latina. In: SIMPÓSIO MUSEUS, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. **ICOFOM LAM**, Cuenca, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.141, 1997.

<sup>77</sup> Artigo publicado em conjunto, com a Prof<sup>a</sup>. Diana Lima e seu bolsista, Bernardo Arríbada. ARRIBADA, Bernardo & LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia e Linguagem de Especialidade – discutindo documentação, catalogação, inventário, indexação. In: WORKSHOP MUSEOLOGIA COMO CAMPO DISCIPLINAR. **ICOFOM LAM**, Rio de Janeiro, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, março 2008. pré-ed. Não paginado.

termos/conceitos em uso no campo museológico – tarefa está já realizada por este grupo de pesquisa brasileiro.<sup>78</sup>

Vale ressaltar novamente que, no primeiro encontro do ICOFOM LAM, destacou-se que é importante reconsiderar o discurso museológico, no âmbito da sociedade latino-americana em conjunto, relacionando-o com o meio ambiente.<sup>79</sup> Os teóricos latino-americanos consideraram também, durante o décimo encontro, que é imprescindível revisar a linguagem museológica, estabelecendo pautas comuns de comunicação, que respeitem e incluam a diversidade cultural.<sup>80</sup>

Em relação às **fronteiras conceituais da Museologia**, vale ressaltar que esta questão vem sendo discutida pelo ICOFOM desde o início da década de 1980<sup>81</sup> e pelo ICOFOM LAM desde sua criação. Soares (2008) afirma que por ser a Museologia um “[...] Campo do saber ainda em constituição, não há como estabelecer seguramente os seus limites.”<sup>82</sup> Sendo a Museologia uma ciência humana em formação, sua abordagem, como a de qualquer outra disciplina científica, deve basear-se não somente na transmissão de conhecimentos, mas também numa metodologia de investigação inter e pluridisciplinar<sup>83</sup>, como declara Gorgas (2008). Segundo esta mesma autora, a relação com outros campos se dá também pelo fato de ser o Museu polissêmico e multivariado, necessitando que seu estudo se complemente em outras esferas do saber.<sup>84</sup>

Tomando como ponto de partida o objeto de estudo da Museologia – o Museu como fenômeno e/ou relação do Humano com o Real – podemos perceber claramente a necessidade de sua interpretação numa perspectiva transdisciplinar, como afirma Scheiner:

Se o Real é complexo e o Museu, plural, não é possível imaginar seus limites na própria Museologia, seja ela ciência, conhecimento filosófico ou conjunto de práticas inscritas no cotidiano dos museus. Mas é possível admitir as diferenças entre Real e realidade, esta última representada pelos atributos multifacéticos das várias formas de museu existentes no corpo social. Neste caso, a missão da Museologia poderia ser, como queria Bellaigue, criar interfaces, colocando-se como ponto de encontro dessas disciplinas. Pois é na formação de redes de conhecimento que a

<sup>78</sup> No momento, dedicam-se ao estudo dos termos *Documentação, Catalogação, Inventário e Indexação*. Ibidem.

<sup>79</sup> ICOFOM LAM. Conclusiones y Recomendaciones. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (1). Buenos Aires [Argentina]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 17.

<sup>80</sup> ICOFOM LAM. Carta de Montevideo. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (10). Montevideo [Uruguay]. In: op. cit., p. 63.

<sup>81</sup> O ICOFOM dedicou seu segundo livro à discussão sobre a interdisciplinaridade na Museologia. VER **MUWOP: MUSEOLOGICAL WORKING PAPERS / DOTRAM: DOCUMENTS DE TRAVAIL EM MUSÉOLOGIE**. Interdisciplinarity in Museology. Stockholm: International Committee for Museology/ICOFOM/Museum of National Antiquities, v. 2, 1981. Org. and edited by Vinos Sofka. Assisted by Jan Jelínek and Gerard Turpin. Printing and binding by Departments reprocentral, Stockholm and Aberg's Kontorsmaterial AB, Stockholm, Sweden. English 98p. French 102p. ISBN ----

<sup>82</sup> SOARES. Bruno C. Brulon. Experimentando o Museu: A Museologia como campo disciplinar. In: **WORKSHOP MUSEOLOGIA COMO CAMPO DISCIPLINAR. ICOFOM LAM**, Rio de Janeiro, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, março 2008. pré-ed. Não paginado.

<sup>83</sup> GORGAS, Mónica Risnicoff de. Desafios profesionales para el futuro dos museos. In: op. cit.

<sup>84</sup> Ibidem.

Museologia poderá encontrar base para o estudo e a análise da essência do Museu, assumindo definitivamente a perspectiva da contemporaneidade: perceber-se a si mesmo em completo e contínuo devir.<sup>85</sup>

Como diria Canclini: “[...] Precisamos de ciências [...] nômades, capazes de circular pelas escadas que ligam esses pavimentos.”<sup>86</sup>

Por último, em relação à **definição da área de conhecimento da Museologia**, uma das tarefas da Museologia seria, portanto, buscar identificar, entre as muitas possibilidades existentes, os limites éticos de interpretação da realidade, já que é responsabilidade do Museu e, conseqüentemente da Museologia o compromisso de representar as diferenças. O Museu poderia até construir novas narrativas a partir de uma dada realidade, porém jamais distorcê-la, buscando influenciar o interlocutor. Além de representar as diferenças, o Museu deve atuar através delas também, ao reconhecer, cada vez mais, o visitante como emissor de narrativas, tornando-se um espaço experimental de interpretação.<sup>87</sup>

Assim a Museologia, como **campo disciplinar que trata das relações entre o fenômeno Museu e as suas diferentes expressões** - transcendendo espaço e tempo - deve dimensionar como se dão as múltiplas relações entre Museu e Patrimônio, concebendo e atuando estas relações no plano do Real complexo, como declara Scheiner (2000). Uma das formas de fazê-lo é analisando os diferentes discursos que sobre eles se constroem e se estabelecem.<sup>88</sup>

Para Durand (2000), no âmbito do encontro citado acima, a Museologia deve enfrentar a responsabilidade de manter, interpretar e comunicar a relação entre patrimônio natural e cultural a partir do Museu – pois este é o meio ideal para estudar, difundir e explicar esta delicada e diversa relação entre Homem, Cultura e Natureza.<sup>89</sup>

<sup>85</sup> SCHEINER, Tereza. As bases ontológicas do Museu e da Museologia. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 163, nov/dez 1999.

<sup>86</sup> GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 19.

<sup>87</sup> SCHEINER, Tereza. Museologia e apresentação da realidade. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E APRESENTAÇÃO: ORIGINAL/REAL OU VIRTUAL? **ICOFOM LAM**, Cuenca and Galápagos Islands, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 96-105, out. 2002.

<sup>88</sup> Idem. Museologia, Identidade e Desenvolvimento Sustentável: estratégias discursivas. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Santa Cruz, RJ, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 47, maio 2000.

<sup>89</sup> DURAND, Karina. IX ICOFOM LAM: Museología y desarrollo sustentable. In: op. cit., p. 19.

#### 4.3. MUSEOLOGIA TRANSFORMANDO AS SOCIEDADES LATINO-AMERICANAS: O ENFOQUE TEÓRICO-SOCIAL

Em direção a uma Museologia voltada para as nossas sociedades, o enfoque teórico-social é uma continuação e complementação do enfoque teórico-filosófico apresentado anteriormente. Como já dissemos em trabalhos anteriores, não há como desvincular a teoria da prática e vice-versa. Mesmo que, como afirma Scheiner em 1999, toda prática museológica pudesse inscrever-se numa sociologia do cotidiano, a compreensão das relações entre o Museu e o Real, nos diferentes sistemas de pensamento, reforçaria a possibilidade efetiva de o Museu ser pensado enquanto processo, nas suas relações com a diferença e a complexidade<sup>90</sup>, como é no caso da América Latina.

Conforme reconhece Rusconi, o grupo de trabalho do ICOFOM LAM amadureceu seu pensamento em relação à teoria e à prática na América Latina – uma flexibilidade analítica e um pensamento “duplamente identitário”<sup>91</sup>:

Por uma parte, sua preocupação tem sido reconhecer a diversidade cultural dos povos latino-americanos expressada em suas memórias coletivas e em seu rico patrimônio; por outra parte, tem trabalhado na elaboração de pautas metodológicas que lhe tem permitido consolidar um espaço de memória ativa que transmite com veracidade o sentido de uma disciplina museológica que trabalha pelo resgate e pela construção dos valores socioculturais das sociedades contemporâneas.<sup>92</sup>

Como fizemos no item anterior, deixaremos desta vez que Rangel (1999) “suleie” o rumo deste item:

Pois bem, de agora em diante podemos responder assim: Seja na busca e **reafirmação da identidade cultural**; seja para **salvaguardar nosso patrimônio integral** e **conscientizar a sociedade** para a importância deste fato; seja para não deixar que a memória social se apague; seja para **fornecer os meios à sociedade para que esta se conscientize** da importância das suas ações dentro do processo histórico, a Museologia possui um inegável senso prático.<sup>93</sup>

Assim, este item percorrerá as seguintes questões: reafirmação da identidade cultural, considerando a diversidade; relação da Museologia com as práticas de preservação

<sup>90</sup> SCHEINER, Tereza. As bases ontológicas do Museu e da Museologia. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 162-163, nov/dez 1999.

<sup>91</sup> RUSCONI, Norma. Contribuciones para un análisis de la producción teórica en Museología, a los diez años del ICOFOM LAM. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E APRESENTAÇÃO: ORIGINAL/REAL OU VIRTUAL? **ICOFOM LAM**, Cuenca and Galápagos Islands, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 169, Out. 2002.

<sup>92</sup> RUSCONI, loc. cit. (Tradução nossa).

<sup>93</sup> RANGEL, Márcio F. Museologia, a Poesia da Filosofia. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 117, nov/dez 1999.

do Patrimônio; e conscientização das sociedades e/ou comunidades, a partir de propostas voltadas para tais grupos.

Em relação à **reafirmação da identidade cultural pela diversidade**, Lima (1998) afirma que o debate deste tema – ou como a autora disse, “a abordagem que defende a legitimação das diferenças que identificam o heterogêneo e os seus símbolos”<sup>94</sup> - não é recente, porém permanece em pauta de discussão enquanto o preconceito e a exclusão tiverem ativos. Como já ressaltamos anteriormente, baseados em Gorgas (1998), as sociedades latino-americanas sofrem uma profunda crise de identidade. Cabe, segundo esta autora, primeiramente questionar a origem, a causa, os fatores que determinam essa crise de identidade que sofrem os povos de nosso continente.<sup>95</sup> Esta crise se constitui, a priori, na composição do que seria uma “América Latina”. Canclini afirma que

Os países latino-americanos são atualmente resultado da sedimentação, justaposição e entrecruzamento de tradições indígenas (sobretudo as áreas mesoamericana e andina), do hispanismo colonial católico e das ações políticas educativas e comunicacionais modernas. Apesar das tentativas de dar à cultura de elite um perfil moderno, encarcerando o indígena e o colonial nos setores populares, uma mestiçagem interclassista gerou formações híbridas em todos os estratos sociais. Os impulsos secularizadores e renovadores da modernidade foram mais eficazes nos grupos “cultos”, mas certas elites preservam seu enraizamento nas tradições hispânico-católicas e, em zonas agrárias, também em tradições indígenas, como recursos para justificar privilégios da ordem antiga desafiados pela expansão da cultura massiva.<sup>96</sup>

Por fazermos parte deste processo, na maioria das vezes não percebemos que é este “entrecruzar de fios” que nos define e nos dá uma imensa força – tanto como indivíduos e como coletividades – e um enorme potencial de mobilização e de resistência que representa a ação coletiva num dado tempo, num dado espaço, como assegurou Scheiner (2000).<sup>97</sup>

Na América Latina, como afirma Decarolis (2003), o conceito de identidade se baseia, tradicionalmente, no “suposto” da existência de uma identidade comum, que permite respeitar os fundamentos físicos e espirituais para definir a identidade individual e grupal.

<sup>94</sup> LIMA, Diana Farjalla Correia. Museu e diversidade cultural: implicações de um espaço simbólico de poder. In: MUSEOLOGIA E DIVERSIDADE CULTURAL NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. **ICOFOM LAM**, Cidade do México, México, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 64-89, Jun. 1998.

<sup>95</sup> GORGAS, Mónica. Os museus e a crise dos povos de identidade concorrente. In: op. cit., p. 117-129.

<sup>96</sup> GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da Modernidade. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 73-74.

<sup>97</sup> SCHEINER, Tereza. Museologia, Identidade e Desenvolvimento Sustentável: estratégias discursivas. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Santa Cruz, RJ, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 48, maio 2000.

Mas é inegável que numa região tão vasta se encontram identidades coexistentes e que interagem entre si – cada povo e etnia possui suas aspirações.<sup>98</sup>

Para Gorgas (1998), o Museu pode e deve contribuir de forma importante para esclarecer e elucidar os conflitos que, se permanecem nas sombras, podem impedir-nos de valorizar nossa pluralidade cultural. Principalmente na atualidade em que tendem a diluir-se as identidades regionais em prol de uma uniformidade empobrecedora - principalmente nos países de nosso continente em que a diversidade cultural se dá pela concorrência de identidades. Não é fomentando a homogeneidade ou a uniformidade, que por sua vez estão tão longe do conceito de unidade ou de integração, que os museus do continente farão uma contribuição ao desenvolvimento de nossos povos: “[...] Ao contrário, é reconhecendo a pluralidade e sua correspondente valorização que se pode ajudar a promover socioculturalmente nossas sociedades.”<sup>99</sup>

Mas não é apenas na América Latina que esta pluralidade acontece: segundo Scheiner, no encontro do ICOFOM LAM de 2003, a própria reconfiguração do mundo em blocos regionais se fundamenta numa rearticulação do discurso identitário. Isto é, se fundamenta na elaboração de novas narrativas que tenham como base, principalmente, o que a autora denomina como *id* regional – um sujeito pós-moderno, surgido da articulação das ipseidades e do reordenamento simbólico das diversidades locais e nacionais.<sup>100</sup>

Cabe recordar aqui os estreitos vínculos existentes entre a percepção identitária e a aceitação da diversidade cultural: pensar a identidade remete à questão da alteridade, e aos modos e formas pelos quais o Outro é percebido, dentro e fora de nós; resta então saber **que Mesmo e que Outro** estão envolvidos nestes processos. Pois a identidade, como absoluto, não existe - ela é uma construção intelectual; o pensamento apreende como identidade aquilo que os sentidos apreendem como diferença. **A percepção da identidade vincula-se à fidelidade de cada sujeito ao seu próprio modo de ser, na diferença.** O conjunto de mediações simbólicas que configuram as identidades grupais e dão forma à consciência coletiva possuem, assim, um certo caráter de permanência, de resistência e de continuidade no tempo; mas estão sujeitos a um processo continuado de renovação, de realimentação. Este é o mecanismo que fundamenta os processos de constituição das tradições e rupturas. E é precisamente no ponto de encontro entre os fluxos de permanência e os de renovação que se pode explicar a persistência ou o abandono de certas formas ou traços culturais.<sup>101</sup>

Voltando a falar da nossa América Latina, podemos perceber que é cada vez mais forte a ênfase na imagem simbólica do mestiço ou do “moreno” - “produto” do encontro entre

<sup>98</sup> DECAROLIS, Nelly. Museologia, Patrimônio Regional e Identidade. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO REGIONAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Salvador, Bahia, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, dez. 2003. pré-ed. Não paginado.

<sup>99</sup> GORGAS, Mônica. Os museus e a crise dos povos de identidade concorrente. In: MUSEOLOGIA E DIVERSIDADE CULTURAL NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. **ICOFOM LAM**, Cidade do México, México, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 117-129, Jun. 1998.

<sup>100</sup> SCHEINER, Tereza. Sob o signo do Patrimônio: Museologia e Identidades Regionais. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO REGIONAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Salvador, Bahia, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, dez. 2003. pré-ed. Não paginado.

<sup>101</sup> Ibidem.



diferentes, resultado da mistura entre seres e imaginários. Pensar a mestiçagem é compreender a dinâmica de mesclas e repulsas que está na base de toda mistura.<sup>102</sup> É necessário, portanto, a constituição de uma nova auto-imagem do latino-americano: dando ênfase “[...] a maior pluralidade de referentes culturais; [...] um espaço de encontro entre diferentes, uma nova instancia de expressão identitária - realizada de modo especialíssimo no âmbito de um fenômeno cultural que apenas começamos a reconhecer: aquele a que denominamos *fenômeno Museu*.”<sup>103</sup>

Cury (2003) complementa:

A diversidade deve ser valorizada ao passo que a desigualdade não. A diversidade cultural é a rica manifestação das múltiplas e criativas formas de expressão cultural. A desigualdade é tornar algumas manifestações inferiores com relação a outras, é tornar a diferença como algo depreciativo, é gerar um campo de força e de poder de uns contra outros que, por algum motivo, não são compreendidos. Somente com a tolerância é que vamos romper com a lógica da desigualdade de condições entre culturas, o que provoca inferioridade cultural e subserviência social e econômica. É com a tolerância também que se valorizará e incentivará a diversidade cultural. [...]Essa nova forma educacional valoriza a existência e a resistência de outras estéticas - e estética vai além da arte - e vê no respeito à diversidade o grande desafio para superação de discriminações e/ou extremismos raciais, culturais e/ou religiosos. É a educação voltada para a tolerância. É a cultura em seu sentido político.<sup>104</sup>

E Cury (2003) reforça que não dá para falar na relação entre o Museu e a Sociedade sem que demonstremos como a interação efetivamente acontece, conforme tentamos fazer ao longo desta dissertação.

Ao tratarmos da **relação da Museologia com as práticas de preservação do Patrimônio**, Scheiner afirma que no final do século XX pôde-se assistir a uma valorização de representações do patrimônio, tais como na arquitetura, nas cidades, nas paisagens, nas línguas e nos costumes tradicionais, na produção tecnológica, e até mesmo no genoma humano, sendo estes quatro últimos considerados recentemente como portadores de um ‘valor patrimonial’. Afirma também que a

[...] instância ‘patrimonial’ ressurgiu por interesse de grupos sociais específicos, como alternativa à perda de sentidos simbólicos vinculados aos recursos naturais e culturais; oferece, ainda, a perspectiva de legitimar os modos e formas atuais de relacionar-se com o meio ambiente e com a cultura. A vontade de conservar exprime, desta forma, mais do que uma simples nostalgia do passado: ela constitui um verdadeiro trabalho de luto frente a um mundo que desaparece irreversivelmente, e torna obsoletos tanto as práticas culturais como os objetos simbólicos que nos foram sempre tão caros. Neste contexto, os museus e outros espaços patrimoniais

<sup>102</sup> SCHEINER, Tereza. Sob o signo do Patrimônio: Museologia e Identidades Regionais. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO REGIONAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Salvador, Bahia, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, dez. 2003. pré-ed. Não paginado.

<sup>103</sup> Ibidem.

<sup>104</sup> CURY, Marília Xavier. Museologia e Tolerância cultural: Perspectivas para uma cidadania mundial. In: op. cit.

teriam a conotação de ‘álibis do esquecimento’ – especialmente aqueles constituídos por traços materiais, e cuja encampação seria um movimento de certa forma patético: prepara-se uma herança sem que se saiba quais serão os herdeiros.<sup>105</sup>

A dúvida é: para quem deve-se proteger? Muitos destes interesses ressaltaram a importância da proteção com fins turísticos, baseados num conceito de “patrimônio de todos”, isto é, o patrimônio mundial. Mas é aí que reside o perigo: o que pode ser de todos, pode acabar sendo de ninguém. Logo, onde reside o caráter de herança, se não há herdeiros “legítimos”? Não estamos aqui condenando a visão de um patrimônio da humanidade, porém jamais poderemos esquecer de que, para alguém, ele vai além disto...

No âmbito do primeiro encontro do ICOFOM LAM (1992) definiu-se o que seria **patrimônio integral** como sendo o conjunto que abrange as coleções de museus e seu entorno, incluindo as manifestações imateriais da cultura<sup>106</sup>. Uma das moções apresentadas neste encontro é de que o ICOFOM LAM propicie a realização de atividades relacionadas com o patrimônio integral<sup>107</sup>, destinadas a aumentar a comunicação e estreitar vínculos entre os países latino-americanos.<sup>108</sup>

Em seguida, no segundo encontro, recomendou-se às autoridades e aos museus que evitem a utilização arbitrária do patrimônio cultural e/ou natural com fins ideológicos, de poder e de hegemonia<sup>109</sup>. Baseados nesta constatação, reforçou-se, no âmbito do quarto encontro (1995), que a comunidade – como “autora e atriz” – deve ter participação na elaboração de pautas para o melhor aproveitamento de seu patrimônio integral. No caso das comunidades étnicas, o Patrimônio integral estará apenas voltado para o Turismo se estas mesmas comunidades decidirem que, como, onde e quando podem compartilhar seu patrimônio<sup>110</sup>.

Voltando a questão do conceito de Patrimônio Integral, afirmaram no sexto encontro que este é constituído pela fusão do tangível com o intangível. Apresentam então o museu

<sup>105</sup> SCHEINER, Tereza. **Imagens do não-lugar**: comunicação e os novos patrimônios. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ECO, Rio de Janeiro, 2004. p. 140.

<sup>106</sup> ICOFOM LAM. Conclusiones y Recomendaciones. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (1). Buenos Aires [Argentina]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 18.

<sup>107</sup> Esta visão de patrimônio integral baseia-se numa visão holista de mundo, onde o patrimônio está profundamente interligado com o que está a sua volta, ou como alguns preferem, com o seu entorno. Porém este termo é criticado por alguns teóricos que o consideram redundante. Neste trabalho consideraremos a existência deste termo.

<sup>108</sup> ICOFOM LAM. Conclusiones y Recomendaciones. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (1). Buenos Aires [Argentina]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 19.

<sup>109</sup> ICOFOM LAM. Conclusiones y Recomendaciones. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (2). Quito [Ecuador]. In: op. cit., p. 25.

<sup>110</sup> ICOFOM LAM. Declaración de Barquisimeto. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (4). Barquisimeto [Venezuela]. In: op. cit., p. 30.

como o espaço ideal para a preservação, interpretação e difusão do Patrimônio Integral, mantendo uma atitude vigilante e comprometida frente aos processos em detrimento da memória cultural<sup>111</sup>.

Com um olhar diferenciado sobre o patrimônio ressaltaram que é necessário tratar com seriedade as condições de multietnicidade e pluralidade a partir de propostas orientadas à reconstrução de vínculos cognitivos, afetivos e simbólicos do patrimônio, introduzindo a dimensão da contemporaneidade com olhares criativos e críticos.<sup>112</sup> Assim, no ICOFOM LAM percebeu-se que o uso do termo patrimônio, associado indiscriminadamente a múltiplos adjetivos – tais como natural, cultural, móvel, imóvel, tangível, intangível, entre outros – dificulta o entendimento e a comunicação entre os profissionais de museus, transformando-se em confusão terminológica. Para auxiliar na solução deste problema, propôs-se – no décimo encontro - uma permanente análise dos termos *museu* e *patrimônio*, permitindo que esta revisão acompanhe as mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais das sociedades. Entretanto, deve-se adotar uma definição do termo *patrimônio* que inclua suas diferentes manifestações: herdadas, construídas e valorizadas pelas sociedades.<sup>113</sup>

A cada encontro a preocupação com o patrimônio se fortifica: no décimo segundo encontro, afirmou-se que parte do patrimônio se descontextualiza ao ser transferido de seu ambiente de origem a outro lugares – podendo ser dentro do território nacional ou para outros países.<sup>114</sup> Recomendou-se ainda evitar o uso da palavra “conscientizar”, dando preferência à expressão “comunicar a importância” em relação ao patrimônio do outro; e também compreender e interpretar o patrimônio regional como veículo de desenvolvimento social<sup>115</sup>.

No encontro seguinte, enfatizou-se que os objetos materiais do patrimônio cultural são suportes físicos de valores intangíveis, de natureza polissêmica e com diferentes cargas simbólicas. Mas não somente os objetos materiais: o patrimônio natural também é suporte de valores imateriais, oriundos dos significados espirituais atribuídos pelo homem e

<sup>111</sup> ICOFOM LAM. Carta de Cuenca. ENCuentro del Comité Regional para a América Latina y Caribe / ICOFOM LAM (6). Cuenca [Ecuador]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 40.

<sup>112</sup> ICOFOM LAM. Carta de Coro. ENCuentro del Comité Regional para a América Latina y Caribe / ICOFOM LAM (8). Coro [Venezuela]. In: op. cit., p. 51.

<sup>113</sup> ICOFOM LAM. Carta de Montevideo. ENCuentro del Comité Regional para a América Latina y Caribe / ICOFOM LAM (10). Montevideo [Uruguay]. In: op. cit., p. 59-60.

<sup>114</sup> ICOFOM LAM. Declaración de Bahía. ENCuentro del Comité Regional para a América Latina y Caribe / ICOFOM LAM (12). Salvador, Bahía [Brasil]. In: op. cit., p. 76.

<sup>115</sup> *Ibidem*, p. 77.

vinculados a sua identidade. Portanto, a conservação do patrimônio imaterial só será possível através do reconhecimento de sua própria dinâmica.<sup>116</sup>

Ao tratar novamente das relações de identidade e patrimônio através do plano afetivo – no encontro de 2005 – reafirmou-se que as representações da identidade e do patrimônio têm um atributo essencialmente afetivo, imbuído do caráter simbólico da memória pessoal; e que o patrimônio ganha significados nos domínios do imaginário, da criação e do afeto.<sup>117</sup>

É importante ressaltar que, no âmbito das discussões do ICOFOM LAM, estabelecidas nos documentos finais, as questões acerca do patrimônio foram tratadas identificando suas diferentes manifestações. O patrimônio está sempre ligado a significados imateriais e a identidade de quem o identifica como seu, tudo isto a partir de uma relação que também pode se dar no imaginário e ser impregnada de afetos.

Contudo, estes documentos ainda são, em sua maioria, restrito ao domínio de especialistas, restando a uma grande parcela da população um discurso já decorado sobre patrimônio: o de um bem histórico tombado – como, por exemplo, um prédio antigo – ou de uma cidade histórica; ou de um conjunto de bens – de um indivíduo, empresa ou nação - ou até mesmo de uma reserva ambiental. E como se não bastasse: a idéia que vigora para tais pessoas é de que estes e apenas estes são os únicos conceitos de patrimônio, como se no inconsciente, no mais íntimo de cada ser, não tivessem a noção do que o patrimônio realmente é e significa.

Baseado em todo o discurso oficial, Canclini expressa que mesmo nos países em que este discurso adota uma noção antropológica de cultura, que confere legitimidade a todas as formas de organizar e simbolizar a vida social, existe uma hierarquia dos capitais culturais: a arte vale mais que o artesanato; a medicina científica mais que a popular e a cultura escrita mais que a transmitida oralmente. Até mesmo nos países “mais democráticos” os capitais simbólicos dos grupos subalternos têm um lugar – porém um lugar subordinado, secundário, à margem das instituições e dos dispositivos hegemônicos. Logo, a reformulação do patrimônio em termos de capital cultural tem a vantagem de não representá-lo mais como um conjunto de bens estáveis e neutros, com valores e sentidos fixados, mas como um processo social que, como o outro capital, acumula-se, reestruturase, produz rendimentos e é apropriado de maneira diferenciada pelos diversos setores.<sup>118</sup>

Canclini ainda afirma que

<sup>116</sup> ICOFOM LAM. Carta de Antigua. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (4). Antigua [Guatemala]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 83.

<sup>117</sup> ICOFOM LAM. Carta de Lima. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (14). Lima [Peru]. In: op. cit., p. 90-91.

<sup>118</sup> GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**. Trad. Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 194-195.

Se considerarmos os usos do patrimônio a partir dos estudos sobre reprodução cultural e desigualdade social, vemos que os bens reunidos na história por cada sociedade não pertencem *realmente* a todos, mesmo que *formalmente* pareçam ser de todos e estejam disponíveis para que todos os usem.<sup>119</sup>

Na verdade, Patrimônio, segundo Scheiner, nada mais é do que

[...] **uma poderosa construção sógnica**, constituída e instituída a partir de percepções identitárias e integralmente vinculada ao sentimento de pertença – a partir do qual se reflete em todos os jogos da memória e se expressa em todas as representações sociais. '**Patrimônio**' é portanto um **conceito polissêmico**, que pode estar vinculado tanto ao conjunto de elementos possuídos pelo indivíduo, na esfera pessoal, como ao conjunto de signos reconhecidos como '*bens*', por uma ou mais coletividades. Impregnado de um sentido econômico, expressa as relações que cada grupo social estabelece com a natureza ou com sua produção cultural – estando diretamente influenciado pelas maneiras sob as quais cada sociedade compreende Natureza e Cultura.<sup>120</sup>

O patrimônio por sua vez é um **ato comunicacional** e possui um caráter fundamentalmente solidário, constitutivo das identidades e da dinâmica dos grupos que compartilham deste substrato – como produtores ou consumidores.<sup>121</sup> Devemos estar atentos às narrativas que se desenvolvem sobre nosso patrimônio – é imprescindível que a ação museológica de nossos países reflita as novas matrizes simbólicas que reconfiguram o tecido social da região e que combinam, de modo muito especial, os testemunhos materiais e imateriais de nossa cultura.<sup>122</sup> “Em outros termos”, como afirmou Chagas (2000): o interesse no patrimônio não se justifica pelo vínculo com o passado, mas pela sua conexão com os problemas fragmentados da atualidade - a vida dos seres humanos em relação com outros seres, coisas, palavras, sentimentos e idéias.<sup>123</sup>

Conforme Tavares (2003) aponta, a relação de cada povo de uma cidade ou de uma região com o Patrimônio Cultural se dá ao longo de muitas gerações – fruto do encontro do Homem com seu meio natural e com os demais indivíduos da coletividade<sup>124</sup>. Este processo é chamado de Herança Cultural: quando existe uma tomada de consciência por parte da

<sup>119</sup> GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da Modernidade. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1998. p. 194.

<sup>120</sup> SCHEINER, Tereza. Sob o signo do Patrimônio: Museologia e Identidades Regionais. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO REGIONAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Salvador, Bahia, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, dez. 2003. pré-ed. Não paginado.

<sup>121</sup> *Ibidem*.

<sup>122</sup> *Idem*. Museologia e Patrimônio Intangível: A experiência virtual. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO INTANGÍVEL. **ICOFOM LAM**, Montevidéu, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 218, dezembro 2001.

<sup>123</sup> CHAGAS, Mário. Memória e Poder: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Santa Cruz, RJ, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 17, maio 2000.

<sup>124</sup> TAVARES, Regina Márcia Moura. Museos, impulsores del desarrollo de América Latina. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO REGIONAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Salvador, Bahia, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, dez. 2003. pré-ed. Não paginado.

população, na percepção das identidades individual e coletiva da própria continuidade grupal. Constata-se uma profunda ligação entre Herança Cultural, o Potencial Criativo e o Desenvolvimento das sociedades humanas.<sup>125</sup>

Assim, no âmbito da **atuação da Museologia na conscientização de nossas sociedades e/ou comunidades**, Rusconi (2000) afirma que esta atuação é “recente e muito jovem”, principalmente na relação entre projetos educativos e no exercício da participação social. Torna-se um desafio para a Museologia construir com as comunidades projetos de desenvolvimento sustentável.<sup>126</sup> Ainda para esta autora (2002), com relação à função social dos museus, o ICOFOM LAM tem fomentado uma tarefa museológica que contribui para afirmar os valores naturais e culturais dos povos, facilitando um desenvolvimento sustentável, harmônico, efetivo e duradouro. Apenas tendo uma clara consciência de seus valores é possível apreciar, de forma crítica, as criações e propostas culturais alheias e também os intercâmbios que a globalização pretende dispor a todos.<sup>127</sup>

Para Priosti (2000), as novas abordagens museológicas possibilitam um compromisso sério com o destino de nossas comunidades. A autora, porém, constata que não há muitas experiências com ecomuseus e museus comunitários – fórmula esta que constitui uma saída para melhorar nossa auto-estima, para trabalhar o passado sem estar preso a um sentimentalismo e para auxiliar na interpretação do futuro.<sup>128</sup>

Em relação às comunidades latino-americanas, Decarolis (2003) afirma que a força destas construirá uma profunda transformação sociopolítica e econômica que implicaria num importante desafio: a construção de um espaço cultural regional baseado na multiculturalidade e no respeito à alteridade.<sup>129</sup>

Ao caminhar pelo exemplo de Coro e La Vela<sup>130</sup>, chamaram-me a atenção as características híbridas que compõem estas cidades e automaticamente pude identificá-las

<sup>125</sup> TAVARES, Regina Márcia Moura. Museos, impulsores del desarrollo de América Latina. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO REGIONAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Salvador, Bahia, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, dez. 2003. pré-ed. Não paginado.

<sup>126</sup> RUSCONI, Norma. Comunidades y desarrollo sustentable: incidencia de la labor del Museo y de la Museología. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Santa Cruz, RJ, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 269, maio 2000.

<sup>127</sup> Idem. Contribuciones para un análisis de la producción teórica en Museología, a los diez años del ICOFOM LAM. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E APRESENTAÇÃO: ORIGINAL/REAL OU VIRTUAL? **ICOFOM LAM**, Cuenca and Galápagos Islands, Equador, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 171, Out. 2002.

<sup>128</sup> PRIOSTI, Odalice. El Ecomuseo de Santa Cruz. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Santa Cruz, RJ, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.78, maio 2000.

<sup>129</sup> DECAROLIS, Nelly. Museologia, Patrimônio Regional e Identidade. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO REGIONAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Salvador, Bahia, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, Dez. 2003. pré-ed. Não paginado.

<sup>130</sup> Exemplo este citado na Tese de Doutorado de Scheiner.

como presentes na maioria dos países latino-americanos. E encontrei, fascinada, que a autora do texto também fez tal comparação. Scheiner afirma que este modo de ser ambíguo faz com que nós - latino-americano(a)s- nos reconheçamos e nos identificamos com este caso. Trata-se, como a autora mesmo afirma, de uma “[...] grande metáfora das riquezas e contradições que configuram a nossa América Latina.”<sup>131</sup>

O que acontece neste caso? Segundo a autora, entre as políticas do Instituto de Patrimônio Cultural<sup>132</sup> e as do Centro UNESCO/Coro<sup>133</sup>, a relação entre comunidade e patrimônio fica mais claro nas narrativas deste último. A narrativa deste centro desenvolve-se “sob a forma de um discurso alternativo, constituído pela articulação inteligente de conjuntos de relatos de membros da própria comunidade.”<sup>134</sup> Destaca-se então a importância da memória coletiva, especialmente a memória oral: são relatos espontâneos, recolhidos, documentados ou produzidos pelo próprio Centro. Scheiner declara de maneira clara e objetiva que nenhuma “[...] abordagem intelectual poderia substituir este olhar sobre a vida comunitária, apenas possível quando a própria comunidade toma a palavra e se apresenta enquanto fato social, enquanto multiplicidade.”<sup>135</sup> E é enfática quando declara que as comunidades de Coro e La Vela ao lutarem pela preservação do patrimônio estão lutando pela sua própria maneira de ser, garantindo o direito de permanecerem do jeito que são.

Reyes (2003), responsável pela experiência de Coro e La Vela, reforça:

Toda Comunidade enlaça os fios de sua história para tecer uma cultura que é a expressão própria de seu sentir, pensar, amar. A maneira como se manifesta e dá conotações especiais e uma valorização que a converte em seu patrimônio local. A força desta expressão, o sentido de pertença da comunidade a seu povo, cidade ou país e a defesa de sua identidade e do direito a ser expressão única de seu próprio ser é o que dá força a um Nação ou a uma Comunidade e a faz transpassar em valor seus próprios limites.<sup>136</sup>

É necessário saber compreender como, onde e quando se dão esses cruzamentos para o entendimento dos processos interativos entre tradição, modernidade e contemporaneidade na América Latina, na interseção entre as diferentes práticas sociais. Para Scheiner, no âmbito da Museologia, esse entendimento servirá como base para a ação

<sup>131</sup> SCHEINER, Tereza. **Imagens do não-lugar: comunicação e os novos patrimônios**. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ECO, Rio de Janeiro, 2004. p. 164.

<sup>132</sup> IPC – Instituto de Patrimônio Cultural, equivalente ao IPHAN no Brasil.

<sup>133</sup> “[...] Associação sem fins lucrativos, destinada à defesa, preservação e conservação do patrimônio do Estado Falcón e da Venezuela. Um dos objetivos do Centro é atuar na formação de uma consciência pública sobre todos os aspectos relacionados ao patrimônio - divulgando, defendendo e conscientizando a população local sobre os princípios básicos da UNESCO relativos aos valores éticos e ao desenvolvimento sociocultural.” Ibidem, p. 63.

<sup>134</sup> Ibidem, p. 161.

<sup>135</sup> Ibidem, p. 161-162.

<sup>136</sup> REYES, Ana María. La experiencia de Coro y la Vela: de Patrimonio local a Patrimonio Mundial. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO REGIONAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Salvador, Bahia, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, Dez. 2003. pré-ed. Não paginado.

museológica, buscando compreender como têm-se articulado as diferentes formas de discurso e quais as narrativas desenvolvidas.<sup>137</sup>

Não permitir a atuação da comunidade no discurso do Museu dá a entender que esta não tem nada a dizer – ou o que e como ela diz não é importante<sup>138</sup>. Scheiner (1998) aponta o caminho:

Quanto à América Latina, diria que **nossos museus não tem uma missão, mas uma opção**: a de ajudar o homem latino-americano a reconhecer-se e a fazer-se representar, em pluralidade e diversidade, com toda a sua glória e contradições - valorizando as iniciativas culturais autênticas e efetivamente reveladoras de nossa complexidade e atuando efetivamente como representação das múltiplas possibilidades do homem - seu eterno referente. **Pois não há apenas um museu possível para a América Latina: ao contrário, todas as formas de Museu são aqui possíveis, como também aqui são possíveis todos os tipos de natureza, de cultura e de homem.**<sup>139</sup>

E Tavares complementa (2003):

Na América Latina, os Museus do terceiro milênio só sobrevirão com dignidade e como espaços verdadeiramente educativos não formais se estiverem em sintonia com o maravilhoso mundo multicultural em que vivemos, tangível e intangível, cada vez mais consciente de seus direitos, e conseguirão, efetivamente, realizar a façanha de guiar a todos nossos povos para não serem prisioneiros do olhar do “outro”, mutilados em sua auto-estima, para chegar a serem populações capazes de realizar a trajetória vivencial com que haviam sonhado.<sup>140</sup>

A Revolução está instaurada: neste capítulo percebemos que falas de teóricos do ICOFOM LAM, apoiadas em outros autores, complementaram e reforçaram o que foi discutido e apresentado nos documentos finais do ICOFOM LAM – o possível e belíssimo movimento de “suleação” do Museu, da Museologia, das sociedades e/ou comunidades latino-americanas. Esta revolução, sim, foi possível, concreta e tem grande potencial para modificar – e libertar – a América Latina. Tal revolução só precisa de mais adeptos, interessados no bem-estar das nossas sociedades. Temos absoluta certeza de que o ICOFOM LAM os aguarda ansiosamente, de braços abertos e apontando para o “Sul”.

<sup>137</sup> SCHEINER, Tereza. Museologia, Identidade e Desenvolvimento Sustentável: estratégias discursivas. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Santa Cruz, RJ, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.47, maio 2000.

<sup>138</sup> Idem. Museologia, Globalismo e diversidade cultural. In: MUSEOLOGIA E DIVERSIDADE CULTURAL NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. **ICOFOM LAM**, Cidade do México, México, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 144, Jun. 1998.

<sup>139</sup> Ibidem, p. 173-174.

<sup>140</sup> TAVARES, Regina Márcia Moura. Museos, impulsores del desarrollo de América Latina. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO REGIONAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Salvador, Bahia, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, dez. 2003. pré-ed. Não paginado.



## **5 CONCLUSÕES**

## UNIDADE NA DIVERSIDADE

*“O sonho da igualdade  
Sonhando pluralidades [...]”.*<sup>1</sup>

“*Consenso*” - foi a palavra que usou minha amiga Fernanda, também museóloga e mestranda em Museologia, em conversa sobre a Museologia como campo, quando estávamos fazendo a longa viagem para Salvador, indo para o ENANCIB<sup>2</sup>. Lembro-me exatamente de suas palavras: “a Museologia não se constitui como campo porque não há consenso.” Pensei, naquele momento, e percebi que, de certa forma, minha amiga tinha razão. Até porque, tinha mais em mente naquele instante as discussões do ICOFOM - e ainda não haviam chegado “ao tal consenso”.

Meses mais tarde, no encontro do ICOFOM LAM de 2008 – um “cenário” e um “espaço” totalmente diferente do ENANCIB – levantei a questão do consenso para as pessoas. O que ouvi, das que se pronunciaram, foi que “não há como ter consenso”, “o consenso é, no mínimo, perigoso” – as outras, por sua vez, me olharam ou perplexas ou questionando-se aonde eu queria chegar com aquela questão. Até porque, tais pessoas, estão impregnadas das questões que permeiam a denominada “pós-Modernidade” – um mundo sob novos paradigmas, num universo de multiplicidades e contradições, cuja “nova ordem” é a complexidade – “onde tudo se vê subvertido pela aceitação do impreciso, e o que até bem pouco era doxa ou dogma vem sendo relativizado”<sup>3</sup>. E concordamos plenamente.

Assim, quando lançamos a questão sobre consenso pode parecer, no mínimo, contraditório, o trajeto apresentado nesta dissertação: desde a introdução tentamos justificar a diversidade e/ou a pluralidade e, portanto a necessidade de serem compreendidas pelo Museu e pela Museologia. Onde estaria o consenso, a unidade?

Nos dois momentos narrados acima, não respondi à pergunta, apenas a considerei, no primeiro momento, e a “lancei” no segundo momento. Pretendemos nestas conclusões respondê-la.

---

<sup>1</sup> Frase da música “*O Sonho*” de autoria de Kim, César e Júlio - Banda Catedral e parte da Epígrafe desta dissertação.

<sup>2</sup> Neste caso, **VIII ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, realizado entre os dias 28 e 31 de outubro de 2007, em Salvador, Bahia.

<sup>3</sup> SCHEINER, Tereza. Museologia, Identidade e Desenvolvimento Sustentável: estratégias discursivas. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Santa Cruz, RJ, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.46, maio 2000.

Em 2005 o ICOFOM encaminhou uma definição de museu – nomeada **Declaração de Calgary** - ao Conselho Executivo do ICOM, para ser considerada nos novos Estatutos do ICOM, a serem apresentados à Assembléia Geral do ICOM em 2007:

Museu é uma instituição para benefício da sociedade, consagrada a explorar e a compreender o mundo através da investigação, da preservação e da comunicação – em particular por meio da interpretação e da exposição – da evidência material e imaterial que constitui o patrimônio da humanidade. É uma instituição sem fins lucrativos.<sup>4</sup>

Creemos que tal definição tenha sido muito discutida durante este encontro, e não deve ter sido uma tarefa fácil chegar a uma conclusão no âmbito de um comitê de 30 anos de existência, com vários autores importantes e com opiniões completamente diversas. É importante destacar também que esta nova definição considera a presença dos termos *imaterial* e *patrimônio*, não presentes na definição anterior. Contudo, a dúvida é: porque ainda se prender ao termo **instituição** para definir Museu? Não quero dizer que o Museu não seja também uma instituição, mas ao considerar somente esta manifestação, excluimos outras possibilidades, pois como considerar o Museu Interior? Ou o Museu Virtual? Ou o Museu Global? Devemos apenas enquadrá-los no âmbito do termo imaterial?

Estas premissas foram discutidas também no ICOFOM LAM 2008, no GT 01 **“Museu e Museologia: idéias e conceitos”**. Neste grupo, questionamos como essa e a definição de Museu atual do ICOM podem representar as diversas manifestações do Museu e mais – nos representar.

Neste ponto, o ICOFOM LAM se adiantou. Quase dez anos antes desta definição, este subcomitê já considerava o **“Museu como fenômeno social dinâmico que se apresenta de diversas maneiras e formas, de acordo com as características e necessidades da sociedade em que se encontra”**.<sup>5</sup> Não seria esta uma definição mais esclarecedora e abrangente? Na verdade, sempre se teme o desconhecido, e seja mais fácil delimitar o Museu a uma instituição do que aprofundar-se num estudo acerca de um fenômeno, rumo ao desconhecido...

Em relação à discussão acerca do que viria a ser Museologia, no âmbito do ICOFOM e apresentada na segunda seção, percebemos que alguns teóricos tentaram afastar a Museologia do **museu enquanto instituição e tendo como objeto de estudo suas coleções e as práticas que o permeiam**. Como o caso de Gregorová, que apresentou a Museologia como estudo de uma relação específica do Homem com a Realidade. O que

<sup>4</sup> MAIRESSE, François (Org.). **Defining the Museum**. Morlanwez, Belgium: Musée royal de Mariemont, 2005. p. 16-17. pré-ed.

<sup>5</sup> ICOFOM LAM. Conclusiones y Recomendaciones. ENCUESTO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (1). Buenos Aires [Argentina]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano – los documentos del ICOFOM LAM**. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 17.

teóricos como ela não queriam era que a Museologia ainda estivesse delimitada apenas a um conjunto de práticas de museus, e pior, este não sendo considerado um fenômeno. A Museologia não é nada mais nada menos que o estudo do **Museu** – sendo este sim **a relação específica entre o Homem e a Realidade**. Este Museu, portanto, não é um museu estagnado no tempo – conjunto de “coisas do passado” - e sim um Museu fluido, inconstante, maleável, que se apresenta de formas completamente diferentes num real complexo, a partir da relação entre o homem e/ou comunidade com um patrimônio, que por sua vez também pode ser mutável, intangível. Os teóricos da Museologia – atuais e futuros – não poderiam querer mais...

Podemos identificar, ainda nesta mesma seção, que esta forma de perceber a Museologia – e que influenciou o ICOFOM LAM desde o princípio - ficou restrita a alguns teóricos, tais como Gregorová, Maroevic, Stránský e Scheiner. A maioria dos autores do ICOFOM ainda tem uma visão limitada de Museu e de Museologia, fato este que fica claro na definição de Museu apresentada ao ICOM. Esta premissa não justifica a existência de poucos estudos sobre esta produção – ao contrário, é ao se debruçar sobre esta produção é que poderemos efetivamente pensar à Museologia como campo, considerando as questões colocadas pelos teóricos, ao longo dos anos.

Ao nos debruçarmos sobre a produção do ICOFOM despertou-nos o interesse em considerar a Museologia no espaço latino-americano, o que nos motivou a refletirmos acerca da produção do ICOFOM LAM. E, este processo apresentado nas seções 3 e 4, nos leva a concluir que efetivamente o ICOFOM LAM “revolucionou”: primeiro, porque a maioria dos teóricos está voltada para discutir como a Museologia se configura na América Latina, “suleando-a”; segundo, porque entendem que é necessário levar em conta a multiplicidade do Museu para assim adequar-se as diferentes necessidades das sociedades latino-americanas; terceiro, a partir do entendimento do caráter fenomênico do Museu, os teóricos buscam, tanto na teoria quanto na prática, apresentar soluções e/ou resultados; em quarto lugar, a produção do ICOFOM LAM é lida, respeitada e considerada pelos demais subcomitês do ICOFOM e por este comitê; e, em último lugar, o ICOFOM LAM propicia o diálogo entre diferentes teóricos de diversas partes da nossa Região, que tenham o interesse em pensar a Museologia e conseqüentemente o Museu.

É nestas constatações que se baseiam **o consenso e a unidade: no respeito à diversidade**. Podemos finalmente compreender que a **unidade está na diversidade**, no admitir a pluralidade, a complexidade, a contradição, a relativização do mundo, dos fenômenos, das sociedades e de nós mesmos. **O consenso da Museologia está em**

**entender o Museu como uma manifestação livre, plural – e de entender-se como fluída, como campo, área, “filosofia”, com fronteiras indefinidas e imprecisas.**

Reforçamos, assim, a relevância da produção do ICOFOM LAM – apresentada nas seções 3 e 4: apesar dos autores terem diferentes opiniões sobre Museu e Museologia, grande parte considera e reforça a diversidade, a multiplicidade do Museu, da Museologia e das nossas sociedades latino-americanas.

Dentre as contribuições do ICOFOM LAM, destacamos a importância da produção teórica do Brasil e da Argentina – que ficou clara na escolha dos autores na seção 4. No caso do Brasil, do qual podemos falar com mais liberdade, este fato se deve principalmente pela consolidação de um curso de Museologia (anteriormente de Museus) de mais de 75 anos. Sem falar que, atualmente, com o **Mestrado em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS UNIRIO/MAST**, o incentivo à publicação e trabalhos de cunho acadêmico tende a crescer, principalmente no âmbito do ICOFOM LAM – os alunos recebem incentivos para filiarem-se e conseqüentemente participar dos debates e das publicações. Podemos afirmar que este Mestrado é fruto das recomendações do ICOFOM LAM – ambos são resultados do esforço e do desejo de consolidação da Museologia na América Latina da teórica Tereza Scheiner.

Em relação aos artigos, ainda na seção 4, vale lembrar que muitos não foram citados – muitos deles de relevância e outros mais voltados para experiências muito específicas. Afinal de contas, todo processo de seleção se baseia nesta relação: entre “lembrar” e “esquecer”; também a seleção, neste caso, foi fruto da interpretação da autora.

Vale ressaltar também que, ainda no âmbito do ICOFOM LAM 2008, foi apresentado o **GT do Brasil do ICOFOM LAM**<sup>6</sup>. O objetivo principal deste grupo é o de dar continuidade às discussões apresentadas pelo ICOFOM LAM, a nível nacional. Um desdobramento do ICOFOM LAM muito importante para consolidar suas propostas e discussões em um país com um grande número de profissionais com potencial para a reflexão do campo.

Gostaríamos de reforçar ainda o diálogo existente entre esta dissertação e os resultados do Encontro de 2008 – reforçando o quanto é importante (re)pensarmos o ICOFOM LAM. Neste processo, os participantes do GT 3 – **“Museologia na América Latina e Caribe: da teoria à prática”**, consideraram também que: “[...] a **Museologia** ainda

---

<sup>6</sup> Idealizado pelos museólogos e mestrandos em Museologia Bruno Soares e Monique Magaldi.

apresenta um **frágil arcabouço teórico e reduzido consenso**, onde só o aprofundamento dos debates e das reflexões produzirá a novidade esperada.”<sup>7</sup>

Sim, a Museologia ainda está caminhando. Esta fragilidade ficou clara devido a algumas dificuldades apresentadas nas produções teóricas do ICOFOM e ICOFOM LAM: uma “confusão” no uso dos termos ciência, campo, área para definir a Museologia; poucos artigos voltados para discutir a Museologia, em proporção de um grande número de artigos como “relato de experiências”, levando a necessidade da existência um corpo editorial que selecione os artigos de acordo com as temáticas; e a pouca difusão dos trabalhos do ICOFOM e do ICOFOM LAM entre os profissionais e as instituições.

Em relação ao consenso, sabemos que o caminho trilhado pela Museologia é composto de incertezas, de fragilidades. O que para muitos pode parecer um problema, podemos considerar como uma característica da Museologia – ser maleável como seu objeto de estudo, modificando-se de acordo com a necessidade deste no ambiente onde se instaurar. Seja este ambiente a América Latina, a Ásia, a África, a Europa, a Oceania, as pequenas comunidades no Alto do Xingu, o espaço virtual da *internet* ou até mesmo a Luciana ou o leitor desta dissertação. O consenso da Museologia, para nós – ICOFOM LAM - sempre estará na liberdade, presente na diversidade, que nada mais é do que a riqueza do potencial que o Museu pode proporcionar.

---

<sup>7</sup> ICOFOM LAM. Documento do Grupo de Trabalho 03 – Museologia na América Latina e Caribe: da teoria à prática. In: WORKSHOP MUSEOLOGIA COMO CAMPO DISCIPLINAR. **ICOFOM LAM**, Rio de Janeiro, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, março 2008. pré-ed. Não paginado.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Márcio Tavares D' (org.). **Contemporaneidade e Novas Tecnologias**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.
- ARRIBADA, Bernardo & LIMA, Diana Farjalla Correia. Museologia e Linguagem de Especialidade – discutindo documentação, catalogação, inventário, indexação. In: WORKSHOP MUSEOLOGIA COMO CAMPO DISCIPLINAR. **ICOFOM LAM**, Rio de Janeiro, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, março 2008. pré-ed. Não paginado.
- BAGHLI, Sid Ahmed; BOYLAN, Patrick; HERREMAN, Yani. **History of ICOM (1946-1996)**. Paris: ICOM, 1998.
- BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira. A Sociologia das Profissões: Em torno da legitimidade de um Objeto. **BIB: Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais**, n.º 36. Rio de Janeiro: RELUMEDUMARÁ/ANPOCS, 1993. p. 3-30.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001. 258p.
- BIBLIA, A. T. Salomão. Português. 1995. **Livro do Eclesiastes ou Pregador**, cap. 4, vers. 9. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, [1995].
- BRAGA, Maria do Rosário de Assumpção. **Relações entre arte e ciência em museus de ciência**. 2004. Dissertação (Mestrado em História das Ciências) - Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2004. 230p.
- BORIOLI, Liliana. Patrimonio, Museos y Memoria em América Latina. In: SIMPÓSIO MUSEUS, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. **ICOFOM LAM**, Cuenca, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.141-151, 1997.
- BOSCH, Sebastián. Consideraciones teóricas para la Museología, el Patrimonio Intangible y la Identidad Cultural. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 43-49, nov/dez 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 322 p.
- BOYLAN, Patrick J. (Org.). Cincuenta años del ICOM. **Museum International**. Paris, UNESCO, n. 19, v. 48, n. 3, 1996.
- CAMPOS, Márcio D'Olne. **Sulear vs Nortear: representações e apropriações do espaço entre emoção, empiria e ideologia**. p. 41-68. Disponível em: <[http://www.sulear.com.br/Textos/arquivos\\_textos/texto03.pdf](http://www.sulear.com.br/Textos/arquivos_textos/texto03.pdf)>. Acesso em: 08 fev. 2008.
- CANEN, Ana. O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação. **Comunicação & Política** – Pela integração latino-americana, Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, v. 25, n. 2, p. 91-107, maio-agosto 2007.
- CARVALHO, Luciana Menezes de. **Da Teoria para uma boa Prática: estudos sobre o Comitê Internacional de Museologia e sua importância para o desenvolvimento da Museologia como campo disciplinar**. 2006. 112 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia)-Escola de Museologia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Orientadora: Tereza Scheiner.
- CERAVOLO, Suely Moraes. **Da palavra ao termo – um caminho para compreender Museologia**. 2004. Tese (Doutorado em Biblioteconomia e Documentação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Orientadora: Maria de Fátima Gonçalves Moreira Tálamo.

CHAGAS, Mário. **Imaginação Museal: Museu, Memória e Poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro**. 2003. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - PPCIS. Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, Rio de Janeiro, 2003.

\_\_\_\_\_. Memória e Poder: contribuição para a teoria e a prática nos ecomuseus. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Santa Cruz, RJ, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 12-18, maio 2000.

CRONOLOGIA do ICOM. Disponível em: < <http://icom.museum/chronology.html> >. Acesso em: 22 jan. 2006.

CURY, Marília Xavier. A busca pela autonomia: Museologia, museus e globalização. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E APRESENTAÇÃO: ORIGINAL/REAL OU VIRTUAL? **ICOFOM LAM**, Cuenca and Galápagos Islands, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.55-63, Out. 2002.

\_\_\_\_\_. Museologia e Tolerância cultural: Perspectivas para uma cidadania mundial. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO REGIONAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Salvador, Bahia, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, dez. 2003. pré-ed. Não paginado.

\_\_\_\_\_. Museu, filho de Orfeu, e Musealização. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 50-55, nov/dez 1999.

DECAROLIS, Nelly. ICOFOM LAM 1990-2000. **ICOM STUDY SERIES**, Paris, ICOM, n.8, p. 14, 2000.

\_\_\_\_\_. Museologia, Patrimônio Regional e Identidade. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO REGIONAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Salvador, Bahia, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, dez. 2003. pré-ed. Não paginado.

\_\_\_\_\_. Reflexiones sobre Museología, Estética y Arte. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND ART. **ISS: ICOFOM STUDY SERIES**, Rio de Janeiro, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 26, p. 164, May 1996.

\_\_\_\_\_. Relaciones de la Filosofía con la Museología contemporánea. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 65-70, nov/dez 1999.

DECLARAÇÃO de Oaxtepec. Disponível em: < <http://www.nuevamuseologia.com.ar/Oaxtepe.htm> >. Acesso em: 15 mar. 2008.

DOCUMENT n. 1. **MuWoP: Museological Working Papers = DoTraM: Documents de Travail en Muséologie**. Museology – Science or just practical museum work, Stockholm, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM/Museum of National Antiquities, v. 1, p. 57, 1980.

DURAND, Karina. IX ICOFOM LAM: Museología y desarrollo sustentable. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E APRESENTAÇÃO: ORIGINAL/REAL OU VIRTUAL? **ICOFOM LAM**, Cuenca and Galápagos Islands, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 19-21, Out. 2002.

**Folha de Trigo**. Rio de Janeiro, n. 5, 2ª semana, março de 2007. Folheto.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. 236 p.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança** – Um reencontro com a Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 245 p.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1995. 555p.

GARCIA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**. Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 1998. 385p.

GORGAS, Mónica Risnicoff de. Desafios profesionales para el futuro dos museos. In: WORKSHOP MUSEOLOGIA COMO CAMPO DISCIPLINAR. **ICOFOM LAM**, Rio de Janeiro, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, março 2008. pré-ed. Não paginado.

\_\_\_\_\_. Os museus e a crise dos povos de identidade concorrente. In: MUSEOLOGIA E DIVERSIDADE CULTURAL NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. **ICOFOM LAM**, Cidade do México, México, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 117-129, Jun. 1998.

\_\_\_\_\_. Os museus em busca da Memória Perdida. In: SIMPÓSIO MUSEUS, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. **ICOFOM LAM**, Cuenca, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.110-112, 1997.

\_\_\_\_\_. Sumario Analítico. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (5). Rio de Janeiro [Brasil]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 36-37.

GREGOROVÁ, Anna. [untitled]. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND IDENTITY. **ISS: ICOFOM STUDY SERIES**, Buenos Aires, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 10, p. 115, Oct. 1986.

\_\_\_\_\_. [untitled]. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND MUSEUMS. **ISS: ICOFOM STUDY SERIES**, Helsinki-Espoo, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 12, p. 121-129, Sept. 1987.

ICOFOM LAM. **BOLETIM ICOFOM LAM**, Ano I n. 1, fevereiro, 1991. 2p.

\_\_\_\_\_. **BOLETIM ICOFOM LAM**, Ano I, n. 2, julho 1991.

\_\_\_\_\_. Carta de Coro. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (8). Coro [Venezuela]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 49-54.

\_\_\_\_\_. Carta de Cuenca. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (6). Cuenca [Ecuador]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 38-44.

\_\_\_\_\_. Carta de la Antigua Guatemala. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (13). Antigua Guatemala [Guatemala]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 82-88.

\_\_\_\_\_. Carta de Lima. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (15). Lima [Peru]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 89-97.

\_\_\_\_\_. Carta de Montevideo. ENCUESTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (10). Montevideo [Uruguay]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 58-66.

\_\_\_\_\_. Carta de Santa Cruz. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Santa Cruz, RJ, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.305-308, maio 2000.

\_\_\_\_\_. Conclusões y Recomendaciones. ENCUENTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (1). Buenos Aires [Argentina]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 17-19.

\_\_\_\_\_. Conclusões y Recomendaciones. ENCUENTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (2). Quito [Ecuador]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 20-26.

\_\_\_\_\_. Declaración de Bahía. ENCUENTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (12). Salvador, Bahía [Brasil]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 70-81.

\_\_\_\_\_. Declaración de Barquisimeto. ENCUENTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (4). Barquisimeto [Venezuela]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 30-35.

\_\_\_\_\_. Documento do Grupo de Trabalho 01 – Museu e Museologia: idéias e conceitos. In: WORKSHOP MUSEOLOGIA COMO CAMPO DISCIPLINAR. **ICOFOM LAM**, Rio de Janeiro, Brasil, Subcomité Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, março 2008. pré-ed. Não paginado.

\_\_\_\_\_. Documento do Grupo de Trabalho 02 – Museologia e suas interfaces com outros campos disciplinares. In: WORKSHOP MUSEOLOGIA COMO CAMPO DISCIPLINAR. **ICOFOM LAM**, Rio de Janeiro, Brasil, Subcomité Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, março 2008. pré-ed. Não paginado.

\_\_\_\_\_. Documento do Grupo de Trabalho 03 – Museologia na América Latina e Caribe: da teoria à prática. In: WORKSHOP MUSEOLOGIA COMO CAMPO DISCIPLINAR. **ICOFOM LAM**, Rio de Janeiro, Brasil, Subcomité Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, março 2008. pré-ed. Não paginado.

\_\_\_\_\_. ICOFOM LAM: Uma década de Museologia Teórica na América Latina. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E APRESENTAÇÃO: ORIGINAL/REAL OU VIRTUAL? **ICOFOM LAM**, Cuenca and Galápagos Islands, Subcomité Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 8, Out. 2002.

\_\_\_\_\_. Manifiesto de Cuenca. ENCUENTRO DEL COMITÉ REGIONAL PARA A AMÉRICA LATINA Y CARIBE / ICOFOM LAM (11). Cuenca [Ecuador]. In: **El pensamiento museológico latinoamericano** – los documentos del ICOFOM LAM. Córdoba: ICOFOM LAM, 2006. p. 67-69.

\_\_\_\_\_. Manifesto de Santa Cruz. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Santa Cruz, RJ, Subcomité Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.299-300, maio 2000.

\_\_\_\_\_. Síntesis de la Declaración de Xochimilco. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Subcomité Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.24-27, 1999.

KLAUSEWITZ, W. Museological provocations 1979 – by the Editorial Board. **MuWoP**: Museological Working Papers = **DoTraM**: Documents de Travail en Muséologie. Museology – Science or just practical museum work. , Stockholm, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM/Museum of National Antiquities, v. 1, p.11, 1980.

LIMA, Diana Farjalla Correia. **Ciência da Informação, Museologia e Fertilização Interdisciplinar**: Informação em Arte, um novo campo do saber. 2003. 346 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

\_\_\_\_\_. Museu e diversidade cultural: implicações de um espaço simbólico de poder. In: MUSEOLOGIA E DIVERSIDADE CULTURAL NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. **ICOFOM LAM**, Cidade do México, México, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 64-89, Jun. 1998.

LUGO, Raúl M. **Da Museologia institucional à Museologia do povo**. In: X Jornada sobre a Função Social do Museu, Economuseologia e Desenvolvimento Sustentável. Povia do Lanhoso, Portugal, 26-28 set. 1997.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 6 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000. 131p.

MAIRESSE, François (Org.). **Defining the Museum**. Morlanwez, Belgium: Musée royal de Mariemont, 2005. 230p. pré-ed.

MAOREVIC, Ivo. Identity as a constituent part of Museality. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND IDENTITY. **ISS: ICOFOM STUDY SERIES**, Buenos Aires, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 10, p. 188, Oct. 1986.

\_\_\_\_\_. Museology as a part of Information Sciences. In: SYMPOSIUM METHODOLOGY OF MUSEOLOGY AND PROFESSIONAL TRAINING. **ISS: ICOFOM STUDY SERIES**, Londres, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 5, p. 43, Aug. 1983.

\_\_\_\_\_. Towards a new definition of a museum. In: MAIRESSE, François (Org.). **Defining the Museum**. Morlanwez, Belgium: Musée royal de Mariemont, 2005. p. 135-145. pré-ed.

MIRANDA, M.L.C. de. A Organização do conhecimento e seus paradigmas científicos: uma abordagem epistemológica. **Informare** – Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 64-77, jul-dez. 1999.

PRIOSTI, Odalice. El Ecomuseo de Santa Cruz. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Santa Cruz, RJ, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p.77-79, maio 2000.

\_\_\_\_\_. La nueva Museología y el Patrimonio Intangible. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO INTANGÍVEL. **ICOFOM LAM**, Montevidéu, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 178, dezembro 2001.

RANGEL, Márcio F. Museologia, a Poesia da Filosofia. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 115-118, nov/dez 1999.

REAL, Regina Monteiro. **O museu ideal**. Belo Horizonte: Tipografia da faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais e do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, p. 5, 1958.

REYES, Ana María. La experiencia de Coro y la Vela: de Patrimonio local a Patrimonio Mundial. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO REGIONAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Salvador, Bahia, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, Dez. 2003. pré-ed. Não paginado.

RUSCONI, Norma. Comunidades y desarrollo sustentable: incidencia de la labor del Museo y de la Museología. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Santa Cruz, RJ, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 267-271, maio 2000.

\_\_\_\_\_. Contribuciones para un análisis de la producción teórica en Museología, a los diez años del ICOFOM LAM. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E APRESENTAÇÃO: ORIGINAL/REAL OU VIRTUAL? **ICOFOM LAM**, Cuenca and Galápagos Islands, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 169-181, Out. 2002.

\_\_\_\_\_. Logos y Identidad: Retorica y Semiologia de fin de siglo. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 124-132, nov/dez 1999.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. As megaexposições no Brasil: Democratização ou banalização da Arte? In: **Cadernos de Sociomuseologia**: Museu e Políticas de Memória, n. 19, 2002, p. 69-97.

SCHEINER, Tereza. **Apolo e Dionísio no templo das musas** – Museu: gênese, idéia e representações na cultura ocidental. 1998. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Escola de Comunicação Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998. 152 p. Orientador: Paulo Vaz.

\_\_\_\_\_. As bases ontológicas do Museu e da Museologia. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA, FILOSOFIA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Coro, Venezuela, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 133-164, nov/dez 1999.

\_\_\_\_\_. **Do Curso de Museus ao Mestrado em Museologia e Patrimônio**: 75 anos de ensino de Museologia no Brasil. Texto da conferência de abertura do Seminário Comemorativo aos 75 Anos do Ensino da Museologia no Brasil. RJ: Museu Histórico Nacional, maio de 2007. Documento inédito.

\_\_\_\_\_. **Imagens do não-lugar**: comunicação e os novos patrimônios. 2004. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ECO, Rio de Janeiro, 2004.

\_\_\_\_\_. Museologia e apresentação da realidade. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E APRESENTAÇÃO: ORIGINAL/REAL OU VIRTUAL? **ICOFOM LAM**, Cuenca and Galápagos Islands, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 96-105, Out. 2002.

\_\_\_\_\_. Museologia e Arte: uma imprecisa relação. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND ART. **ISS: ICOFOM STUDY SERIES**, Rio de Janeiro, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 26, p. 276, May 1996.

\_\_\_\_\_. Museologia e Patrimônio Intangível: A experiência virtual. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO INTANGÍVEL. **ICOFOM LAM**, Montevideu, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 214-224, dezembro 2001.

\_\_\_\_\_. Museologia e pesquisa: perspectivas na atualidade. In: Museu de Astronomia e Ciências Afins (Brasil). **MAST Colloquia – Museu**: Instituição de Pesquisa. Rio de Janeiro, 2005a. v. 7, p. 85-100.

\_\_\_\_\_. Museologia, Globalismo e diversidade cultural. In: MUSEOLOGIA E DIVERSIDADE CULTURAL NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE. **ICOFOM LAM**, Cidade do México, México, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 143-174, Jun. 1998.

\_\_\_\_\_. Museologia, Identidades, Desenvolvimento sustentável: estratégias discursivas. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Santa Cruz, RJ, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, p. 47-57, maio 2000.

\_\_\_\_\_. Museums and Exhibitions: Appointments for a theory of feeling. In: SYMPOSIUM THE LANGUAGE OF EXHIBITIONS. **ISS: ICOFOM STUDY SERIES**, Vevey, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 19, p. 109-113, Oct. 1991.

\_\_\_\_\_. Museum and Museology – Definitions in process. In: MAIRESSE, François (Org.). **Defining the Museum**. Morlanwez, Belgium: Musée royal de Mariemont, 2005. p. 177-195. Documento inédito.

\_\_\_\_\_. **O ICOFOM, a Nova Museologia e o MINOM**. 1999. p. 137-139. [Apostila].

\_\_\_\_\_. On museum, Communities and the Relativity of it all. In: SYMPOSIUM MUSEUMS AND COMMUNITY II. **ISS:** ICOFOM STUDY SERIES, Stavanger, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 25, p. 95-98, Jul. 1995.

\_\_\_\_\_. Sob o signo do Patrimônio: Museologia e Identidades Regionais. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO REGIONAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Salvador, Bahia, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, Dez. 2003. pré-ed. Não paginado.

\_\_\_\_\_. Society, Culture, Heritage and Museums in country called Brazil. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND DEVELOPING COUNTRIES – HELP OR MANIPULATION? **ISS:** ICOFOM STUDY SERIES, Hyderabad, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 15, p. 179-193, Nov. 1988.

\_\_\_\_\_. The many faces of ICOFOM. **ICOM STUDY SERIES**, Paris, n. 8, p. 2, 2000.

\_\_\_\_\_. The Subjects of the Museum and the Public as a Subject. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND AUDIENCE. **ISS:** ICOFOM STUDY SERIES, Calgary, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 35, p. 115-121, Sept. 2005.

SCHREINER, Klaus. [untitled]. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND DEVELOPING COUNTRIES – HELP OR MANIPULATION? **ISS:** ICOFOM STUDY SERIES, Hyderabad, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 15, p. 61-65, nov. 1988.

SEPÚLVEDA, Fernando Antonio Miranda. **A gênese do pensar de Ranganathan:** um olhar sobre as culturas que o influenciaram. Disponível em: < <http://www.conexaorio.com/bitl> >. Acesso em: 25 jun. 2007.

SOARES, Bruno César B. **Em busca do tesouro perdido:** a Nova Museologia, o Novo Museu e a América Latina. 2006. 175 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia)- Escola de Museologia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Orientador: Tereza Scheiner.

\_\_\_\_\_. Experimentando o Museu: A Museologia como campo disciplinar. In: WORKSHOP MUSEOLOGIA COMO CAMPO DISCIPLINAR. **ICOFOM LAM**, Rio de Janeiro, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, março 2008. pré-ed. Não paginado.

SOFKA, Vinos. Introductory summary by the Editor. **MuWoP:** Museological Working Papers = **DoTraM:** Documents de Travail en Muséologie. Museology – Science or just practical museum work, Stockholm, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM/Museum of National Antiquities, v. 1, p. 15, 1980.

\_\_\_\_\_. Museological provocations 1979 – by the Editorial Board. **MuWoP:** Museological Working Papers = **DoTraM:** Documents de Travail en Muséologie. Museology – Science or just practical museum work, Stockholm, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM/Museum of National Antiquities, v. 1, p. 12-13, 1980.

\_\_\_\_\_. My adventurous life with ICOFOM, Museology, Museologists, and anti-museologists, giving special reference to ICOFOM Study Series. **ISS:** ICOFOM STUDY SERIES, v. 1, Reprints, p. 22, 1995.

\_\_\_\_\_. The ICOM International Committee for Museology and its relationship to other International Committees of ICOM. **MuWoP:** Museological Working Papers = **DoTraM:** Documents de Travail en Muséologie. Interdisciplinarity in Museology, Stockholm, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, Museum of National Antiquities, v. 2, p. 78, 1981.

\_\_\_\_\_. The chicken or the egg? In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND MUSEUMS. **ISS:** ICOFOM STUDY SERIES, Helsinki-Espoo, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 12, p. 13-15, Sept. 1987.

\_\_\_\_\_. The topic and its framework. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND MUSEUMS. **ISS: ICOFOM STUDY SERIES**, Helsinki-Espoo, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 12, p. 7-8, Sept. 1987.

SOUSA, Marcelo Sá de. Museologia, Política e América Latina: Apontamentos para um Museu da Paz. In: WORKSHOP MUSEOLOGIA COMO CAMPO DISCIPLINAR. **ICOFOM LAM**, Rio de Janeiro, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, março 2008. pré-ed. Não paginado.

TAVARES, Regina Márcia Moura. Museos, impulsores del desarrollo de América Latina. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO REGIONAL NA AMÉRICA LATINA E CARIBE. **ICOFOM LAM**, Salvador, Bahia, Brasil, Subcomitê Regional para a América Latina e Caribe/ICOFOM LAM, dez. 2003. pré-ed. Não paginado.

UNESCO. Mesa Redonda de Santiago do Chile. **Museum**, vol. XXV (3), p. 126-204, 1973.

UNESCO. ICOM. **Declaração de Caracas**. p. 145-151. Apostila.

VAN MENSCH, Peter. **Towards a Methodology of Museology**. 1992. Tese de PHD. Universidade de Zágreb, Zágreb, 1992.

\_\_\_\_\_. [untitled]. In: SYMPOSIUM MUSEOLOGY AND IDENTITY. **ISS: ICOFOM STUDY SERIES**. **ISS: ICOFOM STUDY SERIES**, Buenos Aires, ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM, n. 11, p. 37, Oct. 1986.